

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**PPGH**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA

**ARQUITETURA E PATRIMÔNIO NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA LEITURA A  
PARTIR DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO**

**SAMANTHA ÁVILA PINTO**

**RIO GRANDE  
2016**

**SAMANTHA ÁVILA PINTO**

**ARQUITETURA E PATRIMÔNIO NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA LEITURA A PARTIR DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO**

Trabalho apresentado como requisito final para aprovação na prova de Defesa do Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da professor(a) Dr(a). VIVIAN DA SILVA PAULITSCH.

**RIO GRANDE  
2016**

### Ficha catalográfica

P659c Pinto, Samantha Ávila.

Arquitetura e patrimônio no ensino de História: uma leitura a partir da Igreja Nossa Senhora do Carmo / Samantha Ávila Pinto. – 2016.

137 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-graduação em História, Rio Grande/RS, 2016.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Vivian da Silva Paulitsch.

1. Ensino de História 2. Patrimônio 3. Igreja do Carmo  
4. Arquitetura I. Paulitsch, Vivian da Silva II. Título.

CDU 93:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário Me. João Paulo Borges da Silveira CRB 10/2130

*“Os bens materializados no espaço urbano narram a história da cidade: uma multiplicidade de textos surge a cada esquina, nos recantos dos jardins, nas praças, nas ruas e avenidas, nos estilos das casas, na renovação ou manutenção da fisionomia da cidade.”*

*(Maria Beatriz Pinheiro Machado, *Historiae, RG*, 2012, p.48)*

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação a todos e todas que diariamente lutam pela valorização da educação em nosso país e pelo nosso patrimônio, bem como a todos os alunos e alunas que fazem parte dessa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Deus amoroso e misericordioso, que me concede sabedoria e tantas amostras de Seus cuidados por mim.

Família e amigos, que a cada conquista vibra junto comigo, amo vocês.

Equipe Escola Adventista de Rio Grande, vocês também ocupam um espaço significativo na minha caminhada e no meu crescimento, obrigada.

Docentes do Programa de Pós-Graduação em História da FURG, obrigada pelos ensinamentos.

Finalmente, querida orientadora Vivian Paulitsch, por sempre confiar em mim e me acompanhar desde a graduação. Obrigada por me auxiliar a trilhar mais esta conquista.

A todos que de alguma forma participaram desse processo, o meu muito obrigada!

## RESUMO

A presente investigação se insere na linha de pesquisa *História, pesquisa e vivências de ensino aprendizagem*. Buscamos defender a ideia de que o estudo da Educação Patrimonial através da arquitetura se constitui como campo de possibilidades para a (re) significação do ensino de História e da compreensão da história local e, por conseguinte da história de cada indivíduo. A pesquisa justifica-se em virtude da relevância que os bens arquitetônicos têm a contribuir no ensino de História, no entendimento dos processos de mudanças e transformações pelos quais passa o local que esta se encontra. Suas modificações estruturais, usos e desusos são como páginas escritas e expostas a céu aberto, para todo aquele que queira observar e investigar o possa e o faça.

Ressaltamos a utilização da abordagem de cunho qualitativo, com foco nos processos apresentados na metodologia da Educação Patrimonial, difundida no Brasil por Horta, sendo a presente investigação uma possibilidade que se integra aos já conhecidos caminhos que percorrem as atividades de Educação Patrimonial nas escolas. A partir da pesquisa histórica acerca da Igreja do Carmo, bem arquitetônico do Rio Grande, desenvolveram-se oficinas patrimoniais com 35 alunos do Ensino Fundamental II, a fim de que os objetivos propostos através da educação patrimonial fossem alcançados e por fim disponibilizar a educadores e pesquisadores da área, os resultados, a pesquisa e o material paradidático elaborado a partir das ações da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Patrimônio. Igreja do Carmo. Arquitetura.**

## **ABSTRACT**

This research fits into the line of research history, research and teaching and learning experiences. We seek to defend the idea that the study of heritage education through architecture is constituted as a field of possibilities for (re) History teaching meaning and understanding of local history and therefore the history of each individual. The research is justified because of the relevance of the architectural goods have to contribute to the teaching of history, the understanding of change and transformation processes through which passes the place this is. Its structural modifications, uses and disuses are like pages written and exposed in the open for everyone who wants to observe and investigate the can and does. We emphasize the use of qualitative nature approach, focusing on the methodology of heritage education, known in Brazil by Horta, and this research is a possibility that integrates with known paths through the activities of heritage education in schools. From the historical research about the Carmo Church, and architectural Rio Grande, evolved patrimonial workshops for 35 elementary school students, so that the proposed objectives through heritage education were met and finally available to educators and researchers, the results, the research and the product made from the research activities.

**KEY-WORDS: Teaching of History. Heritage. Our Lady of Mount Carmel Church. Architecture.**

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO. 2010. ARQUIVO PIBID ARTES FURG.....	19
FIGURA 2. ELEMENTOS DA ARQUITETURA GÓTICA. DUSCHER, 2001.....	20
FIGURA 3. EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA GÓTICA. DUSCHER, 2001.....	21
FIGURA 4. ANTIGA CAPELA DO CARMO. FONTE: PROJETOCURIOSIDADESDERIOGRANDE.BLOGSPOT.COM.....	26
FIGURA 5. CEMITÉRIO DO CARMO. FONTE: PROJETOCURIOSIDADESDERIOGRANDE.BLOGSPOT.COM.....	27
FIGURA 6. CONSTRUÇÃO DAS AGULHAS. FONTE: PROJETOCURIOSIDADESDERIOGRANDE.BLOGSPOT.COM.....	34
FIGURA 7. IGREJA DO CARMO, VISTA AÉREA. GOOGLEMAPS, 2014.....	35
FIGURA 8. VISÃO DE UMA DAS TORRES PARA A NAVE DA IGREJA, FORMATO CRUZ LATINA. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	35
FIGURA 9. IGREJA DO CARMO DE URUGUAIANA, PROJETO E EXECUÇÃO IRMÃO MARIANO. FOTO: CRISTIANE ADIALA, 2005.....	37
FIGURA 10. CATEDRAL DE AMIENS.FONTE: HTTP://IGREJAS-CATEDRAIS.BLOGSPOT.COM; NOTREDAME.....	38
FIGURA 11.INTERIOR DA CATEDRAL SAINT-CNTL. FONTE: L'ARTEGOTHIC EM FRANCE L'ARCHITECTURE ET LADECORATION.....	38
FIGURA 12. INTERIOR DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO, RIO GRANDE. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	39
FIGURA 13. ROSÁCEA. DETALHE EXTERNO. ARQUIVO PIBID ARTES, 2012.....	40
FIGURA 14. ROSÁCEA. DETALHE INTERNO. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	40
FIGURA 15. SANTOS DE ROCA, CRISTO CARREGANDO A CRUZ E MARIA; IMAGEM DO CRISTO MORTO. AUTORA EM PESQUISA, 2012..	41
FIGURA 16. PIA BATISMAL. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	42
FIGURA 17. PIA BATISMAL. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	43
FIGURA 18. ANTIGA PIA BATISMAL. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	43
FIGURA 19. DETALHE DE UMA DAS ESCULTURAS DA VIA CRUCIS: CRISTO CARREGANDO A CRUZ, SEGUIDO POR DISCÍPULOS, MARIA E SOLDADOS ROMANOS. AUTORA EM PESQUISA. 2014.....	44
FIGURA 20. DETALHE CRUZ EM MÁRMORE LOCALIZADA ABAIXO DA VIA SACRA. AUTORA EM PESQUISA, 2014.....	45
FIGURA 21. NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO DOMINGOS. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	46
FIGURA 22. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	46
FIGURA 23. EXEMPLO DE PLANTA ESQUEMÁTICA DE CATEDRAL. A ÁREA ACINZENTADA REPRESENTA O CRUZEIRO.....	47
FIGURA 24. PLANTA ESQUEMÁTICA DA IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO DO RIO GRANDE. VIVIAN S. PAULITSCH, 2016.....	47
FIGURA 25. CRUZEIRO IGREJA DO CARMO. AUTORA EM PESQUISA, 2012.....	48
FIGURA 26. ALTAR-MOR. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	49
FIGURA 27. IMAGEM UTILIZADA COMO SUSBTITUTA NA INAUGURAÇÃO DA IGREJA. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	51
FIGURA 28. TORRE DA IGREJA ATUALMENTE. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	52
FIGURA 29. UM DOS SINOS DAS TORRES. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	53
FIGURA 30. CONFORMAÇÃO DOS SINOS NA TORRE LATERAL ESQUERDA. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	53
FIGURA 31. ALUNOS E DOCENTE NA COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA. FONTE: AUTORA EM PESQUISA, 2015.....	74
FIGURA 32. ALUNOS FOTOGRAFANDO NO INTERIOR DA IGREJA. AUTORA EM PESQUISA, 2015.....	75
FIGURA 33. ALUNOS PERCEBENDO ALGUNS DETALHES DO INTERIOR DA IGREJA. FONTE: AUTORA EM PESQUISA, 2015.....	76
FIGURA 34. AMPULHETA NO EXPOSITOR SANTOS DE ROCA.....	77
FIGURA 35. UMA DAS FOTOGRAFIAS QUE COMPORÁ A EXPOSIÇÃO. DETALHE DE VRITRAL EM COMPARTIMENTO INTERNO. FONTE: AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	78
FIGURA 36. ALUNO ESTUDANDO A COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA. FONTE: AUTORA EM PESQUISA, 2015.....	79
FIGURA 37. PRIMEIRA COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA. FONTE: AUTORA EM PESQUISA, 2015.....	80
FIGURA 38. SEGUNDA COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA. FONTE: AUTORA EM PESQUISA, 2015.....	81

FIGURA 39. ALFÂNDEGA DO RIO GRANDE, VISTA DA LAGOA. SITE BELAS IMAGENS RIO-GRANDINAS, 2014. ....	89
FIGURA 40. DESENHO E ESCRITA DOS ALUNOS ANTES DO CONHECIMENTO HISTÓRICO ATRAVÉS DA PESQUISA. ....	90
FIGURA 42. RELATO DE UMA ALUNA SOBRE A IGREJA DO CARMO, 2015. ....	91
FIGURA 41. DESENHO DE UM DOS ALUNOS, 2015. ....	91
FIGURA 43. GÁRGULA. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	92
FIGURA 44. GÁRGULA. AUTORA EM PESQUISA, 2016.....	93
FIGURA 45. PROFESSORA E ALUNOS EM EXPOSIÇÃO DIALOGADA EM FRENTE À IGREJA DO CARMO. ....	94
FIGURA 46. PROFESSORA E ALUNOS EM EXPOSIÇÃO DIALOGADA NO INTERIOR DA IGREJA DO CARMO.....	94
FIGURA 47. ALUNOS DIALOGANDO COM DIÁCONO NAS DEPENDÊNCIAS DA IGREJA.....	95
FIGURA 48. FOTOGRAFIA REALIZADA POR UM ALUNO NO INTERIOR DA IGREJA.....	97
FIGURA 49. FOTOGRAFIA REALIZADA POR UM ALUNO. VISTA DA RUA GAL; BACELLAR (CALÇADÃO) .....	97
FIGURA 50. FOTOGRAFIA REALIZADA POR UM ALUNO EM FRENTE AO ATUAL BANCO ITAU, ONDE LOCALIVA-SE A “CAPELA DO CARMO”. .....	98
FIGURA 51. FOTOGRAFIA REALIZADA POR UM ALUNO. IGREJA DO CARMO EM CONSTRUÇÃO NAS TORRES E AGULHAS.....	99
FIGURA 52. AMOSTRAGEM Nº 1 DA PESQUISA REALIZADA COM A TURMA.....	103
FIGURA 53. AMOSTRAGEM Nº 2 DA PESQUISA REALIZADA COM A TURMA.....	104
FIGURA 54. : AMOSTRAGEM Nº 3 DA PESQUISA REALIZADA COM A TURMA.....	106
FIGURA 55. AMOSTRAGEM Nº 4 DA PESQUISA REALIZADA COM A TURMA.....	108
FIGURA 56. : FACHADA IGREJA DO CARMO. AUTORA EM PESQUISA .....	109

## LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Folder Igreja do Carmo. ....	121
Anexo B: Tour Igreja do Carmo – Guilherme de Castro.....	123
Anexo C: Plano geral das aulas oficinas.....	129
Anexo D: 1º Material Paradidático, utilizado na escola durante a pesquisa – Parte externa.....	131
Anexo E: 1º Material Paradidático – Parte interna.....	132
Anexo F: Slides da apresentação em ppt utilizadas para introduzir os conceitos da Educação Patrimonial.....	133
Anexo G: Fotografias produzidas pelos alunos.....	135
Anexo H: Material Paradidático desenvolvido como produto para a pesquisa.....	137

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>I. IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO: “Mas afinal, que igreja é esta professora?”.....</b>	<b>16</b>
1.1. Estilo arquitetônico.....	16
1.2. Igreja do Carmo em Rio Grande: Caminhos e descaminhos.....	23
1.3. Elementos arquitetônicos e decorativos.....	35
<b>II. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: “O que vamos fazer professora?”.....</b>	<b>55</b>
2.1. A questão do Patrimônio.....	55
2.1.1. A visão do memorialista urbano do século XX.....	57
2.2. Educação Patrimonial no Ensino de História sob a perspectiva da História Cultural.....	60
2.3. A arquitetura no ensino de História.....	65
<b>III. OFICINAS PATRIMONIAIS: “Professora! Não entendi, tenho que desenhar essa igreja que nunca vi?”.....</b>	<b>71</b>
3.1. Fotografia como ferramenta de ensino: “Profe, posso levar meu celular para tirar fotos?” .....	72
3.1.1. O ato de fotografar como um processo pedagógico.....	55
3.1.2 O uso da Fotografia no ensino.....	81
3.2. O antes e o depois – Prática Artística.....	86
3.3. Reflexões sobre a prática discente e docente.....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>

## INTRODUÇÃO

---

“Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são cobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado (...). A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (Calvino, 2003, p.15-16)

Educação patrimonial com bases na arquitetura da cidade do Rio Grande é uma proposta na qual venho me debruçando desde a graduação e que culminou no ingresso ao programa de pós-graduação mantendo a mesma linha e objeto de pesquisa, antes no Ensino de Artes e no momento voltando à proposta para o Ensino de História. Entende-se aqui que as duas áreas se aproximam em muitos aspectos e tendo ambas interligadas à arquitetura dos bens culturais se configuram como significantes instrumentos potencializadores da ideia de preservação do patrimônio cultural, bem como o proporcionar um entendimento mais amplo da história local e sentimento de pertença em relação a ela.

Rio Grande é uma cidade ricamente histórica, devido ao fato de ser a cidade mais antiga do estado. Vê-se com isso uma oportunidade de proporcionar aos cidadãos-discentes o vivenciar essas histórias que podem ser lidas e contadas através das ruas e das paredes da cidade do Rio Grande, afinal a cidade é como um livro a céu aberto que permite debruçarmos-nos sobre ele e nos apropriarmos do que está sendo contado. Rio Grande vive ainda um processo de iminente crescimento com desenvolvimento contínuo da zona portuária, comercial e novos zoneamentos imobiliários - o que parece um tanto contraditório, tendo em vista a atual situação de muitos indivíduos que se ocupavam laboralmente na zona portuária.

O crescimento citado muda a *cara* da cidade e os interesses de igual forma se modificam, sendo assim, o entendimento do que deve ser preservado e valorizado também sofre transformações, principalmente no que tange as construções antigas do município. Quando se fala de patrimônio e bens culturais, em geral aborda-se a importância de utilizá-los como ferramentas pedagógicas, favorecendo o sentimento de pertença, compreensão das pluralidades que fazem parte da identidade de cada indivíduo e valoração do patrimônio cultural. Assim, tratando-se

especificamente do patrimônio arquitetônico do Rio Grande, desenvolveu-se a proposta a ser explainada nesta dissertação a fim de que os objetivos tradicionalmente contemplados nas propostas de educação patrimonial, sejam levados para mais uma escola devido à preocupação com relação ao ensino abordando pesquisas históricas acerca do patrimônio local nos espaços formais de educação, uma vez que a experiência desta autora com pesquisas e estudos desta alçada, somente foram proporcionados em âmbito universitário.

Com isso, a presente investigação se insere na linha de pesquisa *História, pesquisa e vivências de ensino aprendizagem* e surge como já mencionado, desde a graduação, por uma inquietação e sentimento de pertença em relação aos bens culturais do Rio Grande, além da preocupação mencionada anteriormente. Buscamos defender a ideia de que o estudo da Educação Patrimonial através da arquitetura se constitui como campo de possibilidades para a (re) significação do ensino de História e da compreensão da história local e, por conseguinte, da história dos indivíduos, bem como dos processos e transformações pelas quais nossas cidades passam.

Defende-se aqui, que o entendimento desses processos se trata de uma premissa fundamental para o conhecimento concreto da história coletiva, reflexão sobre a mesma e para o desencadear do pertencimento dos indivíduos em relação ao que os caracteriza enquanto grupo, entretanto, inúmeras vezes não lhe é imputado valor algum a nível individual. Apresenta-se também uma proposição de material paradidático <sup>1</sup>e fonte de pesquisa para que outros educadores possam fazer uso em sala de aula de forma interdisciplinar, reformulando-a conforme seus objetivos e realidade escolar. Nesta perspectiva a arquitetura pode ser entendida como catalizadora e objeto de estudo significativo para o ensino de História e áreas afins, e de igual modo ligada à metodologia da Educação Patrimonial.

A pesquisa justifica-se em virtude da relevância que os bens arquitetônicos têm a contribuir no ensino de história, no entendimento dos processos de mudanças e transformações pelos quais passa o local que estes se encontram. Contribui também para o posicionamento crítico dos educandos frente às realidades do cotidiano e das situações e fatos que são escolhidos para representar diversos grupos, proporcionando assim um ensino dialógico e reflexivo com impacto na vida prática dos educandos.

---

<sup>1</sup> Atualmente não há um material disponível com informações acerca da história da igreja e sua arquitetura para que visitantes, educadores, pesquisadores e demais interessados façam uso. No entanto, encontrou-se um material publicado, que teve sua tiragem limitada e por este motivo também não se encontra disponível na igreja para distribuição, trata-se de um folder de caráter turístico. O referido material foi publicado por Sérgio da Silva Pereira em parceria com a Prefeitura Municipal do Rio Grande - Ver anexo A. Outro material de pesquisa foi desenvolvido, embora não publicado ou disponibilizado até o momento na igreja, por Guilherme de Oliveira Vizeu de Castro como uma atividade dentro da disciplina Estágio de História Bacharelado -FURG, orientado pelo professor Daniel Prado, o referido graduando desenvolveu um tour narrativo pelo interior da igreja e que deverá ainda ser encaminhado para que a comunidade do Carmo faça uso deste material -Ver anexo B.

Ressaltamos a utilização da abordagem de cunho qualitativo, com foco na metodologia da Educação Patrimonial, difundida no Brasil por Horta, sendo, a presente investigação, uma possibilidade que se integra aos já conhecidos caminhos que percorrem as atividades de Educação Patrimonial nas escolas e outras instituições que têm por objetivo a valorização e a preservação dos bens culturais da sociedade.

Para a reflexão e discussão dos fenômenos estudados, optou-se pela análise qualitativa das propostas realizadas no período de prática docente desta investigação. Os dados constituem-se de pesquisa histórica acerca da edificação arquitetônica Igreja Nossa Senhora do Carmo da cidade do Rio Grande/RS e produções de discentes do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada do mesmo município. O estudo fundamentou-se nas contribuições teóricas de autores como Gonzáles-Varas, Francisco O. Lobato, Sandra Pesavento, Sandra Pelegrini, André L. R. Soares, entre outros.

Destacamos que o debate integra a compreensão acerca das seguintes indagações de pesquisa: Quais são as concepções dos educandos em se tratando da noção de patrimônio? Como os estudantes se relacionam com edificações patrimoniais arquitetônicas do seu entorno?; E por fim, como o ensino de História pode vir a contribuir para o conhecimento da história local através da arquitetura e educação patrimonial para que os educandos se apropriem do patrimônio local e por consequência se sintam pertencentes a ele? Para tal há uma estreita relação entre cultura e educação, sendo esta última o caminho mais rápido para levar os indivíduos a uma consciência cultural, partindo em primeiro lugar da apreciação do patrimônio cultural da cidade.

A principal característica de um bem cultural é o envolvimento, o reconhecimento que é dispendido a ele, e que sua manutenção e conservação parte da comunidade por ele representada. Esse processo ocorre devido ao sentimento de pertença e tomada de consciência dos indivíduos que proporciona a estes o conhecer e o valorizar a história local, (re) significando-a a fim de torná-la sua. Com efeito, a preservação dos bens culturais é de igual modo a preservação da história dos indivíduos.

Preservar memórias se constitui um caminho longo de valorização desses bens portadores de história, no entanto, essa memória é mais eficaz se contruída coletivamente sem excluir as singularidades e pluralidades culturais, pois segundo Monastirsky (2009) “a memória transcende o indivíduo ao apresentar uma ordem instituída, normativa à cultura local e às singularidades que a compõem”. Ao contrário do que muitos pensam, a preservação do patrimônio cultural transcende à manutenção de prédios históricos e museus, o convívio com o esses bens é dinâmico e transformador, pois como registros de uma cultura propiciam conhecimento, reflexão e crítica

daquilo que nos é apresentado como história única. Portanto, o patrimônio cultural, aqui especificamente o arquitetônico não é estático, mas sim registro vivo que nos transforma e enriquece intelectual e culturalmente, pois conforme afirmou o filósofo Sócrates, “da riqueza não vem a cultura, mas da cultura vem a riqueza”.

Sendo assim, no âmbito educacional vê-se a oportunidade de desenvolver de forma crítica a percepção dos contrastes e diferenças, bem como os aspectos que as unem formando assim um coletivo. Nesse processo, de identificação do que constitui o grupo, o indivíduo se revê e compreende questões que ampliam seu conhecimento de si mesmo e do espaço cultural em que vive e convive. Trata-se então de um processo ativo, em que o maior número de pessoas deve ser envolvido, por esse motivo salienta-se a importância de se trabalhar a educação patrimonial no espaço escolar, onde o têm-se a oportunidade de travar um diálogo com determinado grupo que compõe a coletividade de uma cidade. Novamente reforçamos a relevância desta dissertação, a fim de com base nos objetivos apresentados anteriormente, consigamos colaborar para o processo de valorização do patrimônio riograndino e, por conseguinte de sua história.

Para tal, o primeiro capítulo diz respeito à pesquisa histórica realizada em 2012 como atividade individual de pesquisa, no subprojeto do PIBID Artes da FURG<sup>2</sup>, referente à Igreja Nossa Senhora do Carmo acrescido de mais pesquisa de campo, bibliográfica e em fontes primárias. Foram traçados os caminhos percorridos que culminaram na construção desse bem cultural do Rio Grande, também um roteiro estilístico dos elementos arquitetônicos e ornamentais da referida igreja. Identifica-se esta igreja como patrimônio cultural da cidade uma vez que esta possui juízo de valor que a ampara como tal, por ser presença significativa no contexto e processo de desenvolvimento da cidade. A pesquisa histórica se constitui aqui como contextualização histórica e como principal objeto de estudo a ser utilizado durante as oficinas propostas e realizadas juntamente com os alunos da Escola Adventista de Rio Grande<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, com fomento via CAPES. Subprojeto PIBID Artes, intitulado O ensino das Artes Visuais na sociedade da informação e do conhecimento, sob coordenação da Profa. Dra. Vivian Paulistch. Período de atuação no projeto: 2011 a 2013.

<sup>3</sup>A Rede Adventista de Educação, ou Sistema Educacional Adventista, é uma rede de escolas, colégios e faculdades mantida e orientada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tem unidades em mais de cem países, entre eles o Brasil, que tem aproximadamente quatrocentos e cinquenta sedes em todas as regiões do Brasil. A rede abrange, no Brasil, aulas desde o Ensino Básico até o Ensino Superior. Por ser administrada pela Igreja Adventista, oferecem aulas de ensino religioso baseadas no texto da Bíblia, enfatizando os valores e princípios comuns às comunidades cristãs. No Brasil, a primeira sede foi fundada em 1896 na cidade de Curitiba, no Paraná. Tem cerca de um milhão e oitocentos mil alunos em todo o mundo e 176 mil no Brasil. A Escola Adventista de Rio Grande foi fundada no ano de 1982, quando um grande grupo de voluntários simpatizantes e membros da Igreja Adventista do Rio Grande, juntamente com a Associação Sul Riograndense-ASR (mantenedora das escolas da região sul do estado) deram início à construção da Escola Pr. Roberto Azevedo, no Bairro Hidráulica, em um terreno cedido pela Prefeitura Municipal. Em 1º de fevereiro de 1985, com 145 alunos matriculados, a escola foi inaugurada e em novembro de 1992 representantes da mantenedora decidiram que instalar a escola em nova localidade seria necessário para que a mesma

O segundo capítulo abordará as discussões teóricas que amparam a pesquisa e o trabalho em sala de aula, discutindo a ideia do patrimônio arquitetônico, as proposições para um ensino e estudo reflexivo na disciplina de História, a partir dos teóricos utilizados, demonstrando assim a importância do desenvolvimento de propostas de educação patrimonial como meio eficaz de valorização do patrimônio histórico cultural das cidades e da formação de indivíduos conhecedores de sua própria história e que por consequência podem tornar-se multiplicadores desse conhecimento e conservação do que ele implica.

O terceiro capítulo, apresentará a prática docente no ensino de História com a metodologia da educação patrimonial tendo como eixo central a Igreja Nossa Senhora do Carmo, sua história e sua arquitetura. Serão apresentados ao longo desta última seção da dissertação, de forma qualitativa, os resultados das oficinas patrimoniais. As oficinas foram trabalhadas como uma tentativa de compreensão dos significados que possui esse bem arquitetônico para os educandos participantes da mesma e como poderíamos contribuir com a tomada de consciência de cada aluno e com o despertar para as questões patrimoniais, bem como proporcionar que mais indivíduos tomem conhecimento da referida edificação e que a partir do que foi apreendido possam se posicionar em relação a ela.

---

continuasse a crescer. A Igreja Adventista do Sétimo Dia localizada no centro da cidade possuía nos fundos da igreja, três salas, e foi nestas salas que a Escola Adventista se instalou inicialmente. Desde o início do ano de 1993, a Escola Adventista de Rio Grande está localizada à Rua General Vitorino, 742/A, integrando o terreno da igreja. Ainda em 1993, deu-se início à construção e ampliação no terreno da igreja. Foi construído um segundo piso com três salas de aulas, dois banheiros, uma quadra de esportes e salas de aula no terceiro piso. No final do mês de outubro de 1994, foram inauguradas as novas instalações abrangendo 3 salas de aula e 2 banheiros no segundo piso e 1 salão para eventos e 1 quadra de esportes no terceiro piso. Em Dezembro de 2010 passaram a executar as obras de revitalização para a construção de um complexo de Educação Infantil, em uma construção com fachada tombada, ao lado da igreja. Já no início de 2011, começaram as obras da construção de um novo prédio de três andares e desde o ano de 2012 a comunidade escolar vem usufruindo as novas instalações. Atualmente a escola conta com aproximadamente 500 alunos matriculados da Educação Infantil de 4 e 5 anos ao Ensino Fundamental (1º ao 9º ano).

# I. IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO

---

## 1.1. ESTILO ARQUITETÔNICO

Recordar: Do Latim *re-cordis*, voltar a passar pelo coração.

“Rio Grande, cidade histórica!”. Trata-se este de um dos *slogans* mais conhecidos por grande parte dos indivíduos que ouvem ou leem sobre a Vila de São Pedro. *Slogan* que faz jús à trajetória da cidade, a mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, podemos constatar a presença das marcas e resquícios físicos e subjetivos –memórias- que confirmam e elevam o município ao grau de cidade histórica. A passagem do tempo trás consigo as transformações no imaginário dos indivíduos e no modo como se relacionam com os espaços a que pertencem e com aqueles a quem dedicam tempo de convivência. Em incontáveis ocasiões e temporalidades as transformações ocorridas no espaço urbano ocasionam algumas descaracterizações com a chegada do “progresso” sob a alegação de que determinadas edificações arquitetônicas passam a contrastar com a “nova estética” predominante no espaço urbano.

No entanto, ao dedicarmos tempo para observarmos construções de cunho religioso, percebemos que tais construções tendem a se manter, em estrutura e funcionalidade, tal qual a edificação arquitetônica a que vamos dedicar atenção na presente investigação; a Igreja Nossa Senhora do Carmo, bem cultural do município do Rio Grande. Constatamos que em um longo espaço de tempo não nos deparamos com significativas modificações nos ritos da Igreja Apostólica Romana, o que corrobora e corrobora para a constância do processo de repetição, no que tange a arquitetura da mesma.



Figura 1. Igreja Nossa Senhora do Carmo. 2010. Arquivo PIBID ARTES FURG

A Igreja do Carmo é ainda hoje um elemento de força materializado de forma isolada no final do calçadão da cidade com uma imponente verticalidade em se tratando de construções católicas na cidade do Rio Grande – antiga Vila de São Pedro – localizada na Rua General Bacellar nº 224, no centro da cidade. Sua rica estrutura possui, aproximadamente, em dimensões 38 metros de comprimento e 17 metros de largura, enquanto sua altura interna é de 16 metros e a altura desde a base até o pico das agulhas é de 56 metros<sup>4</sup>.

Como parte da investigação juntamente com os discentes alcançados com a pesquisa e por diálogos informais ao longo da mesma, o consenso popular em relação ao estilo arquitetônico ao qual a Igreja do Carmo “se enquadra” seria o estilo gótico ou neogótico. Verdadeiramente alguns elementos arquitetônicos e decorativos encontrados na referida igreja remetem ao gótico. Tal estilo predominou primariamente em meados do século XII, desenvolvendo-se estilisticamente ao longo do século XIII, devido às construções de grandes catedrais que ainda permanecem no tempo, caracterizadas pelo emprego de elementos pontuais como Arcos ogivais<sup>5</sup>, Abóbodas sobre cruzeiros de ogivas<sup>6</sup>, Empuxos oblíquos<sup>7</sup> e etc, conforme observamos na figura a seguir:

---

<sup>4</sup> HICKMANN, Gilberto. Amigos Fortes de Deus; Província Nossa Senhora do Carmo Freis Carmelitas Teresinos 1911-2011- ocd 2010.

<sup>5</sup> Estrutura formada por dois segmentos de círculo traçados de dois centros diferentes, são mais ou menos agudos conforme o afastamento dos centros. DUSCHER, Robert (2001). *Características dos estilos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

<sup>6</sup> É uma abóboda (espécie de teto de caixotões) reforçada por nervuras ou ogivas. Estas podem ser quadripartidas ou sexpartidas. Os empuxos se exercem sobre quatro pontos de nascimento da abóboda, daí sua leveza. Ibid., p.48

<sup>7</sup> Um edifício gótico é um admirável sistema de equilíbrio e os empuxos oblíquos são sustentados pelo arcobante. O

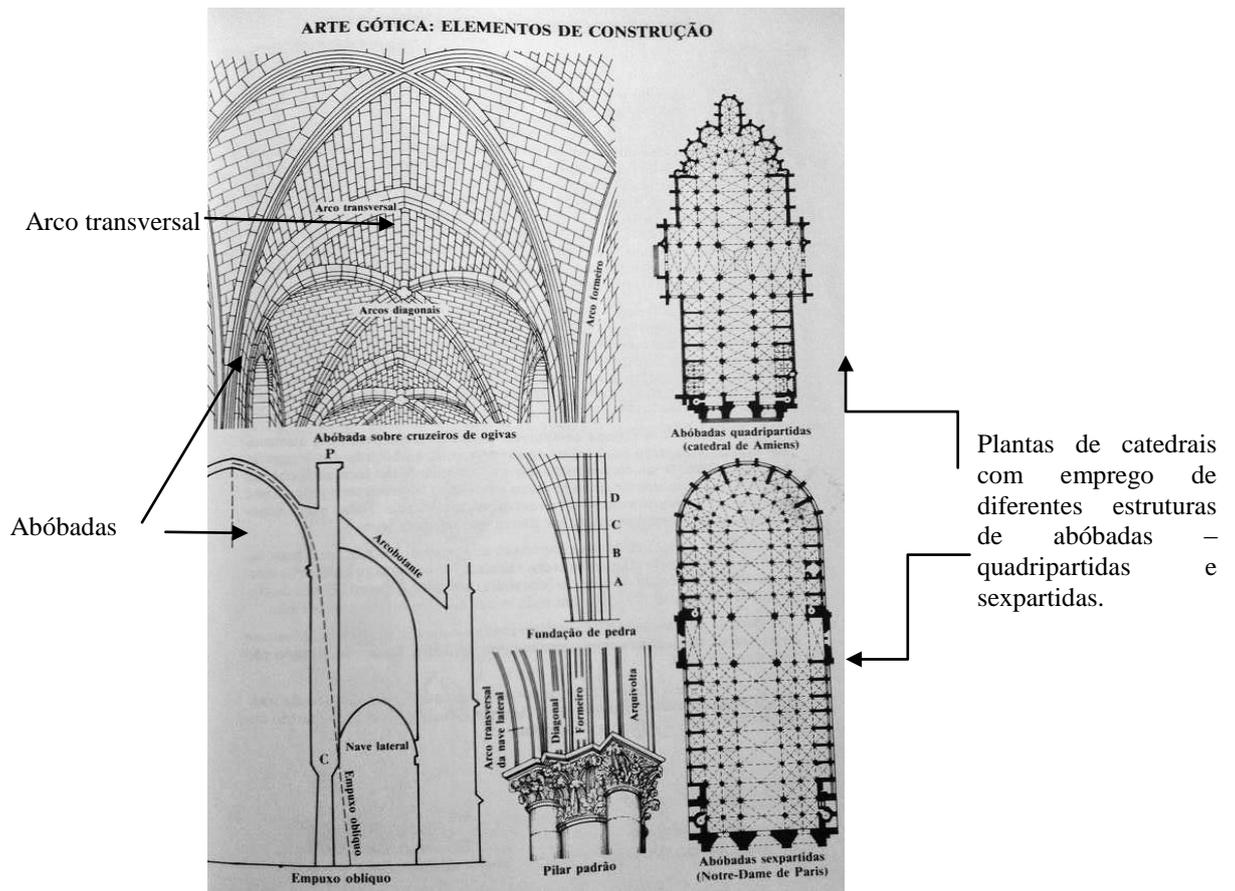


Figura 2. Elementos da arquitetura gótica. DUSCHER, 2001.

Compreendem-se no desenvolvimento do estilo arquitetônico gótico, quatro grandes períodos no emprego dessa forma de arte, quais sejam; primariamente uma arte gótica nascida na Ilê-de-France<sup>8</sup>, no século XII, posteriormente um gótico clássico, entre o fim do século XII e meados do século XIII. Esse estilo se fortalece na Ilê-de-France e na Champagne com a construção de grandes catedrais, propagando-se pelas províncias e pelo exterior com variantes originais, distintas apropriações. Seguindo-se ao terceiro e quarto período, o da arte irradiante (*rayonnant*) e arte flamejante (*flamboyant*), predominantes até o início do século XVI, com o desenvolvimento do gótico tardio. Perpassando os períodos do gótico buscava-se tornar a construção mais leve possível.

A este fato acrescenta-se a busca por edificações mais altas – que ascendem aos céus – e de melhor iluminação, o que foi proporcionado devido à envasadura progressiva das paredes. Como já observado, a França dos séculos XII e XIII, é uma das referências se tratando de construções góticas, o nascimento desta forma de arte está estritamente ligada, no âmbito político, ao “processo de afirmação do poder real frente às tendências desagregadoras do feudalismo” (BRACONS, 1992, p. 7).

empuxo da nave lateral é rebatido pela carga vertical dos pilares. Ibid., p.48

<sup>8</sup>Local onde o nascimento da arquitetura gótica e sua expansão tiveram início. O principal centro religioso daquela região de onde a monarquia dos capetos exercia plena autoridade era a abadia de Saint-Denis (São Dionísio), foi panteão real e depositário das insígnias do poder. Fonte: BRACONS, José (1992). *Saber ver a arte gótica*. São Paulo: Martins Fontes.

O século XIII é considerado o “século do máximo esplendor medieval, o século em que atingem o apogeu as tendências de expressão do século passado” (Ibidem, p. 8). Ademais, foi um período de grande prosperidade econômica, principalmente na indústria têxtil, que se converte em um valoroso produtor de riquezas. A espiritualidade da época também estava condicionada a nível cultural e artístico, muitas das construções de cunho religioso se concretizavam com o patrocínio da realeza e burguesia, o que explica o esplendor e caráter artístico das edificações de determinados estilos. Estas considerações, fatores sociais, econômicos e culturais são importantes, uma vez que o contexto social *justifica*, aos olhos do presente, ações do passado.

Na Figura 3, observa-se exemplos da evolução das estruturas na arte arquitetônica gótica.

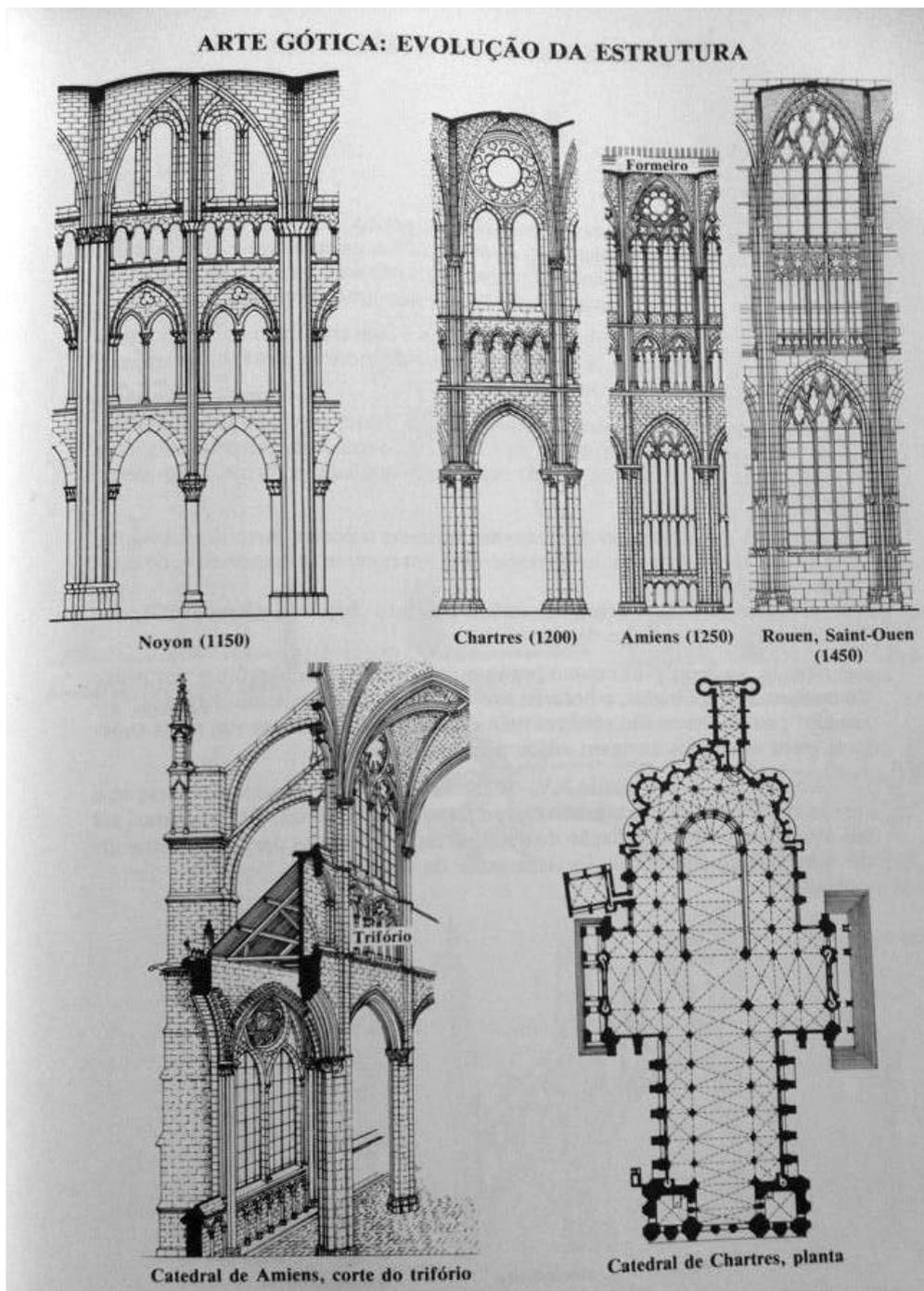


Figura 3. Evolução da arquitetura gótica. DUSCHER, 2001.

Podemos observar através da ilustração da Catedral de Noyon (1150), que no gótico primitivo a abóbada sexpartida ainda encontra-se abaulada. É escorada por contrafortes. A abóbada sexpartida tem por consequência a adoção de pegões fortes – com os quais se encontram as ogivas diagonais – e de pegões fracos – que servem para sustentar a base da ogiva mediana. A nave da catedral é elevada por quatro níveis: arcadas, tribunas, trifório e clerestório.

Em Chartres, já não se encontra a tribuna, como se observa em Noyon, com isso permite-se a ampliação das janelas, a elevação das arcadas da nave, abóboda quadripartida. Os pilares constituem-se de um pegão Redondo cercado por quatro colunas. Na Catedral de Amiens a luz se faz mais intensa devido ao alargamento dos vitrais e pelo uso de aberturas na parede encontradas no fundo do trifório. O uso desse elemento (clarabóia) no fim do século XIII inundava a nave de luz. Já no século XV o trifório tende a desaparecer das construções, como ilustrado em Rouen. Confundindo-se com o clerestório, que em toda sua largura constitui-se de um imenso vitral. A planta dessas catedrais caracteriza-se pela ampliação do transepto, que é o espaço transversal que separa a nave da capela-mor<sup>9</sup>.

Tendo isto em mente opta-se nesta investigação definir o estilo arquitetônico da Igreja do Carmo, como *historicista*. Ao voltarmos os olhos para a arquitetura da Igreja encontramos sim elementos característicos do estilo arquitetônico gótico ou mesmo que dialogam com esse estilo, no entanto defende-se aqui, que para que determinadas edificações sejam puramente caracterizadas como góticas, utilizando nosso exemplo, estas devem ter sido pensadas e concretizadas no espaço-tempo a que o gótico predominou, como já mencionado, por volta dos séculos XII e XVI, difundindo-se a partir da França.

Para Duscher (2001) uma lei do pêndulo parece reger a evolução dos estilos arquitetônicos, ao menos na França, e poderíamos considerar uma possível esterilidade de criação ornamental arquitetônica, o que *perpetuaria* os processos de repetição. Portanto, o atual emprego de estilos concebidos longinquamente é justificado, mas como uma revivescência, o que veremos a seguir ao definir o estilo arquitetônico da Igreja do Carmo.

As opiniões são ainda diversas em relação ao estilo arquitetônico na Igreja do Carmo. A definem por vezes, com base em sua filiação teórica, como sendo estilisticamente *eclética*. Essa posição é precedida pela argumentação de que na estrutura da igreja encontramos elementos diversos elementos provindos de distintos estilos arquitetônicos. Tal pensamento pressupõe que entre as diversas construções contemporâneas que encontramos atualmente, se fossem

---

<sup>9</sup>Ver figura número 15.

caracterizadas estilisticamente, seriam chamadas de ecléticas, uma vez que em sua maioria a importação de algumas técnicas e materiais era muito comum, principalmente no Brasil devido a seus anos de Brasil colônia.

No entanto, não é comum que se conseguisse manter construções fidedignas daquelas a que se procurava “imitar”, por conta dos materiais, realidade local/espacial e mão de obra que empregasse a técnica necessária. Em diversas áreas do conhecimento o *eclétismo* é considerado como um meio de escape quando não se sabe ao certo do que se está falando. Todavia, o eclétismo – na arquitetura - é tal qual o estilo gótico, um movimento estilístico. Surgiu no final do século XVIII na Europa, seguindo predominante até o início do século XX.

O movimento adentrou o Brasil nas primeiras décadas do século XIX, devido, em grande parte, ao intercâmbio de influências européias e à possibilidade do usufruir de produtos da indústria européia. Com isso, introduziu-se também por aqui inovações tanto no *saber fazer* quanto nos materiais para utilizar os métodos de construção. O eclétismo caracteriza-se pelo uso de diferentes manifestações arquitetônicas provindas de regiões e épocas igualmente distintas. Concentra-se, assim, no emprego de elementos decorativos, já que estes poderiam ser escolhidos em catálogos devido à facilidade de produção em série dos ornamentos.

Como anteriormente apontado, o eclétismo não possui um rol grandioso de admiradores. Já no movimento modernista inundava-se de críticas ao estilo, como sendo algo superficial e desprovido de valor arquitetônico, um dos motivos está estritamente ligado ao fato da prática de vários estilos em uma única edificação. O objetivo aqui não é o de se posicionar contra as diversas linhas no que tange às definições de estilos arquitetônicos, mas sim traçar um paralelo ao que popularmente denifi-se como o estilo da Igreja do Carmo e o estilo que se defende aqui: o *historicista*.

O historicismo é definido pela revivescência de diferentes estilos arquitetônicos empregados na Europa, e caracterizado por Günter Weimer (2003) como sendo o “método de concepção e realização arquitetônica predominantemente empregado durante o século XIX e a primeira metade do século XX e que se caracteriza pelo uso de uma linguagem extraída de realizações pretéritas.”

Esse estilo trouxe às diversas linguagens artísticas como a música, a pintura e a poesia, novas formas estilísticas, partindo de concepções da natureza e da história sem, contudo, conceber um novo estilo. Eis aqui, parte da distinção que há entre o termo historicista e o conceito que o eclétismo apresenta. No historicismo, as formas, os elementos referenciados em estilos arquitetônicos anteriores são (re) significados. Kock (1998) afirma que “o historicismo é a expressão de um profundo respeito pela história pátria e pelos ‘antigos mestres’ e demonstra uma consciência religiosa e social”.

## 1.2. IGREJA DO CARMO EM RIO GRANDE – CAMINHOS E DESCAMINHOS

A cidade do Rio Grande<sup>10</sup> é uma das mais antigas do estado do Rio Grande do Sul, e por dispor de um porto marítimo passou por um *boom* de desenvolvimento comercial no século XIX, com a implantação também de um foco industrial exportador disperso, sem grandes ligações no âmbito nacional. Com isso, a então Vila do Rio Grande de São Pedro foi se constituindo espaço urbano com as características de uma cidade portuária-industrial.

Com o marco da construção do Forte Maria-José, com fundação datada em 19 de fevereiro de 1737, Rio Grande foi uma das primeiras cidades em terras gaúchas a ser marcada pelas mãos lusitanas e daí em diante passou a expandir-se enquanto espaço urbano, também a partir da construção da matriz de São Pedro (1755) (MARTINS, 2006, p. 63). Com isso as características arquitetônicas que definem as construções do município, são claramente de influência européia. Como já mencionado anteriormente a matriz de São Pedro foi a primeira construção representativa da fé católica na cidade e teve sua pedra fundamental lançada no dia 25 de agosto de 1754, durante o governo do general Gomes Freire<sup>11</sup>.

Tendo isso em vista, não se tinha, em Rio Grande, até o século XVIII uma edificação com a imponência arquitetônica da Igreja Nossa Senhora do Carmo. No ano de 1777 que o Comissário Geral da Ordem do Carmo no Rio de Janeiro, Antônio das Chagas, autorizou a fundação da Ordem

---

<sup>10</sup>Esta deu-se quando o Brigadeiro José da Silva Paes, em 1737, transpôs a Barra e desembarcou no extremo norte da península. Iniciou-se assim o povoamento da região com a formação do Presídio Jesus-Maria- José. A drenagem do cais e a construção do Porto em 1823 permitiram a passagem de navios de maior porte, que até então somente atracavam no porto de São José do Norte. No início do século XIX a então *Vila do Rio Grande* possui uma característica mais comercial do que militar. Em 1835, a Vila do Rio Grande de São Pedro, passou à denominação de Cidade do Rio Grande. Desde as últimas décadas do século XIX em Rio Grande iniciam as atividades industriais. O momento histórico coincide com os investimentos feitos no Porto e na Barra. Nos anos de 1950 e 1960 ocorreram fases de grande crescimento e outras de estagnação. O crescimento horizontal da cidade acompanha estas fases e se estagna depois do fechamento dessas fábricas. A década de 1970 é um período próspero para o município com a construção do Distrito Industrial do Rio Grande: a área portuária transformou-se em terminal marítimo servindo como corredor de exportação para toda produção gaúcha. As obras foram iniciadas com a construção da infra-estrutura viária e instalação do primeiro terminal graneleiro. Nos anos de 1970, ocorre a fundação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Na mesma época, junto à rodovia Rio Grande/Pelotas, é implantado um grande loteamento de alto padrão. Na década de 1980, têm-se planejamentos de mais loteamentos, com características populares. A partir de 1980, o limite urbano é ultrapassado e em janeiro de 1987 – com a aprovação do plano diretor de desenvolvimento integrado – a área urbana legal reconhece a área urbana até o Cassino, abrangendo o Distrito Industrial e Super Porto, ampliando-se assim consideravelmente a área de jurisdição urbana. Este histórico faz parte da trajetória de pesquisa sobre o patrimônio da cidade do Rio Grande. Fonte: PAULITSCH, Vivian S. **Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande**. Rio Grande: ed. da FURG, 2009.

<sup>11</sup>Antônio Gomes Freire de Andrade, (Juromenha, 1685 — Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1763) foi um nobre militar e administrador colonial português. Foi feito primeiro conde de Bobadela por carta de 20 de dezembro de 1758. Filho de Bernardino Freire de Andrade e de D. Joana Vicência de Meneses foi moço fidalgo com exercício, acrescentado a fidalgo escudeiro, do Conselho do rei D. João V de Portugal e do rei D. José I de Portugal. Foi governador e capitão-general do Rio de Janeiro durante trinta anos, entre 1733 e 1763. Comandante em chefe das tropas auxiliares de Espanha e Portugal que foram ao Rio Grande do Sul.

Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na então Vila do Rio Grande de São Pedro, o que culminou no aumento significativo de religiosos católicos na cidade. Na época, servia de berço à imagem da virgem Nossa Senhora do Carmo a matriz de São Pedro, sendo assim com a promessa de uma fundação em devoção a virgem na Vila, no dia 15 de julho de 1780, foi proferida uma benção em honra à imagem da Nossa Senhora do Carmo, o que ocasionou o aumento de mais devotos à santa na vila de São Pedro.

Os frades locais passaram a pleitear a sua própria sede - igreja do Carmo - após inúmeras tentativas o pedido foi atendido, conforme relato a seguir:

Os Irmãos Terceiros, coagidos em parte naquele ambiente, numerosos e ativos, tentaram alcançar plena independência e lugar próprio para o culto e desobrigados deveres religiosos. Em terreno já próprio à Rua Marechal Floriano, esquina da Rua 16, lançou a pedra fundamental do novo templo da Ordem em 1800... Aos seis dias do mês de novembro de 1809 o Padre Francisco Inácio da Silveira, Delegado 'ad hoc', benze solenemente o novo e formoso templo do Carmo. (Fr. Caio de S. José: Apontamentos históricos das fundações carmelitanas no Brasil, p. 10, arquivo, Rio Grande).

O templo recém conquistado pela comunidade do Carmo em novembro de 1809 foi construído em estilo arquitetônico românico. A arte românica, segundo Martins (2011, p. 36), é contemporânea da sociedade feudal em desenvolvimento e das ordens monásticas na Idade Média. Estas últimas reconhecidas como grandes estruturas, desempenharam participação ativa e significativa no que tange à elaboração da arquitetura românica.

O estilo românico nasce no final do século X e começa a se dissipar com o surgimento da arte gótica por volta de 1140-1150 na Île-de-France. Divide-se em dois períodos: a primeira arte românica e a segunda arte românica, representando sua gênese e maturidade, respectivamente. Sua construção é caracterizada por uma estrutura maciça, pesada, de linhas simples e com um interior sombrio, devido à precária iluminação.

Entre os populares, o templo ficou conhecido como “capela da ordem”, por sua estrutura simples e de proporções pequenas, características da arquitetura românica. Suas dimensões eram de 10 metros de largura, 40 metros de comprimento e 12 metros de altura, sendo a capela-mor ladeada por tribunas, consistórios e ainda possuía uma sala no andar superior, destinada à reuniões.



Figura 4. Antiga Capela do Carmo. Fonte: [projeto curiosidades derio grande.blogspot.com](http://projeto curiosidades derio grande.blogspot.com)

O templo serviu ainda de moradia para monjas carmelitas, em um período de seis meses, que após se estabelecerem em Rio Grande, estiveram em residência alugada durante três anos. Nos fundos do templo havia um cemitério mantido pelos sócios da Igreja do Carmo, que na época localizava-se na Rua Benjamim Constant com Marechal Floriano, atualmente conhecida por “esquina dos quatro bancos”. Neste cemitério eram enterrados os confrades<sup>12</sup>, suas dimensões eram de 25 x 30 metros, possuía túmulos para adultos e entre eles havia dezenove para crianças. Os túmulos eram encravados nos muros, tal qual observamos atualmente nas paredes do cemitério municipal local, do centro do cemitério sobressai-se uma torre quadrangular com quatro sinos confeccionados em bronze.

---

<sup>12</sup>Membros de uma confraria, que são Irmandades ou Ordens Terceiras, associações religiosas de leigos no catolicismo tradicional, que se reuniam para promover o culto a um santo. Surgiram na Europa durante a Idade Média e espalharam-se nas colônias portuguesas. No Brasil, as confrarias de negros estão na origem do sincretismo religioso dos cultos afro-brasileiros como o Candomblé.



Figura 5. Cemitério do Carmo. Fonte: [projetocuriosidadesderiogrande.blogspot.com](http://projetocuriosidadesderiogrande.blogspot.com)

A atuação dos envolvidos com a igreja do Carmo crescia e em 1872 foi instalado em uma residência precária, um hospital que com a procura se tornou pequeno e inadequado ao atendimento. A velha residência foi demolida com a ajuda do povo, e logo se edificou um novo prédio que prestou serviços aos confrades da Ordem e às pessoas que não tinham condições de atendimento médico. Posteriormente, por falta de recursos, o hospital foi desativado.

No início do século XX, precisamente em 1912, ao se deparar com a necessidade de mais paróquias em Rio Grande, a capela do Carmo, é elevada ao *status* paroquial, desligando-se da Paróquia de São Pedro, conforme o seguinte relato de Gilberto Hickmann:

Da única Paróquia nesta cidade do Rio Grande, criada por provisão de 06/08/1736, sob invocação de São Pedro, a nova Paróquia do Carmo foi desmembrada por decreto, datado de 01/11/1912. Faz limite somente com a antiga Paróquia de São Pedro, sendo divisa a Rua Marquês de Caxias e a prolongação dela, pertencendo esta ainda, de ambos os lados, à Paróquia de N. S. do Carmo. Compreende também, provisoriamente, a Ilha dos Marinheiros. (HICKMANN, 2010, p. 129)

Com o fortalecimento da ordem dos carmelitas, logo monges carmelitas se fixaram na cidade, e frei Constâncio – vicário provincial – manteve contato com D. Francisco Barreto, bispo de Pelotas, solicitando-lhe permissão para organizar uma fundação, conforme seguinte registro:

Com data de 18 de dezembro e desde a cidade de Montevidéo, Uruguai, o P. Constâncio do Sdo. Coração de Jesus, então Vigário Provincial do Uruguai e Brasil, solicita ao Bispo de Pelotas, D. Francisco Campos Barreto autorização para fundar uma residência dos PP. Carmelitas na cidade do Rio Grande. Sua Excia. lhe responde benevolmente, dando-lhe a cura de almas da Paróquia de N. Sra. do Carmo. O Definitório de Navarra aprovava a fundação em 02/05/1917. O governo da República havia autorizado a licença em 18/04/1917. (Fr. Redento: Apontamentos para a história dos conventos dos PP. Carmelitas no RS, p. 169).

Frente à solicitação, os líderes da ordem reuniram-se em Montevidéo e achando-lhes favoráveis autorizaram a criação da fundação em Rio Grande como paróquia, acrescida de mais três capelarias. Foram designados, pelo frei Constantino, alguns freis das comunidades de Uruguaina e Alegrete para comporem a recém organizada comunidade. Estes deixaram Montevidéo, com destino a Rio Grande, no dia 16 de janeiro de 1917, segundo narra a seguinte crônica de autoria dos monges de São José:

Em 1917, quando o mundo emergia de um mar de sangue, pondo fim a guerra cruenta de 1914, desembarcaram no Porto do Rio Grande os primeiros Descalços, no dia 18 de janeiro; entre eles vieram os Padres Frei Serafim, primeiro superior e pároco; frei Paulino de São José, Frei Roberto de Jesus Maria e o Ir. Nicolau da Virgem do Carmo, sendo então recebidos por D. Francisco de Campos Barreto. (Livros de Atas do Mosteiro São José, Rio Grande, p. 09).

Após a chegada dos carmelitas, D. Francisco Barreto, empossou o novo pároco no dia 21 de janeiro. No ano de 1918, o vicário provincial eleva a fundação do Rio Grande a nível de vicariato<sup>13</sup>, sendo frei Serafim nomeado provisoriamente como responsável, que devido à saúde comprometida foi substituído pelo frei Paulino de São José, assumindo esse encargo até o ano de 1924. Para se manter na categoria de vicariato, a fundação deveria atender algumas especificações como manter um determinado número de religiosos – cinco – o que foi providenciado e logo vicários chegaram à cidade.

No entanto, não havia no primeiro momento, estrutura própria para instalar o vicariato recém chegado. Estes foram hospedados nas residências de padres jesuítas em uma casa localizada nos fundos da igreja. A crescente necessidade de que os religiosos tivessem uma residência própria corroborou para que fosse adquirida uma primeira casa à Rua General Bacellar, esta com o tempo tornou-se inadequada ao vicariato e relativamente distante do templo. Com isso, transferiram-se então para outra locação na mesma rua, onde se estabeleceram durante alguns anos, até a construção do novo convento. Pela ótica dos freis, aquele entorno seria o lugar mais adequado para se fixarem,

---

<sup>13</sup>O vicariato é uma circunscrição eclesiástica equiparada a uma igreja particular ou a uma prefeitura, governada em nome do Papa, por um vigário, por se tratar de uma diocese ainda em formação. Em linhas gerais, trata-se do agrupamento de certo número de fiéis – aproximados geograficamente – a fim de serem melhor atendidos e colaborar para com o trabalho evangelístico e as relações pastorais.

em consequência efetivaram a compra da casa, o que consta em um apontamento da década de 20:

24 de Junho: Em reunião capitular da comunidade, se aprova a compra da casa em que moram, pela quantia de 20\$000. O Pe. Provincial autoriza a compra. Em 11/05/1922, consta outra nota: “A comunidade propõe a venda da casa em que moram os padres e compra de outra para a fundação. É aprovada a proposta. E em 03/10: O Definitório Provincial autoriza nossos padres a vender a casa da sua moradia para comprar outra, em cujo prédio tenciona-se levantar a nova igreja e residência. Uma seguinte anotação esclarece mais ainda: A comunidade, no mês de abril (1926), aprovou definitivamente o lugar para a igreja e o convento da Ordem, nos prédios que estão na Rua Bacellar, até a esquina com a Rua Benjamin Constant, No 228, e sobrado: 232, 236, 240. (Ibidem, p. 175; 178; 284).

O vicariato ansiava que a Ordem Terceira, com aprovação do bispo, lhe cedesse a propriedade da igreja e juntamente o cemitério anexo. A solicitação foi realizada e atendida, em contrato firmado entre o bispo diocesano e a Ordem dos Carmelitas, no início de 1929. Entre as cláusulas do referido contrato consta que,

o Exmo e Revmo. Sr. Bispo de Pelotas reserve aos Padres Carmelitas Descalços do Rio Grande, por quarenta anos, a ocupação da paróquia de Nossa Senhora do Carmo da mesma cidade; II. O Exmo. Bispo Diocesano... cede gratuitamente aos Rvdos. Padres Carmelitas Descalços do Rio Grande o terreno que escapou à desapropriação da antiga Matriz de Nossa Senhora do Carmo e do cemitério a ela anexo. III. O terreno voltará à propriedade da Mitra Diocesana se os Carmelitas “não edificarem nele sua igreja, ou se edificada a igreja, deixarem de residir na cidade do Rio Grande”; o pároco será apresentado pelo Provincial e terá os mesmos direitos e obrigações dos párocos de clero secular, com o compromisso de dos Carmelitas não abandonarem a paróquia nos primeiros 25 anos, nem do bispo afastá-los (a não ser por acordo mútuo e por motivos razoáveis e ponderosos); a autorização ao pároco para que empregue, sem juro, a quantia de duzentos contos de reis (200:000\$000) do patrimônio da referida paróquia (na nova igreja). Esse valor deveria ser devolvido em 30 anos, contanto que fosse construída a igreja em cinco anos ou se pusesse a funcionar em dez anos. (Apontamentos para a história dos Conventos dos Padres Carmelitas, p. 42)

Os freis, encorajados pelo bispo de Pelotas, iniciaram investimentos em infra-estrutura e patrimônio, fazendo assim, crescer a paróquia do Carmo, bem como a ampliação do campo de trabalho dos freis, que passaram a atender as capelas de São José do Norte, pois,

chegou um tempo em que a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo do Rio Grande tinha anexas três paróquias, cujo território de ponta a ponta, tinha a distância de 300 quilômetros. Este mesmo autor consta que no tempo em que os freis atenderam estas paróquias e comunidades, foram levantadas as seguintes capelas: Na Quinta, as do Areal e a da Ilha do Leonídio; em S. José do Norte, a do Capão do Meio; e em Mostardas, a de Tavares. Na paróquia do Carmo, a de Marambaia, a de Cristo Rei e Sta. Teresa. Estas paróquias e comunidades foram deixadas a partir de 1948 e, especificamente, a partir de 1951, quando foram criadas novas paróquias na cidade do Rio Grande. (Frei Redento da Eucaristia, Ordem dos Carmelitas Descalços... p. 100).

Ao longo dos anos a paróquia do Carmo foi responsável pela criação de inúmeros grupos e associações<sup>14</sup>. Na década de 40, formou-se um aglomerado de pessoas, devido ao desemprego, na

---

<sup>14</sup>Alguns dos grupos e associações criadas devido à fundação da paróquia do Carmo em Rio Grande: Apostolado da

vila operária Santa Teresa, onde atualmente localiza-se o bairro Santa Teresa. Ao Frei Caio de São José é atribuída à mobilização de autoridades, recursos e colaboradores a fim de discutirem a organização e planejamento habitacional daquele bairro em formação. Propôs aos moradores a criação de uma associação, esta proposição se concretizou em 1946, ano em que se constituiu a Sociedade Amigos da Vila Operária Santa Teresa, conforme registrado no Livro Tombo da Igreja do Carmo, fazendo referência à uma notícia do jornal Cruzeiro do Sul:

Jornal Cruzeiro do Sul de 07/1978, página de capa e Livro de Atas da mesma Sociedade, ata inicial. Numa síntese biográfica que se lhe dedica, se diz: Ao Pe. Caio se deve a organização da Vila de Santa Teresa e a recuperação de muitos marginalizados, que lá se instalaram em procura de um cantinho onde podem levantar uma pequena maloca, mais tarde melhorada pelo apoio das autoridades civis. (Livro Tombo I Paróquia do Carmo)

Para os devotos as atividades religiosas e evangelizadoras se deram ao redor da Igreja do Carmo constituída centro de culto de 1809 a 1928, sendo neste período atuando dezesseis anos como paróquia e onze sob os cuidados dos freis carmelitas. Com a chegada à cidade, do plano de adequação urbana para fins de melhorias e “embelezamento” municipal, viu-se a necessidade de demolição da Igreja do Carmo e de igual modo remoção do cemitério anexo a ela. Ambos localizavam-se no chamado Beco do Carmo, que se tratava do estreitamento da atual Benjamin Constant, na época um verdadeiro beco, pois permitia apenas a passagem de pedestres. A fachada principal da igreja estava voltada para Marechal Floriano, no livro *Apontamentos para a história dos conventos dos padres carmelitas no RS*, encontramos detalhes acerca das transformações planejadas e localização da igreja:

Desde o princípio projetava (o novo prefeito) o alargamento e urbanização da Rua Benjamin Constant, que era obstruída pelo cemitério e Igreja da Ordem Terceira do Carmo, apenas deixando um beco com passagem à Rua Marechal Floriano. O Sr. Intendente e o Sr. Bispo combinaram alguma coisa e este último acedeu bondoso a ceder para o Padres Carmelitas edificarem a igreja da Ordem no que restasse do cemitério e da igreja, depois do acordo com a Intendência.

Localizado este templo no centro, na estreita ruela Dezesseis, o Governo do Município concertou a desapropriação desse imóvel em 1920, para endireitar e transformar a velha Dezesseis na linda e larga Avenida Benjamin Constant (Flores do Carmelo, 1938, p. 103).

Encontra-se ainda registro de que “a Intendência se compromete a remover os restos mortais do cemitério para o cemitério católico da cidade” (op.cit p. 187). Logo em seguida, foi extinta a Ordem Terceira do Carmo, e então solicitado ao pároco que desse continuidade aos serviços paroquiais, mesmo frente à nova situação e iminente demolição da igreja matriz. Por provisão do

---

Oração das Senhoras (1912); Congregação Mariana para Homens (1912); Pia União das Filhas de Maria (1914); Confraria de Nossa Senhora do Carmo (homens e mulheres); Ação Católica Brasileira (Liga dos Homens, Liga Feminina, JEC, JOC, SAC, HAC, JCM, JFC, Benjamins/Benjamins); Coral Santa Teresinha. Escola paroquial de Santa Teresa de Jesus funcionava com duas professoras e uma média de 55 a 60 alunos. Uma escola de catequese que atendeu na década de 30, pelo menos, 1097 crianças.

bispo o culto acontecia, a partir daí, em um salão localizado à Rua Bacellar 191. “Acredita-se que o referido salão, era de um tamanho razoável, uma vez que em registro no Livro Tombo da igreja conta-se que na missa de quinta-feira santa de 1929 realizou-se 600 comunhões” (Livro do Tombo I, Paróquia do Carmo, p.34). Oficializou-se então a demolição da “capela do Carmo”:

No dia 13 de maio (de 1929) foi celebrada missa solene de despedida da velha Igreja do Carmo às 10 horas, sendo oficiada pelo R. P. vigário, Fr. Sigismundo de S. L. Gonzaga, servindo de ministros os Padres Fortunato da Purificação e Henrique Ma. de Jesus e fez o sermão de despedida o P. Patrício da S. Família”. Diz uma crônica de 03/01/1995: O templo do Carmo ou o ‘armazém dos altares’, como irreverentemente o classificou o General Andréa, foi demolido em 1928 e quase nos fundos se ergueu a majestosa Matriz de Nossa Senhora do Carmo. (Livro do Tombo I, Paróquia do Carmo, p.32)

O cemitério anexo à igreja foi removido e os túmulos e restos mortais foram transferidos para o cemitério municipal local em 1930. A década de 30 em Rio Grande tem significativa importância no cotidiano político e econômico, pois com o fim do período denominado República Velha, emerge a Era Vargas através da implantação do Estado Novo. Em sua economia a cidade passa a buscar desenvolvimento próprio na área industrial, principalmente internamente, mesmo que ainda precisasse da importação de grande parte dos maquinários para a consolidação de novos parques industriais (Martins, 2006).

Sendo assim, no início da década de 30 grandes empresas industriais<sup>15</sup> foram instaladas em Rio Grande e com isso renovações do espaço urbano e também a expansão da periferia – entre os anos 1930 e 1940 – foram acontecendo. De acordo com Martins (2006) havia uniformidade morfológica, ou seja, havia semelhança e coerência nos tipos de construções e ocupações dos espaços urbanos, o que facilitava o cálculo de prédios distribuídos por largas ruas e avenidas, com excessão do centro histórico, tal como temos atualmente, caracterizado pela presença de ruas mais estreitas e enviesadas.

Contemporânea a esta realidade de espaço urbano na cidade é que as obras do novo convento iniciaram, logo após a demolição da antiga capela do Carmo, ao lado da residência dos freis. Primariamente o convento possuiria dois andares, o que logo foi visto como insuficiente, o projeto foi sofrendo modificações a fim de atender observações como essa e em pouco menos de um ano as obras do convento foram concluídas, sendo inaugurado, em uma solenidade, no dia 16 de fevereiro de 1930. Dias antes da inauguração, o jornal *Echo do Sul* de 12 de fevereiro desse mesmo ano, anunciava a solenidade.

Nos próximos sábado e domingo, realizar-se-á, com toda a solenidade, a inauguração da

---

<sup>15</sup>Empresas industriais instaladas em Rio Grande na década de 30: 1935 – Ind. e Com. Figueiredo S/A (Pesca industrial); 1937 - Refinaria de Petróleo Ipiranga (Derivados do petróleo); 1938 – Ponte, Ayres & Cia. – “Ideal” (Conservas e pesca industrial). (Martins, 2006)

nova capella e convento dos Carmelitas, recentemente construídas, à Rua General Bacellar, bem assim, o lançamento da pedra fundamental de sua projectada igreja [...] Às 10 horas translada-se solenemente o S.S. Sacramento para a nova capella, começando imediatamente a missa solene cantada pelo coral Santa Terezinha, e ocupando o púlpito do Ver. Padre Mariano de São João da Cruz. Pelas 17 horas o exmo. Sr. Bispo Diocesano lançará a pedra fundamental da projectada igreja do Carmo, com discurso oficial a cargo do Dr. J.P. Carneiro Pereira.

Ao ser ressarcido pela demolição da igreja e transferência do cemitério, o bispo instiga os padres e a população devota a edificarem uma nova igreja, no lugar da que fora recentemente demolida. Frei Sigismundo de São Luis Gonzaga, terceiro pároco da Capela do Carmo no período de 1924 a 1933, decide realizar o projeto e no mesmo dia em que ocorreu a solenidade de inauguração da capela e convento, presenciou-se também o lançamento da pedra fundamental da nova igreja e de imediato o local tomava ares de canteiro de obras novamente, conforme a seguinte descrição extraída do livreto Flores do Carmelo – informativo organizado pela Ordem Terceira:

Com esmolas do povo, cavamos os alicerces, subimos os muros vagarosamente a 25 metros, com tijolos amassados todos com o cimento de inúmeros sacrifícios dos frades e povo, distendemos arquitraves e nervos, cruzamos os arcos em três naves e cúpula central, e sobre eles, continuamos a rasgar o firmamento mais 15 metros com finas e caprichosas arestas a mostrarem as almas desiludidas da terra, em anseios celestes, a verdade do céu... (Flores do Carmelo, 1938, p. 103).

Cyríaco de São José – espanhol Navarro – foi o idealizador do projeto arquitetônico da igreja, bem como do novo convento. As obras estavam a encargo de outro carmelita espanhol, *irmão* Mariano e acompanhavam-nas também os párocos Sigismundo, Florentino e Caio. Porém, em 1932 a construção precisou ser interrompida, permanecendo estagnada até o ano de 1934, conforme crônica a seguir:

Lançados todos os alicerces e levantados os muros a altura das naves laterais, foram as obras suspensas para atender ao pedido dos nossos Padres de Uruguaiana, que precisavam urgentemente de uma nova capela provisória, em cujo trabalho demorou o Irmão Mariano seus dois longos anos; e pela dificuldade econômica criada pela falência do Banco Pelotense, onde a comunidade tinha depositado os vinténs, destinados à construção do novo temple, pedidos e concedidos pela curia Diocesana...conforme contrato anterior. (Livro Tombo I, Paróquia do Carmo, p.54).

Com a volta de Mariano, após dois anos comandando a construção de uma capela em Uruguaiana, as obras da Igreja do Carmo foram retomadas, sendo esta concluída em 1938 e inaugurada no dia 22 de abril do mesmo ano. Estavam presentes os bispos Joaquim F. de Melo e Antonio Reis, ambos de Santa Maria, demais autoridades carmelitas e grande parte do povo rio-grandino.

A estrutura da igreja causava admiração, sendo esta em sua totalidade 40x18 metros em estilo historicista e planta em formato de cruz latina. Internamente composta por três naves, possui

ainda um altar de mármore multicolorido, nicho da principal imagem da virgem do Carmo, encontrada na igreja. Os jornais locais noticiaram com entusiasmo a conclusão da construção da igreja, tal qual encontramos no diário Rio Grande:

Esse templo, incontestavelmente, se não é o maior, pelo menos é o de mais linda estampa da cidade, de impressionante estilo gótico, elegantíssimo nas suas linhas gerais, altamente apreciável em todas as suas minúcias, bela no seu conjunto interno e externo, reveladora de acendrado culto à arte... Não há na cidade edifício que sobrepuje o monumento em apreço, porque em nenhum outro se agrupam nem se emparelham tantos atributos de lindeza e de opulência, tantos requintes de inspiração e de bom gosto. (Jornal 'Rio Grande' de 20/04/1938, apud, Livro Tombo I Igreja do Carmo).

Ainda nos jornais locais, inúmeros elogios foram atribuídos ao *irmão* Mariano, responsável pela construção.

E pensar a gente que tudo aquilo, na sua extraordinária grandeza, se deve, principalmente a um só homem, modesto, habitualmente enrolado no seu burel do seu hábito de irmão carmelita. Mariano, o arquiteto daquele colosso, a 'alma mater' daquela maravilha, a figura relevante por excelência daquele conjunto esplendoroso! (Periódico 'Rio Grande', 20/04/1938, reportagem de capa, apud. idem).

Conforme mencionado anteriormente, o projeto ficou ao encargo frei Cyríaco, no entanto nos apontamentos dos freis toda a "genialidade" da obra se devia a Mariano de São José, que "a remodelou e modificou e, sobretudo, a realizou administrativamente, sendo arquiteto e escultor da obra" (*Frei Redento: Apontamentos para a história dos conventos dos Carmelitas Descalços no RS*, p. 169). Contudo, mesmo sendo inaugurado em 1938, o acabamento final se deu apenas em 1939, principalmente pela ausência de um dos elementos esteticamente essenciais para o todo da construção: as agulhas<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup>Arremate em forma piramidal ou cônica de pequena base e grande altura, disposto no ponto mais alto de torres, sobretudo de igrejas, aumentando seu efeito de esbeltez. ALBERNAZ, M.P. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. 2a ed. São Paulo: ProEditores, 2000.

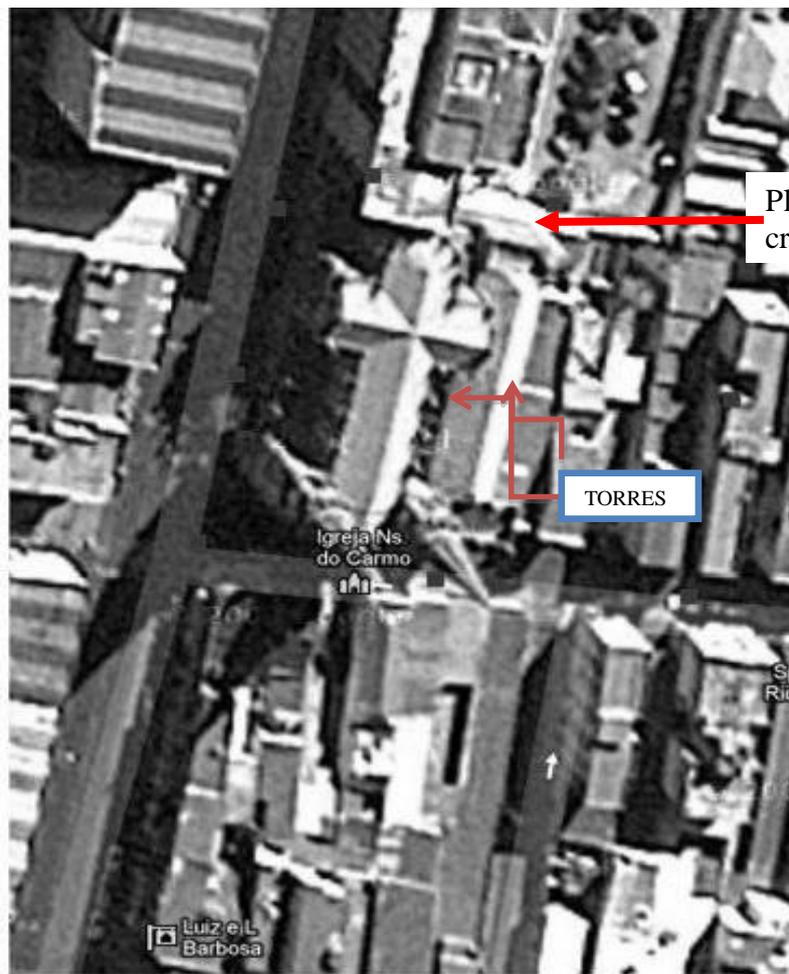


Figura 6. Construção das agulhas. Fonte: [projetocuriosidadesderiogrande.blogspot.com](http://projetocuriosidadesderiogrande.blogspot.com)

As agulhas foram erguidas sobre as torres da igreja somente entre os anos de 1950 e 52, sendo o encarregado pela construção o engenheiro Huch, bem como o construtor Ribeiro<sup>17</sup>. Com o erguimento das agulhas, o templo passou a ter 16 metros de altura interna e 56 metros externamente, considerando a base até a ponta das agulhas. A primeira missa após a conclusão das agulhas foi oficiada pelo neo-sacerdote Carmelita frei Higinio de Jesus Maria.

---

<sup>17</sup> Pesquisas foram realizadas, no entanto, nenhuma informação adicional além dos nomes do engenheiro e do construtor foi encontrada. Sabe-se que a rua onde se localiza o Instituto Federal do Rio Grande do Sul, leva o nome do engenheiro Huch.



Planta em formato de cruz latina.

Figura 7. Igreja do Carmo, vista aérea. GoogleMaps, 2014.



Figura 8. Visão de uma das torres para a nave da igreja, formato cruz latina. Autora em pesquisa, 2016.

### 1.3. ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E DECORATIVOS

Ao analisarmos os elementos arquitetônicos da Igreja do Carmo, percebemos influências espanholas e francesas já que a mesma é composta por elementos que remetem ao gótico, difundido na França como já discutido. Constatou-se que isso se deve ao fato de que tanto o projetista quanto o construtor, Cyríaco de S. José e Mariano de S. José respectivamente, eram de origem espanhola.

Durante a pesquisa não foram encontrados quaisquer informações acerca da formação destes carmelitas, portanto, aferiu-se que o conhecimento necessário que proporcionou a Mariano e Cyríaco de São José a elaboração e construção da igreja deve-se a uma “formação empírica” conforme referenciou Günther Weimer (1987), ou ainda formação através de escolas de Belas Artes, o que era recorrente nos períodos temporais em que antecedem a criação dos cursos de engenharias e arquitetura, onde havia uma formação plural.

Mariano, já havia projetado e executado a construção de outros templos para a Ordem da Nossa Senhora do Carmo, tais como na cidade de Porto Alegre, Montevideo, Uruguaiana e Quito, sendo este o lugar do seu último projeto, vindo a falecer ali em 1954. A execução do projeto da igreja em Uruguaiana, ocorreu durante as obras da Igreja do Carmo do Rio Grande, por esse motivo as obras da mesma foram interrompidas em 1932, ano em que Mariano se dirigiu à Uruguaiana, detendo-se na construção de lá por dois anos. Retornou a Rio Grande em 1934 e as obras da igreja nesta cidade foram retomadas.



**Figura 9. Igreja do Carmo de Uruguaiana, projeto e execução Irmão Mariano. Foto: Cristiane Adiala, 2005.**

Tratando-se ainda da referência gótica, há ainda outros templos com os quais podemos traçar alguns paralelos de semelhanças arquitetônicas para com a Igreja do Carmo do Rio Grande: Catedral de Chartres, França 1194- 1220; Catedral de Amiens, França 1220-1288, torres não concluídas; Catedral de Notre-Dame, Paris/França, concluída no século XIV.



Figura 10. Catedral de Amiens. Fonte: <http://igrejas-catedrais.blogspot.com>; NotreDame.

À semelhança da Igreja do Carmo, os referidos templos são constituídos de portas com arcos ogivais, rosáceas, torres, agulhas e demais elementos que remetem ao gótico. No interior das igrejas, o mesmo ocorre, tal qual se observa na imagem da Catedral de Saint-Cntl, cujas naves laterais estruturam-se em abóbadas.



Figura 11. Interior da Catedral Saint-Cntl. Fonte: L'ArteGothic em France l'Architecture et l'adecoration



Figura 12. Interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo, Rio Grande. Autora em pesquisa, 2016.

Como um dos elementos fortemente característicos do gótico e que encontramos em todas as igrejas aqui referenciadas, destacamos a Rosácea que segundo Albernaz e Lima, trata-se de uma

abertura circular envidraçada, dividida em muitas partições, formando desenhos. Foi usada, sobretudo em igrejas. Sua vidraça era muitas vezes constituída por vitrais. Ornato circular com forma aproximada de uma rosa ou de uma estrela com muitos raios, (...). Quando possui forma que lembra a da rosa, é também chamada de roseta. (2000, p. 551)

A rosácea é conhecida como “o olho da igreja”, justamente por ser uma estrutura redonda e composta por vitrais, estes permitem que a luz adentre a igreja de forma longitudinal, iluminando, assim, o altar-mor foco da nave central. Além dessa função prática e estética, alguns simbolismos permeiam o emprego das rosáceas na arquitetura das igrejas. A luz direcionada através dos vitrais da rosácea é filtrada, comedida e multicolorida, proporcionando aos indivíduos um ambiente de

recolhimento. A sua forma circular faria referência a dois símbolos cristãos: ao sol, que representa Cristo, e à rosa, flor que é associada pelas religiões cristãs a Maria.

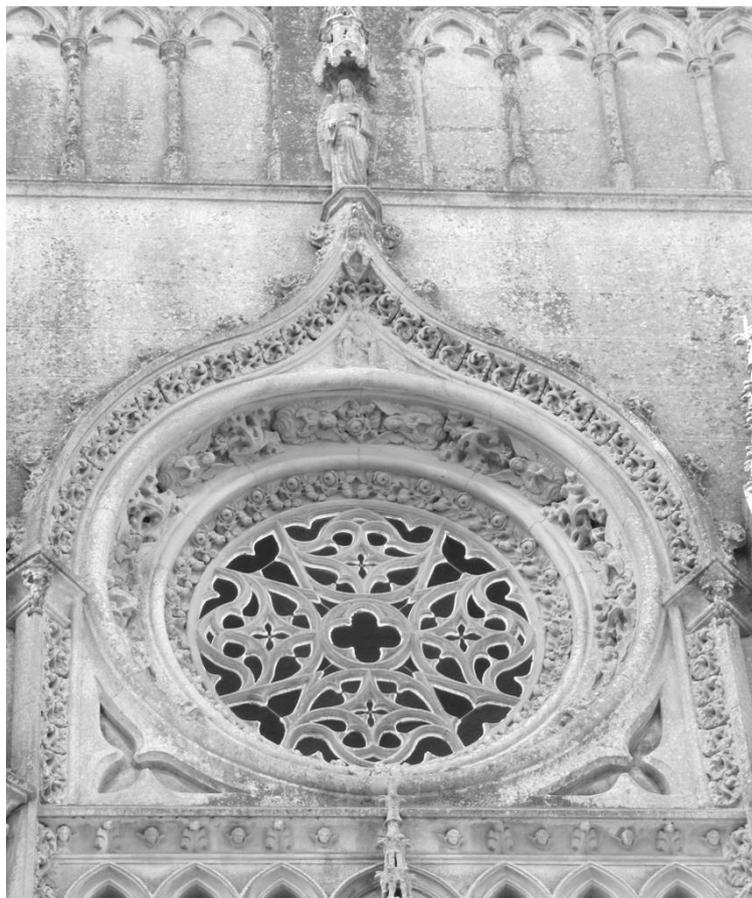


Figura 13. Rosácea. Detalhe externo. Arquivo PIBID Artes, 2012.

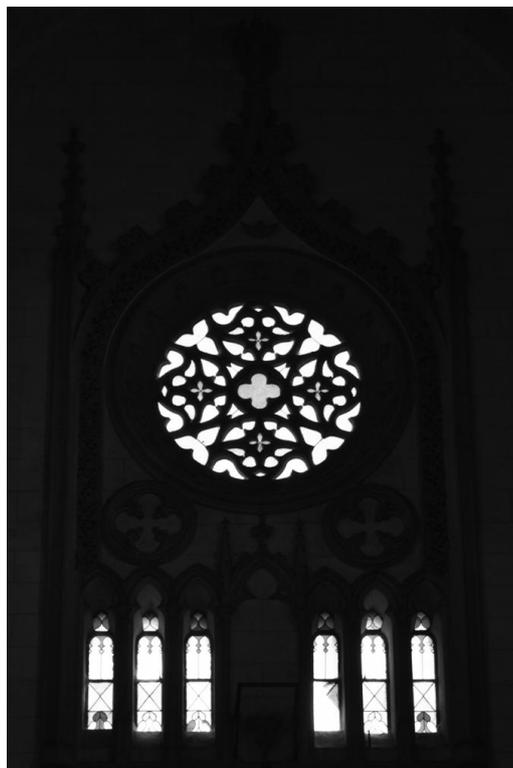


Figura 14. Rosácea. Detalhe interno. Autora em pesquisa, 2016.

O interior da igreja, assim como o exterior é rico em detalhes. Logo ao adentrar a igreja, deparamo-nos com duas imagens de Cristo em tamanho natural: a primeira representa-o de joelhos carregando a cruz, aos pés de Maria, e em outra, sepultado após a crucificação. As duas imagens encontram-se expostas em uma estrutura de madeira e vidro, onde não consta qualquer informação acerca do escultor.



Figura 15. Santos de roca, Cristo carregando a cruz e Maria; Imagem do Cristo morto. Autora em pesquisa, 2012.

Ambas as imagens possuem cabelos humanos doados por fiéis, estes após alcançarem a *graça pedida* cumpriam a promessa feita, que envolvia doar os próprios cabelos ou ainda os cabelos de seus filhos e filhas<sup>18</sup>. Frente aos santos de roca citados acima, porém no lado oposto, encontra-se a pia batismal, confeccionada em mármore e também com riqueza de detalhes entalhados. Como o nome sugere a pia é utilizada nos rituais de batismo, onde as crianças são recebidas ao corpo da igreja e fé católica, simboliza também o recebimento das pessoas ao mundo sob os cuidados de

<sup>18</sup>Informação colhida através de história oral, em conversas com indivíduos que compõem a comunidade do Carmo.

Deus e da igreja, simbolizando isso também, um dos motivos para a pia estar localizada estrategicamente na entrada da igreja.



Figura 16. Pia batismal. Autora em pesquisa, 2016.



**Figura 17. Pia batismal. Autora em pesquisa, 2016**

Ainda em relação a pia batismal, como um dos “achados” da pesquisa cito a descoberta daquela que era usada anteriormente para as cerimônias de batismo, conforme a figura abaixo:



**Figura 18. Antiga pia batismal. Autora em pesquisa, 2016**

A antiga pia confeccionada em metal em formato de concha marítima na cor dourada possui detalhes entalhados, medindo aproximadamente 50 cm, encontra-se em uma das salas da igreja

onde ficam depositados materiais sem uso.

Seguindo pela nave lateral percorremos, através de esculturas na parede, a Via Crucis ou Via Sacra, que significa *caminho sagrado*. São quatorze esculturas coloridas divididas e dispostas nas paredes das naves laterais, representando, com base na Bíblia, para os cristãos o sofrimento do caminho percorrido por Jesus, do Tribunal de Pôncio Pilatos ao monte do calvário<sup>19</sup>.



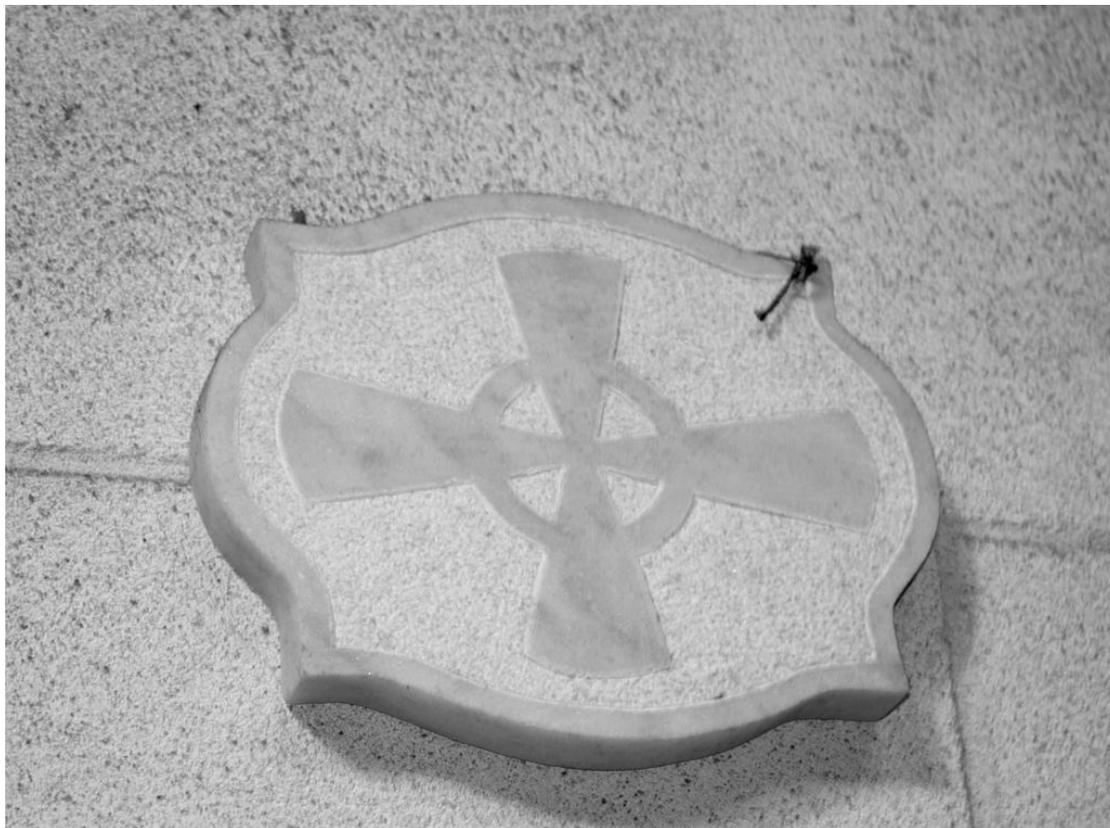
Figura 19. Detalhe de uma das esculturas da via Crucis: Cristo carregando a cruz, seguido por discípulos, Maria e soldados romanos. Autora em pesquisa. 2014.

Denomina-se também Via Sacro, o caminho que um fiel faz em estado contemplativo, ao percorrer a narração dos acontecimentos através das esculturas, a fim de meditar e refletir no sofrimento vivido por Cristo. Segundo o catolicismo, tal prática teve início com Maria, mãe de Jesus, que percorreu inúmeras vezes o caminho feito por seu filho. Criou-se então um simbolismo e devoção para com a Via Crucis, quando fiéis uniram-se à Maria nesta prática. Por este motivo, hoje, as igrejas possuem em seu interior a representação da Via Crucis, a fim de que os que compõem a

---

<sup>19</sup>BÍBLIA, N.T. Lucas. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução revista e ampliada de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. Cap. 23.

comunidade religiosa possam meditar no sacrifício de Cristo. Abaixo dos quadros narrativos pertencentes ao circuito da Via Sacra, há pequenas esculturas com uma cruz esculpida em mármore, as esculturas são atribuídas ao artista riograndino Érico Gobbi.<sup>20</sup> Estas cruzes simbolizariam o reconhecimento do Vaticano pela consagração da Igreja concedida por Dom José Mário Stroher, no ano de 2004.



**Figura 20. Detalhe cruz em mármore localizada abaixo da Via Sacra. Autora em pesquisa, 2014.**

Ao fim da metade da Via Crucis – nave lateral direita – estão dispostas duas imagens de santas, separadas entre si, por uma porta que dá acesso à sacristia. Ambas foram encomendadas e de origem holandesa, a primeira trata-se da imagem de Nossa Senhora do Rosário juntamente com São Domingos, esta escultura passou por uma restauração aparentemente não profissional, especificamente no objeto circular ao lado do cão. A segunda é uma escultura de Nossa Senhora da Conceição.

---

<sup>20</sup> Escultor brasileiro, Rio Grande, 9 de agosto de 1925 — Rio Grande, 14 de agosto de 2009. Reconhecido internacionalmente deixou obras em diversos lugares como: Rio Grande, Porto Alegre, Caxias do Sul, Curitiba, São Paulo e Estados Unidos. Dentre as obras do artista localizadas em Rio Grande, está o “O Jornaleiro” da Praça Tamandaré em uma homenagem à imprensa, a imagem de Cristo em dos lagos da Praça Tamandaré e ainda o Monumento à Iemanjá, localizado na Praia do Cassino.



Figura 21. Nossa Senhora do Rosário e São Domingos. Autora em pesquisa, 2016.



Figura 22. Nossa Senhora da Conceição. Autora em pesquisa, 2016

Se nos posicionarmos ao lado destas imagens em direção à nave central, avistamos o cruzeiro, espaço que demarca o encontro da nave central com o transepto, este encontro permite à planta das igrejas o formato de cruz, tal qual explica Albernaz e Lima: o transepto “nas igrejas, [é o] espaço transversal que separa a nave da capela-mor, algumas vezes forma em planta os braços de uma cruz” (2000, p. 634).

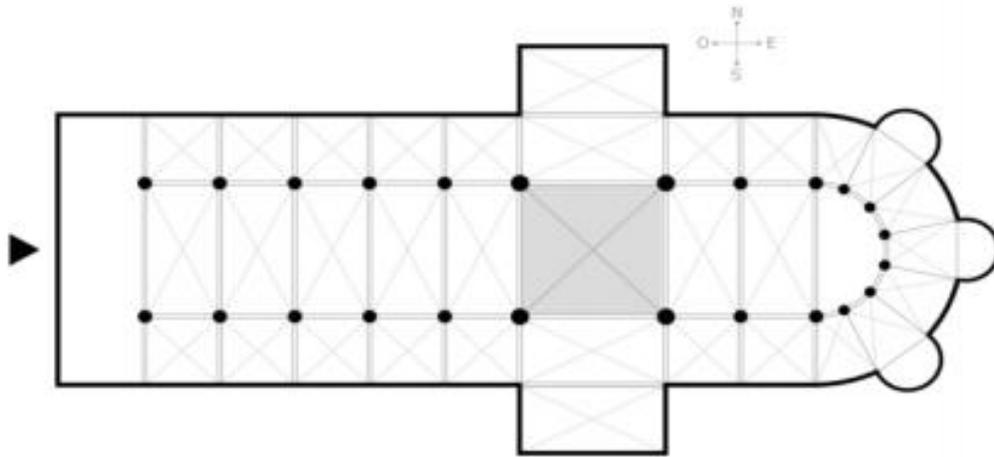


Figura 23. Exemplo de planta esquemática de Catedral. A área acinzentada representa o Cruzeiro.

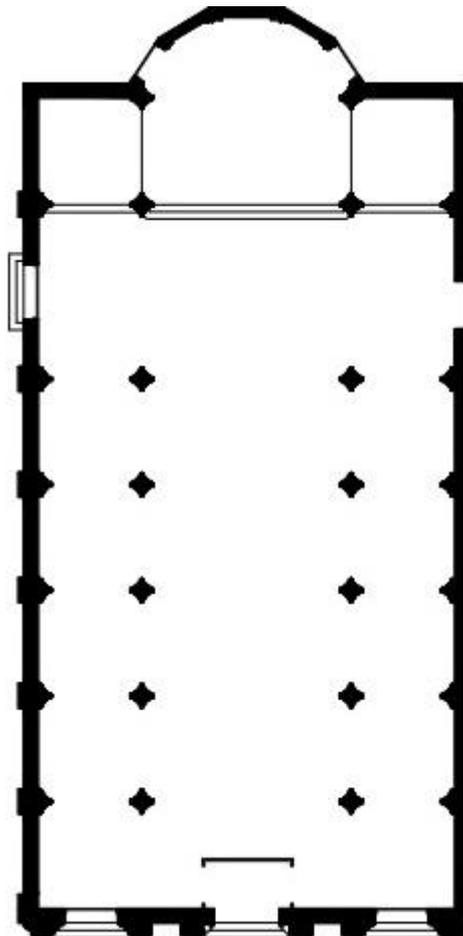


Figura 24. Planta esquemática da Igreja Nossa Senhora do Carmo do Rio Grande. Vivian S. Paulitsch, 2016.

Arquitetônica e estruturalmente o transepto é coberto por uma abóboda, denominada abóboda estrelada ou de terciarão. Em formato de estrela, é composto por inúmeras nervuras que podem ser *fechadas* com pedra, o que chamamos de pano, ou com vitrais. O transepto da Igreja do Carmo não é constituído por vitrais, possuindo oito pontas na estrela.



Figura 25. Cruzeiro Igreja do Carmo. Autora em pesquisa, 2012.

Permeando o transepto encontram-se três altares, nas extremidades do mesmo há dois dos três altares, estes foram confeccionados em Porto Alegre – Casa J. Aloys Friederich – em mármore multicolorido. No centro do transepto, encontra-se o altar-mor, nele estão alocadas diversas imagens, entre elas a imagem de Santa Teresa e de S. João da Cruz. Em sua maioria, confeccionadas em Porto Alegre por um escultor espanhol, em Casa de Bartolomeu Llul<sup>21</sup>, outras imagens foram trazidas do Rio de Janeiro.

---

<sup>21</sup>Bartolomeu Llul y Lompart, nasceu na Espanha em 1879 e faleceu em Porto Alegre em 23 de abril de 1951. Sua oficina de escultura localiza-se na rua Vasco da Gama, 296. Era especialista em imagens religiosas, confeccionadas em gesso, cartão, madeira, terracota, pedra e cimento. (Flores do Carmelo, julho/1930, página 207)



**Figura 26. Altar-mor. Autora em pesquisa, 2016.**

“O artístico púlpito foi projetado pelo Irmão Mariano, confeccionado em madeira de cedro e produzido em Montenegro pelas mãos de Jacob Krindens” (Livro Tombo I, Paróquia do Carmo, p. 58/59). A principal imagem da padroeira do templo, Nossa Senhora do Carmo, foi confeccionada em Buenos Aires, na Casa de Luiz Barra, pesando 600 kg possui quatro metros de altura. A imagem da padroeira era esperada para o dia da inauguração da igreja, no entanto devido a complicações e entraves burocráticos para a entrada da imagem na cidade pelo porto, esta ficou retida sendo disposta em seu nicho, apenas no dia 7 de setembro de 1939, após a inauguração.

Em setembro de 1937, foi realizada a encomenda da imagem, as cláusulas foram acertadas com a Casa de Luiz Barra em Buenos Aires e o pároco providenciou e destinou a Getúlio Vargas,

então presidente, a solicitação de isenção de taxas alfandegárias de importação – referente à imagem principal da padroeira e de outra caixa contendo outras imagens e demais objetos para a igreja – a solicitação foi recebida e aprovada.

Contudo, a encomenda foi despachada para Rio Grande em nome de Cia. Leal Santos, uma firma local, quando deveria estar endereçada à pessoa física. A encomenda chegou ao porto do Rio Grande no dia 10 de julho de 1939, e devido ao encaminhamento incorreto incidiu-se à taxa de importação sessenta contos de réis – sendo que a própria imagem tinha um custo de vinte contos de réis e a igreja havia sido isentada da taxa, cobrava-se três vezes mais sobre o valor doado<sup>22</sup> para a sua aquisição.

Os párocos mobilizaram-se em novo pedido de isenção das taxas esclarecendo as complicações, assim a encomenda foi declarada mais uma vez isenta, e por fim liberada para ocupar seu lugar na igreja, conforme apontado no folhetim Flores do Carmelo:

A imagem fora mandada confeccionar em 09/1937. Acertadas as cláusulas com a Casa de Luis Barra de Buenos Aires, o pároco encaminhou a isenção das taxas alfandegárias de importação (da imagem maior e outra caixa de imagens e objetos da nova igreja) diretamente com o presidente da República, Getúlio Vargas, no que foi prontamente atendido. Contudo, a encomenda foi despachada em nome de uma firma local (Cia. Leal Santos) quando teria que ser a nome pessoal (a encomenda aportou na alfândega do Rio Grande em 10/07/1939). Este encaminhamento incorreto fez incidir a taxa de importação: sessenta contos de reis (quando a imagem custara vinte contos de reis). Novo apelo ao presidente e ministro da fazenda, com os devidos esclarecimentos, isentou as taxas e a imagem foi liberada e vivamente aclamada pelos devotos. (Flores do Carmelo, 1939, p. 2-3).

Frei Caio de São José, vigário do Carmo, era o responsável autorizado para a retirada sem taxas da imagem, que se encontrava detida no armazém A-3 do Porto Novo. Para que tivesse fácil acesso ao pedido de isenção diretamente feito ao presidente, Frei Caio contactou cidadãos influentes que possibilitaram a isenção de todas as taxas, incluindo as de nível federal. A imagem foi transportada para a igreja em 19 de agosto 1939, ficando exposta ao público a partir do domingo de 27 de agosto do mesmo ano. Como já mencionado, ocupou definitivamente seu nicho no dia 7 de setembro de 1939, recebendo a bênção em uma solenidade.

Para a solenidade da missa de inauguração do templo, foi colocada uma imagem temporária representando a padroeira da igreja, a imagem ficou no altar-mor até que a imagem oficial chegasse em 1939, após isso a imagem que ficara ocupando o lugar principal no altar como substituta foi alterada para representar outra santa, permaneceu assim durante alguns anos no corpo da igreja, e hoje se encontra descaracterizada em um dos compartimentos do piso superior da igreja, conforme

---

<sup>22</sup>Doação feita por Francisco José de Faria, comerciante português, representante de importantes indústrias em Rio Grande, entre elas a Companhia Antártica Paulista; grupo que originalmente produzia cerveja e, com o tempo, expandiu sua produção no ramo de bebidas, passando a industrializar refrigerantes. Disputava no mercado com a marca Brahma, até que as duas se fundiram, originando a Ambev, em 1999.

imagem a seguir. A imagem é confeccionada em gesso, tem altura aproximada de 1,50 cm, os braços possuem internamente uma estrutura esférica de metal que permite a mobilidade dos mesmos.



**Figura 27. Imagem utilizada como substituta na inauguração da igreja. Autora em pesquisa, 2016.**

Na década de 70, foram constatados problemas nas torres da igreja, fragmentos dos enfeites confeccionados em cimento, estavam se desprendendo – uma vez que tais ornamentos eram confeccionados em fôrmas e acrescentados à estrutura – o que passou a ser uma ameaça aos transeuntes. Para resolver o problema “encontraram uma solução viável, não comprometendo em nada a estética e a beleza da igreja” (Livro de Atas da Delegacia Provincial II, Arquivo Provincial, p. 62).

Não se sabe ao certo o procedimento realizado, porém, no início da década de 80, constatou-se infiltração de salitre e gases poluentes nas agulhas das torres, tendo como laudo a situação de uma corrosão contínua e irreversível. Por dezoito meses as agulhas permaneceram sob constante monitoramento, após esse período um laudo técnico decretava a demolição das agulhas. Com o

laudo definitivo, deu-se início ao processo de demolição das agulhas, sendo concluído em maio de 1985. Nenhuma atitude foi tomada em relação ao reerguimento das torres, somente em 1987 estudos foram realizados para o restauro.



**Figura 28. Torre da igreja atualmente. Autora em pesquisa, 2016.**

Cada uma das duas torres possui em seu interior quatro sinos de metal com detalhes de folhagens no corpo externo, neles está registrado o nome do responsável pela fundição dos sinos, local e data, sendo assim, os sinos são atribuídos a Manoel Antonio da Silva Filhos, em Lisboa no ano de 1870.



Figura 29. Um dos sinos das torres. Autora em pesquisa, 2016.



Figura 30. Conformação dos sinos na torre lateral esquerda. Autora em pesquisa, 2016.

A firma DIMTEC<sup>23</sup> foi a responsável pela reconstrução e restauro aos moldes originais, que ainda se encontram – alguns - guardados nas dependências da igreja. As agulhas estavam totalmente reconstruídas e restauradas em 1989. Ainda na década de 70, foi adaptado ao lado da igreja um

---

<sup>23</sup>DIMTEC Engenharia LTDA. Localizada à Rua Barroso, 83, Getúlio Vargas. Rio Grande/RS.

salão multiuso que atendesse às necessidades pastorais, o salão contém salas, banheiros e uma cozinha.

O percurso realizado neste capítulo reforça a importância de compreender a constituição desse bem cultural do Rio Grande – Igreja Nossa Senhora do Carmo – e da comunidade partícipe dela. Percebemos que ao longo do tempo, elementos são descartados, outros acrescentados e que cada passo para concretizar o erguimento da igreja possui uma história, um contexto e diversos indivíduos atuantes, que traçavam a história desta igreja ao mesmo tempo em que traçavam as suas.

Vê-se aqui constante mutação e (re) significação em relação à Igreja do Carmo, além de grande sentimento de pertença dos envolvidos para com ela. Por este motivo esta pesquisa serve de ponto central para o desenvolvimento da proposta, no Ensino de História, que tem por um dos objetivos a valorização do patrimônio arquitetônico do Rio Grande, como discutiremos nos próximos capítulos.

Mais do que intenções, eu gostaria de apresentar a paisagem de uma pesquisa e, por esta composição de lugar, indicar os pontos de referência entre os quais se desenrola uma ação. O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo. Somente algumas dessas presenças me são conhecidas. Muitas, sem dúvida mais determinantes, continuam implícitas – postulados ou dados estratificados nesta paisagem que é memória e palimpsesto. Que dizer desta história muda? Ao menos, indicando os sítios onde a questão das práticas cotidianas foi articulada...( DE CERTEAU, 1998, pág. 35)

Esta fala de De Certeau introduz um dos primeiros capítulos de seu livro, de forma que, sob minha ótica, essas palavras podem servir como um vislumbre dos objetivos e ações da presente investigação. A pesquisa histórica narrada nas páginas anteriores é fruto de uma caminhada ziguezagueante, uma análise da arquitetura e da história da edificação que vai se escrevendo à medida que os passos são traçados pelo caminho, este último gravado nas ruas da cidade por gente pretérita e que acaba por deixar sua presença para os que percorrem hoje os mesmos caminhos, porém com passadas, ritmos e olhares distintos a sintam, a leiam e a interpretem e quiçá, dela se apropriem.

Sendo assim, a pesquisa histórica da igreja que é sujeito também da presente pesquisa, pode configurar-se inúmeras vezes como essa presença muda por mais que tenha muito a falar, e com isso busca-se oportunizar momentos para que quem estiver disposto a ouvir perceba esse caráter narrativo da edificação. Sua estrutura é palimpsesto de histórias, acontecimentos e de gente de todo canto, a sistematização deste palimpsesto irá nortear os procedimentos da pesquisa a serem apresentados ao longo do texto, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar” ao introduzir as diversas experiências que a proposta irá oportunizar a esta pesquisadora e aos sujeitos

participantes e colaboradores da pesquisa.

## II. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: “O que vamos fazer professora?”

---

### 2.1. A QUESTÃO DO PATRIMÔNIO

Desenvolver a docência nos espaços formais de educação fazendo uso da metodologia da Educação Patrimonial vem sendo uma grande oportunidade de crescimento pedagógico tanto para esta docente quanto para os alunos que participam das propostas. Esse crescimento abrange várias áreas, além de (re) significar o fazer do ensino de História, promover o conhecimento de si e da história local, há ainda os rizomas desenvolvidos interligando diversas ferramentas e áreas de ensino, tudo isso é parte importante do uso da metodologia no ensino.

Ao longo da proposta, o ensino de História formou um sistema rizomático com a Arquitetura e com as ferramentas do ensino de Artes, ao ver desta autora toda essa interdisciplinaridade proporciona aos educandos um ensino de História que transborda as expectativas de um ensino tradicional, que vai da linha do tempo ao livro didático apenas.

A Educação Patrimonial passou a ser discutida no Brasil inicialmente como ação educativa definida, em 1983 quando do I seminário no Museu Imperial de Petrópolis no Rio de Janeiro, inspirando-se na educação inglesa, que tomava espaços como os museus para serem foco de trabalho através de ações educativas. Com apoio do IPHAN é lançado em 1999 o Guia Básico de educação Patrimonial (HORTA et al).

O guia em questão passou a ser referência base em proposições educativas voltadas ao patrimônio, o mesmo apresenta caminhos e discussões preservacionistas a fim de servirem como norte para atividades a serem desenvolvidas em escolas e em comunidades, além de instigar a curiosidade dos bens culturais e manter a memória em constante (re) visitação. Segundo Nora (1993):

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articula o onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarna o. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993; p. 7)

Esta no o de lugares de memórias pode ser encontrada nos discursos de Horta, através da sua discussão de que é preciso ter a o de educa o patrimonial no ensino básico, pois são as crianças que são cidadãs em forma o e que atuarão por mais tempo na sociedade e por fim, serão peças chave para a salvaguarda dos bens culturais e suas memórias. A autora traz no guia o conceito de *patrimônio vivo*, seriam todas as manifesta es e expressões culturais realizadas de distintas

formas e em temporalidades igualmente distintas. Passa a ampliar também o conceito de que patrimônio é somente aquilo que é herdado de uma organização patriarcal, o patrimônio vivo vai além do heroísmo de alguns poucos cânones, e passa a definir uma gama de expressões brasileiras como artesanatos, música, literatura, rituais, saberes fazer, modos de falar, de pescar e a lista segue. Horta destaca o conceito de Educação Patrimonial como sendo:

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural... (HORTA, 1999; p. 6)

Com base nesse pensamento Horta propõe uma metodologia onde o educador possa proporcionar aos educandos através de um ensino investigativo e participativo, o conhecer-se através do conhecimento das materialidades e manifestações que cercam o seu cotidiano.

Por meio do caráter identitário do que está ao redor, indivíduos podem tornar-se responsáveis pelo patrimônio local, quando através do conhecimento do mesmo decidem a favor dele, apropriando-se dele, (re) significando-o e consequentemente o salvaguardando tanto no âmbito material quanto no âmbito subjetivo, da preservação da memória do mesmo. Desta feita a autora apresenta quatro passos a serem seguidos na educação patrimonial, quais sejam:

- Observação/ percepção/ identificação do objeto
- Registro/ visual, descrição verbal ou escrito/fixação do conhecimento.
- Exploração/ análise do problema e levantamento/ interpretação, evidências.
- Apropriação/ releitura, interpretações diferentes, novas fontes/ envolvimento.

Esta metodologia da educação patrimonial proporciona aos educandos uma aproximação dos bens culturais sem que se sintam impelidos a (re) conhecê-los como patrimônio. O processo flui como um todo e por fim após a compreensão do que se trata a ideia do patrimônio os indivíduos partem para o processo de valorização ou não do mesmo.

Para esta autora, o historiador do patrimônio tem algumas características do memorialista urbano que revisita o passado, mas este último o faz por uma necessidade saudosista que faz com que constantemente olhe para o presente enxergando manifestações e vivências pretéritas. É sobre este ponto de vista que o próximo item irá se debruçar.

## 2.1.1. A VISÃO DO MEMORIALISTA URBANO DO SÉCULO XX

“Evocar, repetir, sistematizar, divulgar – também é criar”  
Norberto de Araújo – Peregrinações em Lisboa

Na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira vol. XVI, o verbete “memorialismo” é definido como:

A posição de espírito de quem se deleita preferentemente em recordar e entesourar lembranças. É uma espécie de hipermnésia, que desistiu de adquirir, mas se contenta em guardar e evocar (...) o memorialista tem olhos no occiput, só vê seu caminho depois de percorrido, mas desenhado como recordação; vive na irrealidade, como um místico (...) para esse mal propugna a atitude de espírito contrária: o voluntarismo.

A postura do memorialista urbano, desdobramento do memorialista, é considerada por alguns como um *Angelus Novus* despreocupado e desatento com relação à força que o impele para o futuro. É alguém que evoca, rememora e registra o passado, vive com os olhos voltados para o tempo e criações pretéritas, dedica-se a viver o irreal, pois o passado, para ele, está sempre lá para ser (re) visitado e montado por quem o observa e o vive.

Inúmeras vezes os trabalhos configurados como memorialistas, tendem a aproximarem-se das biografias e autobiografias, pois se dedicam a rememorar fatos ou episódios da vida do autor. Segundo Ana Breffe, doutora em história social, o memorialismo é o “registro de fatos e acontecimentos que, organizados em uma ordem cronológica não muito rígida, estruturam como quem uma história sobre o assunto do conhecimento pessoal do autor ou que guarde relação com suas fontes...” (BREFFE, 1993, p. 46).

Os memorialistas muitas vezes são “confundidos” com meros colecionadores de fatos, acontecimentos, datas e curiosidades que são fruto da história. No entanto dedica-se aqui a mencionar o memorialismo urbano enquanto composições do século XX (entre 1930 e 1960) disponíveis em diversos moldes e formas, tais como imagens, textos, palestras, jornais, livros, álbuns, revistas, carregando considerável conotação visual, agregando aos registros pesquisados, as experiências, vivências e memórias de quem as produziram, tendo como ator principal as cidades.

Para Carnielli (2010), os memorialistas são pessoas que não frequentaram universidades especializadas em História, antropologia e áreas afins. Eram, no entanto, intelectuais que *orbitavam* os universos dos poetas, compositores, romancistas, pintores, jornalistas ou mesmo memorialistas de fato, cujos escritos acerca das cidades carregam semelhanças.

Antes do século XX, já se produzia escritos sobre as cidades como um memorialista urbano, no entanto nesse século é que se intensifica a produção dos mesmos, pois conforme Nora, passamos

a viver a “aceleração da história”, que acaba por alterar a forma como os indivíduos veem e convivem com o passado e o presente. Intensifica-se o apego ao passado, passa-se a falar em *lugares de memória*, fala-se da importância do passado ou mesmo da necessidade do mesmo para ligar cada indivíduo a algo que lhe é comum ao mesmo tempo em que lhe causa estranheza.

Esse processo, segundo Jacques Le Goff, “(...) levou as massas dos países industrializados a ligarem-se nostalgicamente às suas raízes: daí a moda retrô, o gosto pela história e pela arqueologia, o interesse pelo folclore, o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e o pretígio da noção de patrimônio.” Com isso, podemos defender que vivemos em uma contemporaneidade com o que chamaremos de *febre nostálgica*. Pipocam em blogs e redes sociais projetos de artísticos<sup>24</sup> com cunho de cultivo à memória de algo ou alguém, desde a bolacha recheada consumida durante a infância e que já não é produzida, até montagens e releituras de fotos antigas de família.

Há um grande saudosismo, uma dor que não cala acerca de coisas boas que já passaram e que foram substituídas, sem nos darmos conta durante o processo, por coisas que consumimos de forma rápida e por diferentes tecnologias. Para muitos então, “moderno é ser antigo” (Tamaso, 2002), o que acaba por mudar também a vida contemporânea em diversos aspectos, as atenções das sociedades voltaram-se para as raízes que as proporcionaram ser e estar.

Se antes o patrimônio era obstáculo para o progresso, pensamento que *lançou por terra*, inúmeras representações culturais que impediram determinadas ações de desenvolvimento urbano, por exemplo, hoje este tem um papel fundamental no desenvolvimento das sociedades.

O patrimônio além de criar vínculos entre cidadãos e gerações anteriores, propicia também um desenvolvimento econômico ao atrair o turismo cultural (CHOAY, 2001) e acaba por aumentar a autoestima daquele que é portador, faz parte e é herdeiro das memórias conhecidas. O patrimônio colabora para que os indivíduos encontrem o equilíbrio entre o permanente e o efêmero, salvando memórias da erosão e do descarte. Isso acontece, segundo Lowenthal, porque o sentimento de pertença passa a ser latente nos indivíduos e os mesmos começam a ter e ser parte integrante do patrimônio com que se identificam “em tempos passados, apenas uma pequena minoria procurava por seus antepassados, acumulava antiguidades, desfrutava dos velhos mestres, ou excursionava por museus e sítios históricos” (LOWENTHAL, 1998b, p. 10), realidade que vem mudando nos últimos anos.

---

<sup>24</sup>Um exemplo simples de blogs com conteúdos de cunho saudosista é o “coisas legais que o tempo matou”, disponível em: <http://minilua.com/coisas-que-morreram-com-tempo/>, faz uma curta e singela retrospectiva, de lembranças da autora que durante algo tempo estiveram circundando a vida de muitos indivíduos como as “coisas boas daquele tempo que não volta mais”. Podemos citar, entre tantos projetos artísticos que tem a memória como foco, os trabalhos de Rosângela Rennó, artista brasileira, especificamente a obra *Imemorial*, funciona como um memorial que busca que os espectadores lembrem-se de coisas esquecidas.

Fazendo uso das palavras de Nora, cada indivíduo se torna historiador de si mesmo através da obrigação de lembrar. O memorialista urbano tem essa produção que mais parece um culto a memória, e ainda mesclada com as leituras e memórias da vida do próprio autor. Narrativas nostálgicas, que parecem lamentar por algo que *já foi, que estava lá, e ficava aqui*, o memorialista narra com olhos que não são os mesmos com os quais as coisas narradas foram experienciadas.

“Na praça, há o murinho dos velhos que veem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações”. Aqui Italo Calvino (2003) narra acerca de um homem que calvaga por caminhos *selváticos* desejando uma cidade, a cidade dos seus sonhos onde vivia e agora retorna em idade avançada, e com saudade percebe que as memórias que desejava reviver são agora, apenas memórias.

Com o olhar aproximado ao do memorialista urbano, a pesquisa da Igreja do Carmo foi escrita, com o olhar de quem olha com carinho ao passado, procurando reviver aspectos de vidas pretéritas que influem na vida presente. É este olhar que será apresentado aos educandos durante as atividades em sala de aula e nas visitas à Igreja do Carmo, e é também com este olhar que a pesquisa busca proporcionar que a edificação estudada seja percebida pelos educandos, um olhar de quem não a experienciou como aquele que narra - tal qual o personagem de Calvino.

Este olhar, no entanto, não deve ser entendido como uma visão saudosista do passado, mas como compreensão crítica deste e do presente e que proporciona ainda um respeito às distintas manifestações culturais que existem, principalmente quando se estuda acerca dos bens culturais, quer sejam materiais ou imateriais a diversidade de sentidos é muito vasta. Sendo assim, aqui docente e discentes experenciarão a pesquisa de forma totalmente distintas, mas priorizando a vivência de um ensino e estudo da história através da educação patrimonial.

## 2.2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA CULTURAL.

Não é novo o fato de que, conforme afirma o historiador André Segal, se faz necessário diferenciar o ensino de História que se coloca em prática no nível básico da educação, daquele que se pratica no ensino superior. Neste último formam-se educadores e historiadores, no primeiro deve se levar em conta que forma-se o dito *cidadão comum*, que enfrenta as lutas cotidianas e abusos, que deve tomar decisões que regem o rumo de sua nação ao mesmo tempo em atua de acordo com aquilo que lhe é apresentado através das mídias e outros contatos manipuladores que contam as histórias conforme suas conveniências e daqueles *heróis* que devem ser lembrados por feitos por eles realizados e que supostamente representam a coletividade.

Percebe-se o papel da História escolar ligada à cidadania, a mesma passa de uma fase que procurava manter o ideário nacionalista, uma identidade nacional desde o início do século XIX, para uma fase que passa a ter por objetivo a formação de um *sujeito histórico*, cidadão que desenvolva o *pensamento crítico*. Através do ensino de História o educando tem a oportunidade de refletir aquilo que lhe é contado, afastando-lhe da inércia e da imobilidade perante as determinações e memórias preservadas como “a” memória.

Bem disse Michel de Certeau, que “a história é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio”. De forma recorrente associa-se patrimônio ao conceito e à construção da identidade dos indivíduos, bem como às suas memórias, muito embora se perceba que alguns destes indivíduos não compreendem e não acreditam que uma edificação histórica, por exemplo, possa ter algo relacionado à sua própria identidade.

Qual seria então o papel da História no que tange às questões de patrimônio? Segundo Pierre Nora (1993) por habitarmos em tempo sem memória, edificamos lugares em sua substituição. História e memória não é a mesma coisa, no entanto não estão dissociadas, cabe a História o papel de indagar as memórias, suas construções e processos. A educação patrimonial é um desses meios em que, conforme Possamai, o historiador pode deixar sua torre de marfim e não mais observar a memória à distância, mas sim ir para o campo de estudo, entrando em contato com as várias faces da memória.

A partir da década de 1990, com as reformulações curriculares das licenciaturas, abre-se espaço nos ambientes de salvaguarda do patrimônio a fim de proporcionar aos futuros educadores novas experiências docentes. Com isso, propagou-se a noção de que estes espaços deveriam preocupar-se com o patrimônio no âmbito educacional, e de igual modo, propagaram-se, diversos

programas de Educação Patrimonial. Quando do período de criação do IPHAN, já se observava através das proposições de Mário de Andrade o conceito de que a preservação do patrimônio faz parte da educação.

Nas diversas esferas do cotidiano é necessário conviver compreendendo as inúmeras construções identitárias. A escola é uma dessas esferas e o ensino de História tem parte significativa e ao se tratar do ensino a partir do patrimônio, tem-se mais uma oportunidade de conhecimento das realidades e identidades que circundam os espaços de convivência, conhecimentos diversos, fugindo e questionando os padrões estabelecidos.

Sendo assim, o patrimônio não deve ser apresentado como objeto de culto inquestionável e muito menos imposto através de processos ditos de apropriação, quando são de fato processos de imposição. “À História, no entanto, não cabe o papel de defensora de memórias ou identidades, ao contrário, a esta cabe o esforço no sentido da análise crítica dos processos de invenção e legitimação das mesmas na sociedade.” (POSSAMAI, 2013, p. 71).

Cardoso e Vainfas (1997, pág. 221) afirmam que a “história cultural é uma história plural, apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica”. Com base no estudo dos patrimônios e bens culturais, professor historiador e alunos deparam-se com documentos diversos e de tipos distintos que possibilitam aprendizagens sobre as relações das diversas temporalidades nas quais os patrimônios foram forjados. Para tal, o ensino de História passa por um diálogo constante entre educadores e educandos com os olhos sempre voltados para estes documentos. Através deste diálogo prioriza-se a busca por uma história que beba de outras fontes, vivências do *cidadão comum*, ótica que encontramos nos fundamentos da história cultural e suas discussões.

Por este motivo, preocupou-se durante a presente pesquisa, o utilizar da teoria da História Cultural para que fosse um “guia” abrindo os olhos, de modo que se tivesse o cuidado de não impor a Igreja do Carmo como patrimônio significativo para os educandos envolvidos. Mas para que docente e discentes, ao longo do processo, tivessem contato com parte de uma das narrativas da cidade através das diversas fontes que constituem a Igreja do Carmo. Para que o processo de (re) conhecimento do bem cultural em questão fluísse como uma investigação histórica, que teria ou não por consequência, a valorização do patrimônio local através desse diálogo entre professora, discentes e edificação.

A história cultural enquanto teoria teve grande reverberação nos meios de estudo por sua abrangência e maleabilidade de relações, pois conforme o historiador Roiz “tudo que tem história, ou antes, laços simbólicos integrados num conjunto de códigos a que se chama ‘cultura’, está

passível de ser investigado pela História Cultural” (ROIZ, 2008). Por esse motivo, à história cultural renderam-se muitas críticas, por se tratar de apenas um rótulo destituído de sentido, opaco e inconsistente, e ausente de métodos claros e definidos.

Sandra Pesavento indaga e reflexiona acerca da

mudança(s) nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História” (2005, p.8).

As mudanças epistemológicas mais marcantes com o advento da História Cultural estavam atreladas à reformulação do fazer do historiador com base em termos como: imaginário, narrativa, representação e sensibilidades. Ainda para Pesavento, as representações

construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (2005, p. 39)

Entre os nomes precursores da História Cultural estão Jules Michelet, Jacob Burckhardt, Wilhelm Dilthey, Walter Benjamin, Ernst Gombrich, Erwin Panofsky, Paul Ricoeur, Roland Barthes, Michel Foucault, Michel de Certeau, essa grande variedade de pensadores abriu uma gama de discussões e debates entre ‘modernos’ e ‘pós-modernos’, e teve por grande divulgador da História Cultural Roger Chartier.

Para Pesavento a proposição da História Cultural seria o decifrar da realidade do passado a fim de compreendê-la e através das representações identificar como os homens percebem e expressam a si mesmos no mundo. O historiador sabe que suas investigações podem narrar acontecimentos pretéritos, mas que as “verdades” apresentadas como frutos dessas investigações são lidas e absorvidas com base em outras óticas, interpretações e versões.

Ele sabe que seu objetivo é alcançar uma verdade, mas não uma verdade absoluta e em grande parte seu papel é o de indagar e rever as verdades estabelecidas, com isso “o mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas” (PESAVENTO, 2005, p.51).

Por se basear na cultura, que parece ter uma polissemia considerável na contemporaneidade, corre-se o risco de cair em algumas armadilhas. Burke (2006) ressalta a importância de se estudar

critérios das fontes, realizar profundos questionamentos acerca da metodologia utilizada e das fontes que a ela se aplicam.

Espera-se aqui da parte do historiador uma postura crítico-reflexiva, que não o leve à interpretações preconceituosas e generalistas. Ademais, o uso da História Cultural proporciona aos historiadores e educadores uma gama de possibilidades no que tange às infindáveis fontes disponíveis aos estudos da memória e identidade. A memória, para Nora (1993, p. 9), 'é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado'.

Defende-se que memória e história não são vocábulos diferentes com o mesmo significado. A memória é o ato de conservar informações, estas muitas vezes sofrem perdas e passam a ter outros significados, ou seja, outras lembranças, o que faz com que a memória tenha por característica aquilo que nem sempre é realidade, uma vez que através das vivências e de como as interpretamos, as lembranças são modificadas no cérebro humano. No entanto a construção das identidades depende das memórias dos indivíduos, para Sandra Pelegrini, identidade se faz um

processo contínuo e complexo de construção do sujeito individual em relação ao outro, de constituição de identidades grupais definidas por meio de critérios como aceitabilidade e credibilidade que se firmam por meio de negociações diretas com os outros e seus respectivos universos culturais, tornando-os reciprocamente unificados diante de determinados interesses (2009, p. 32).

O patrimônio como bem constituído de memórias e identidades, ainda opera inúmeras vezes como um bem com o único valor de utilidade para parte considerável da sociedade, como as moradias, por exemplo, no entanto ao mesmo tempo as discussões para que se observem os aspectos simbólicos destes bens, como representações de práticas e de grupos sociais se ampliam e viralizam com mais força, crescem também as inserções nos planos de atuação em salas de aula.

Tem-se, aqui, por significativo o conceito de apropriação (CHARTIER, 2009; CANCLINI, 1997), pois se entende que existam diversas formas de se conceber o patrimônio cultural. O tombamento de bens culturais é um destes meios de concepção do patrimônio, tomba-se aquilo que está ameaçado, mas que se estivesse em uma condição de apropriação e valorização por parte daqueles de quem se procura protegê-lo, esta forma de concepção não seria necessária. Não é preciso proteger aquilo que não corre perigo ou encontra-se em uma situação de fragilidade, seja esta material ou simbólica. Retomamos a argumentação de Nora, se há memória junto a ela não se tem a necessidade de edificar em seu nome.

Ao voltarmos os olhos para Igreja do Carmo percebemos uma edificação que cumpre sua função social, é um local de culto e de interação entre a comunidade. No entanto, surge o

questionamento; se por esta edificação cumprir sua função social de propriedade<sup>25</sup>, suas memórias ficariam apenas restritas ao grupo que com elas convive – e que mesmo assim, muitas vezes não as rememoram, e, por vezes, as conhecem de forma rasa? Têm-se aqui o entendimento de que independe da vertante religiosa a que se pertence, o conhecimento de parte da história da cidade narrada lado a lado com a história de um bem cultural como a Igreja do Carmo. No entanto, conforme precebido ao longo da pesquisa e com base nas experiências provindas da mesma, o processo de apropriação vem logo após o conhecimento, a escolha significativa por um patrimônio parte de uma premissa subjetiva e ainda assim, são diversas as motivações e modos de se apropriar, ou seja, como se age no e para com o patrimônio.

Outro conceito imbricado à ideia de apropriação está o conceito de ressonância (GONÇALVES, 2005). Ocorre pela ideia de que por mais que um patrimônio tenha assim sido caracterizado e definido, por algum órgão ou agência de salvaguarda de bens culturais, não é garantia de que a população a qual ele *devia* representar o valorize.

Deparamos-nos assim em um conflito entre a memória dos indivíduos e aquela que lhes é imputada. Portanto o ensino de história, crítico e reflexivo, vai oportunizar aos educandos o estreitamento de laços com o patrimônio cultural e artístico, mas sem a garantia de que estes irão automaticamente ou de forma rápida valorizar de forma efetiva os bens culturais, sendo assim qualquer proposta está sujeita à ressonância. E com isso, a arquitetura no ensino de história tem papel significativo na compreensão das realidades e manifestações históricas, conforme veremos nas considerações que seguem nos próximos subtítulos.

Tendo em vista que, a arquitetura procura compreender os valores intrínsecos à cultura e história dos lugares, a compreensão de uma corrente teórica como a História Cultural, veio a contribuir para o entendimento das narrativas que envolvem a edificação da Igreja do Carmo. Veio somar também, no que concerne a esta autora nos modos de pensar as atividades docentes e os caminhos tomados para conduzir os educandos aos questionamentos e reflexões acerca da igreja. A medida que, durante as atividades promovidas durante a pesquisa da Igreja do Carmo, procurou-se oportunizar aos educandos o exercício do pensamento crítico, enquanto cidadãos, mais uma vez as reflexões vividas a partir da História Cultural, falicitaram esse processo. O exercer da cidadania a partir do conhecimento deste bem cultural que é a igreja em estudo, promove a reflexão das manifestações culturais, do que era importante e quais as necessidades da população citadina ainda no que antecede a década de 30.

---

<sup>25</sup> Ver TEIZEN JÚNIOR, 2004, para as reflexões e discussões acerca da função social de propriedade.

## 2.3. ARQUITETURA NO ENSINO DE HISTÓRIA

O Ensino de História interligado à arquitetura não desempenha o papel de enaltecer patrimônios edificados ou ainda o artista por eles responsável. Aqui, o Ensino de História tem parte significativa no processo de existência das edificações, é ele quem dá sentido ou/e amplia esse sentido nas obras de acordo com o estudo histórico, dos aspectos que envolvem a mesma. A pesquisa e o olhar crítico-reflexivo são o espelho, a janela que abre caminho para a cultura da época, as condições e necessidades da mesma frente às representações arquitetônicas. Nas palavras de Sigfried Giedion,

la historia no es depositaria de unos hechos inmutables, sino un proceso, un patrón de actitudes e interpretaciones vivas y cambiantes. ... Echarla vista atrás, a una época pasada, no es sólo inspeccionarla, encontrar un patrón que será el mismo para todo el mundo; la mirada retrospectiva transforma su objeto: cada espectador, en cada período – en cada momento, - transforma inevitablemente el pasado de acuerdo con su propia naturaliza. (GIEDION, 2009, p.43)

No ensino de História, com os olhos voltados para as edificações arquitetônicas, os educandos têm acesso a história materializada pelas mãos daqueles que os precederam, encontram, histórias e vidas pretéritas, de forma palpável para que através do olhar presente e dos aspectos que o constituem como indivíduo - sua natureza – possam compreender aquilo que da significado a história coletiva, tendo consciência de que esta última não é estática

“La historia no es estática, sino dinámica. Ninguna generación tiene el privilegio de comprender una obra de arte en todas sus facetas; cada generación realmente viva descubre nuevos aspectos de las obras artísticas. Pero estos nuevos aspectos no se descubrirán a menos que el historiador muestre en su campo el valor y la energía que los artistas han desplegado em el uso de los métodos desarrollados em su propia época.” (GIEDION, 2009, p.43)

A arquitetura é entendida como uma prática cultural, e frente à análise histórica, surgem rupturas, diferentes maneiras de ver e de compreender a diversidade de inúmeras organizações culturais e suas manifestações. O estudo do significado da arquitetura, enquanto prática cultural permite estabelecer contato entre as proposições dos arquitetos e os valores culturais observados em qualquer época. Ao buscarmos contextualizar a arquitetura da Igreja do Carmo durante a pesquisa e ação docente, tentou-se compreender junto aos educandos, os processos que culminam na edificação. A partir da compreensão da arquitetura enquanto prática cultural e artística, pode-se perceber e conhecer também os caminhos traçados para fazer e pensar os espaços da cidade. Com isso, através da pesquisa, ficou perceptível em parte, com base no recorte histórico Igreja do Carmo, a maneira como estava organizada a cidade do Rio Grande quando no período de construção da referida igreja, quais materiais eram utilizados, como chegava a matéria-prima que não se tinha

disponível na cidade, quais as técnicas utilizadas e quais as necessidades de remodelações do espaço citadino devido à realidade na época, tendo em vista o fazer arquitetônico.

Para Castaño e Bernal (2005), ao procurar uma definição para a figura do arquiteto é de extrema importância diferenciar o profissional da arquitetura de um arquiteto. Para os pesquisadores o profissional de arquitetura, em termos gerais, é aquele que está criando a universidade de hoje, é aquele que adquiriu algumas capacidades e habilidades para construir edifícios, sendo assim, é um fazedor de edifícios que reproduz com eficácia sistemas já implementados.

O arquiteto, entretanto, é outra coisa para os pesquisadores e responde a complexidade imputada a profissão de arquiteto durante séculos; este indivíduo assume a posição de criador de espaços, é mais que um fazedor de edifícios e se compromete com todas as condições socioculturais que fazem parte da habitabilidade, ou seja, além de pensar os usos e funções dos edifícios, ele pensa ainda nas influências culturais, no que ele quer transmitir simbolicamente com sua criação, tendo assim um trabalho original e permeado de sentidos da parte de quem o faz e da parte de quem vai usufruí-lo.

A figura do arquiteto é também a mesma figura do artista, ele é um artista e por este motivo deve ter essencialmente a capacidade de criar e de projetar – que segundo o dicionário da Real Academia Espanhola é idealizar, traçar e dispor de um plano e de meios para executá-lo, é ainda a capacidade de imaginar o que ainda não existe.

O conhecimento histórico é imprescindível para o arquiteto, no que diz respeito ao conhecimento do passado humano. Quando o arquiteto compreende as manifestações arquitetônicas ao longo da história, consegue traçar planos e tecer possibilidades futuras para suas ações, amplia sua visão de mundo, conhecimento de técnicas e materiais, formas e processos diferenciados.

Para os arquitetos que estudam registros pretéritos, existem fatores<sup>26</sup> condicionantes que devem ser priorizados na construção de qualquer edificação, esses fatores são frutos de uma época e de uma sociedade e irão refletir nas produções humanas de qualquer gênero e finalidade. Neste sentido, para estudiosos da arquitetura a história viabiliza conhecimentos e experiências humanas, não a fim de servir como modelos, mas que o homem (re) signifique experiências anteriores e as

---

<sup>26</sup> qualidades e características do meio físico;

- figura do cliente ou do solicitante;
- técnicas disponíveis no local;
- mão de obra local;
- materiais industrializados encontrados na região;
- legislação urbana de edificação do local;
- a figura do arquiteto.

traduza compreendendo seus caminhos e assim possa pensar também o tempo presente.

Quando no Brasil quinhentista, umas das primeiras ordens católicas a se estabelecerem na colônia como Jesuítas e Carmelitas, já possuíam arquitetos e construtores notáveis em seu quadro, que deram início às construções católicas em terras tupiniquins. Como os religiosos em geral se distinguiam pela sua boa formação cultural, sendo muitos deles artistas de primeira linha, acabaram praticamente por monopolizar os projetos de arquitetura de grande porte pelo menos até o século XIX, encarregando-se também da decoração interna. É interessante aqui, resgatar a figura do construtor e projetista que recebem destaque pela edificação Igreja do Carmo. Dois homens que, a princípio, não se tem conhecimento concreto de uma constituição formal enquanto arquitetos, mas que, no entanto dominavam as técnicas e tinham conhecimento das narrativas e produções humanas no âmbito das construções religiosas.

Nos percursos cotidianos todos os indivíduos convivem com arquitetura, seja ela bela ou não aprazível aos olhos, ela é, sobretudo, cena e palco da vida diária dos indivíduos. A arquitetura pode ser entendida como a arte e técnica de elaborar e construir espaços que abrigam as mais diversas atividades humanas. Para Bruno Zevi (1994, p.17) a “arquitetura é como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha”.

Ainda definindo-a, a arquitetura “é, antes de mais nada, construção, mas construção concebida com o propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade e visando a determinada intenção plástica” (COSTA, 1962, p. 2). As obras arquitetônicas são fruto do aspecto físico (espaço e volume), do que é necessário (seus usos e funções) e do aspecto artístico (composição dos elementos visuais). Outros estudiosos a têm sustentada por apenas dois aspectos; o estético e o funcional.

A arquitetura não é uma ciência, mas sim arte, é disciplina mutável, que se transforma ao mesmo tempo em que não se sujeita aos padrões formais ou sociais, compartilha raízes com as humanas, pois se dá com base nas atuações de gente, de humano. A arquitetura é capaz de abarcar variedades de sentido em um mesmo espaço físico, pois assim também é a humanidade, um corpo inundado de pluralidades e multiplicidades de sentidos.

Enquanto espaço construído, a arquitetura funciona a partir da sua habitabilidade, sua capacidade de ser habitada e com isso surge a pergunta; onde termina a funcionalidade de abrigo e onde começa a arquitetura? (Castaño, Bernal, Cardona e Ramírez, 2005) O homem foi guiado às construções por sua necessidade de abrigo frente às intempéries atmosféricas, ele passa também a buscar que esse abrigo ou albergue, seja agradável a sua convivência, o que poderíamos tomar

como o aspecto estético das construções.

A partir daí flui uma significativa capacidade de representação nos espaços de habitação, onde temos como marco na História da Arte os primeiros indícios de manifestações artísticas como parte integrante da arquitetura, a exemplo das pinturas rupestres na caverna de Altamira na Espanha e em outras tantas regiões do mundo. Nessa forma de arte o homem passa a externar as coisas que o intrigavam e amedontravam no mundo natural; os poderes sobrenaturais e também o poder de materializar coisas invisíveis como os deuses e fenômenos que sua lógica não conseguia compreender.

Com isso a arquitetura caminha passando e transcendendo o refúgio dos homens para uma habitação mais simbólica, permeada de muita fruição estética da parte de quem a idealiza, e muitas vezes tipificava uma vida além da que se tinha, tais como as pirâmides egípcias e tantas outras construções funerárias ao redor do globo, que intentam proporcionar ao morto, com elementos do mundo material, uma vida e conforto no que acreditam ser uma vida no além. Sendo assim, aqui as construções transcendem o cimento e a estrutura para alcançarem a mitologia, os ritos e o mágico de sua cultura com foco no que seria a casa dos mortos, contudo passam a ter, posteriormente, como sujeito das construções os deuses e divindades.

Os lugares de cerimônias e os templos onde sacrifícios, idolatria e sacerdócio enquanto ofício possuem um aspecto habitável interessante e de grande presença, o modo como os povos se apropriam destes espaços tem grande importância e significado em suas vidas, fazem muitas vezes parte concreta do seu cotidiano, cita-se aqui a esse respeito edificações como o Partenon na Grécia antiga, igrejas góticas e românicas, e as que ainda hoje são erigidas em algumas cidades.

Já com o Renascimento a arquitetura acompanha o espírito da época, aparece o palácio dos senhores, as imponentes casas dos nobres, demarcando primeiramente as condições financeiras de alguns grupos da época. As diferentes situações econômicas definiam como as construções seriam erguidas e como elas seriam esteticamente apresentadas, nada mais que uma demarcação arquitetônica social, uma vez que os arquitetos desenham submetidos às vontades extravagantes de um rei ou de um personagem nobre ou posteriormente de um burguês.

Finalmente, na Modernidade as construções aparecem com um tema condicionado pela história, como a Revolução Francesa, a casa para todos os homens (Castaño, Bernal, Cardona e Ramírez, 2005). As habitações eram seriadas sistematizando as cidades. Aqui a arquitetura foi pensada de acordo com as consequências e resultados de acontecimentos históricos e das mentalidades frente a história.

Nesse período pós-guerra, as transformações urbanas foram inevitáveis, a busca por trabalho nas cidades e em suas grandes empresas faz com que os indivíduos pensem em como resolver o problema da falta de espaço para os imigrantes em busca de trabalho, de forma rápida e precisa com a tecnologia que se tinha em mãos, por esse motivo as construções de habitações seriadas, com a *mesma cara*, fazendo uso do mesmo material. O que foi um artifício significativo por parte dos industriários, que a fim de abrigarem os funcionários – próximos ao emprego é claro, até como uma forma de vigiar suas vidas- erguem os complexos habitacionais, tais como o complexo da Fábrica Rheingantz em Rio Grande.

Com o avanço da ciência a razão passa a imperar nas construções, o homem passa a ser representado de uma forma matemática e os números imperam nos planejamentos e controle do que acontece nos países e cidades e como estas estão a se desenvolver, o que propicia ao homem realizar predições das cidades, formular hipóteses e criar assim, cidades planejadas como Brasília, centro do poder político do Brasil e Chandigarh na Índia. Para (Castaño, Bernal, Cardona e Ramírez, 2005), estas cidades são exemplos de construções em países subdesenvolvidos que mudaram o rumo urbano de algumas cidades, cedendo aos ideais utópicos do movimento moderno.

Como se pode observar, a história da arquitetura nada mais é do que a história das concepções e exigências espaciais do meio para o qual foi pensada. Para Trinta

as construções trazem a marca do homem no campo e na natureza, pois a arquitetura provém do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens vivem e o espaço pronto só pode ser vivenciado depois, pela experiência direta. Saber entender esse espaço é o resumo da compreensão dos edifícios.

A arquitetura trata de entender os valores que emergem da história e da cultura de lugares específicos. Os feitos e manifestações com vestígios e presenças espaciais concretas são a base da permanência, continuidade e acessibilidade de estudo da memória de um povo. Esses vestígios, que permitem o (re) conhecimento e permanência de culturas e povos, ultrapassam os limites das imagens de espaços, edificações e vão até os acontecimentos, rituais, as particularidades e apropriações da vida nesses lugares.

Com isso a arquitetura como parte integrante das proposições do ensino de História se torna significativa para que os indivíduos através do contato com as edificações compreendam mais sobre o lugar em que habitam ou não e a sua história, ademais as edificações arquitetônicas sem a presença e convivência daqueles para os quais foram pensadas perdem o sentido de sua existência. Pois, segundo ZEVI (1994, p. 189), “o conteúdo da arquitetura são os homens que vivem os espaços, é a vida física, psicológica, espiritual que decorre neles. É o seu conteúdo social”.

A partir deste olhar histórico para a arquitetura, a compreensão dos povos anteriores se amplia, como mencionado anteriormente. Basta voltar bem os olhos ao passado para se deparar com o fato de que as formas do espaço habitado estavam e estão ainda sujeitas a um conceito que as determina e dá sentido, a exemplo da sociedade egípcia com o culto a morte, a harmonia nos gregos, o poder sobrenatural na organização do espaço coletivo no México, em Teotihuacan e ainda o espaço moderno pensado para o controle e sujeição, tal como as escolas no modelo panóptico<sup>27</sup> pensado por Foucault, o filósofo Bentham, entre outros. (Castaño, Bernal, Cardona e Ramírez, 2005).

O estudo da figura do arquiteto e o papel da arquitetura no desenvolvimento dos espaços da cidade se faz significativo no que tange a presente pesquisa, pelo fato de contribuir para a compreensão da construção das realidades, o que se tinha por arquiteto e em relação a esse ponto quais eram as figuras a frente da construção da Igreja do Carmo e como elas lidavam com as peculiaridades da proposição e da cidade em que propunham.

Assim como para a figura do arquiteto é de extrema valia compreender a história, os caminhos percorridos pelo e no lugar em que irá projetar, de tal modo, pela ótica da presente proposição, se tem por significativo a compreensão do fazer arquitetônico e da figura do arquiteto, a fim de perceber a igreja sobre quantas óticas for possível, a do visitante, a ótica do fiel que faz parte da comunidade, a do pesquisador, também daquele que olha a edificação pela primeira vez e igualmente do projetista e do arquiteto, e estes tendo uma relação afetiva e de vida com a mesma, diferente, de repente, de arquitetos e projetistas contratados para uma cidade estranha, ou para concretizar uma ideia, um espaço que não fará parte depois de finalizado.

---

<sup>27</sup> *Pan* significa tudo e *óptico* visão. Ver o filósofo francês Michel Foucault, *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*, de 1976. Foucault estuda as instituições disciplinares da sociedade moderna, que tem como modelo de panoptismo o conceito de prisão criado no século 18 pelo também filósofo inglês Jeremy Bentham. Ele pensou em uma arquitetura de prisão na qual as celas formam um anel em torno de uma grande torre. Nela fica um guarda que não pode ser visto pelos presos, que são vigiados o tempo todo. No conceito as celas são vazadas, ou seja, somente com paredes laterais, de modo que os encarcerados não conseguem fugir da vigilância permanente do guarda na torre central.

### III. OFICINAS PATRIMONIAIS: “Professora! Não entendi, tenho que desenhar essa igreja que eu nem conheço?”

---

O ensino de História, assim como tantas outras disciplinas, é um espaço rico que pode proporcionar diversas possibilidades de trabalho com os processos de Educação Patrimonial, ou com a metodologia em si. Desde o início da caminhada escolar de um indivíduo, educadores podem utilizar e nortear seu trabalho com questões como história, memória e cidadania. Cada indivíduo à medida que cresce desenvolvendo suas habilidades, conhecimentos e imaginário pode sentir-se herdeiro da sua própria historicidade à medida que a compreende como parte dos espaços a que convive. Pode ainda compreender como a memória local, seja ela individual, coletiva ou familiar, está como parte constituinte do que chamamos patrimônio cultural.

Sendo assim, diante das inúmeras possibilidades de desenvolver a consciência para as questões patrimoniais, nas páginas que se seguem apresenta-se uma destas possibilidades de se fazer conhecida a memória local e de conhecer a própria história a partir daquela maior a que fazemos parte enquanto comunidade e de igual modo desencadear a valorização do patrimônio artístico e arquitetônico local.

Para tal, compreende-se como um dos passos da Educação Patrimonial, enquanto metodologia, o registro do bem cultural centro da pesquisa, registro este que pode ser realizado através de desenhos, anotações descritivas, fotografias, vídeo e etc.

Mediante isso, introduzimos a atividade artística por meio do ato de fotografar sem preocupações técnicas. Ademais, buscou-se proporcionar aos discentes o contato com a prática fotográfica enquanto mediadora da leitura tanto do passado da igreja como de seu presente. Através do olhar curioso que registra e da prática artística, intencionou-se traçar paralelos entre momentos na história da igreja registrados em fotografias e como encontramos este bem cultural hoje.

Destacamos as inúmeras possibilidades que o conhecimento das narrativas encontradas e a partir do estudo da história da Igreja do Carmo traz ao ser apropriado na prática pedagógica enquanto eixo de experiência artística com a fotografia, proporcionando aos educandos a ressignificação dos conhecimentos produzidos durante o processo e também do seu imaginário, a medida que a aproximação através da prática fotográfica proporciona novas vivências de uma estrutura arquitetônica, antes estudada através de relatos escritos e fotográficos produzidos por outras pessoas.

### *3.1. FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO: “Profe, posso levar meu celular para tirar fotos?”*

#### 3.1.1. O ato de fotografar como um processo pedagógico

Fotografia, por definição essencial, é a técnica de criação de imagens por meio de exposição luminosa, fixando-as em uma superfície sensível à luminosidade a qual foi exposta. A palavra fotografia vem do grego [fós]: luz e [grafis]: estilo, pincel ou [grafê] e significa “desenhar/gravar/escrever com a luz”. Tem-se por a primeira fotografia registrada a imagem captada pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, datada em 1826.

Com isso, a presença da tecnologia fotográfica é algo constante e de grande representatividade desde os primeiros passos rumo à sua popularização, sendo apenas (re) significada devido às mudanças sociais e culturais ao longo do tempo. E, em se tratando da presente pesquisa, a prática fotográfica esteve presente desde os primeiros encontros com os sujeitos do projeto.

Nos primeiros momentos foi através da prática fotográfica que a Igreja do Carmo passou a ser vista mais significativamente, antes mesmo da pesquisa nas fontes primárias. O ato de fotografar precede o ato mecânico mediado pela máquina fotográfica ou qualquer outro aparelho eletrônico utilizado para esta finalidade, este ato vai além da visão. Fotografa-se aquilo que se quer guardar, rememorar, e isso por haver uma ligação entre sujeito que fotografa e sujeito/objeto fotografado.

Na dinâmica que envolve nossa relação com a imagem, quando há de fato um encontro entre sujeito e objeto, admiramo-nos. (...) Nosso foco [está] nos valores daquilo que se percebe, no espanto misturado ao prazer como força motriz para que possamos ultrapassar o percebido. Essa orientação indica um caminho que exige a presença mais próxima, exige imagens diretas da relação que temos da matéria. (SOUZA, 2012, p.89)

Quando em pesquisa, o ato de se admirar foi recorrente não apenas pela beleza daquilo se fotografava, mas sim pelas descobertas. Enquanto os alunos fotografavam, ou acompanhavam o/a colega que detinha a câmera, apontavam o dedo constantemente em tantas direções no interior da igreja que dificultava acompanhá-los. Mesmo aqueles alunos que já haviam entrado na igreja se viam naqueles momentos em uma experiência nova, tendo ainda muito por descobrir, histórica e arquitetonicamente falando.

A saída de campo à igreja, proporcionou esta presença mais próxima a que Souza se refere. O deambular pelo templo, o perceber a proporção de cada espaço da igreja com relação também a proporção física de cada visitante-pesquisador que ali estava, foi significativo para estabelecer esta

relação entre todos os sujeitos. O ato de fotografar proporciona esse movimento entre o sujeito que se move, que procura ângulos e posições que melhor lhe traduz aquilo que se quer fotografar e o sujeito estático neste caso, o primeiro olha a partir de suas concepções e subjetividade para então olhar com o olho mecânico que é a câmera fotográfica. Há aqui, também, um exercício que transcende as capacidades motoras e cognitivas de cada sujeito, mas que promove o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção, e estreita o vínculo com as situações e o mundo ao redor.

Por vezes o ato de fotografar busca aquilo que está invisível aos olhos não por um problema mecânico e físico, mas sim pelo simples ato de perceber e realmente olhar. A fotografia então, nos permite ver e rever situações, pessoas, lugares e acontecimentos. Durante o processo inicial de reconhecimento fotográfico na igreja, preocupou-se em fugir do olhar a igreja em um plano muito aberto, o que poderia dificultar uma leitura realmente próxima da igreja, mas percebendo suas particularidades, detalhes, cantos não visitados e ornamentos esquecidos.



**Figura 31. Alunos e docente na composição fotográfica. Autora em pesquisa, 2015.**

Em um plano mais geral e aberto, acabamos muitas vezes nos perdendo na riqueza de detalhes que a igreja possui, então, antes da prática artística proposta aos educandos e que será explanada em outro subtítulo, os alunos foram conduzidos a este primeiro encontro com a igreja, olhá-la e percebê-la de perto em seus detalhes. Para a atividade um equipamento fotográfico foi

preparado para a execução das atividades, mas os alunos estavam ansiosos para levarem suas câmeras compactas e aparelhos celulares, a fim de produzirem fotos que seriam guardadas para eles. Frente a esta motivação, obviamente lhes foi permitido utilizarem seus equipamentos, e então durante os diálogos e contemplação dos elementos da igreja, grande parte dos alunos fazia seus registros pessoais traduzindo aquilo que seus olhos curiosos contemplavam com tanta atenção, em muitos casos pela primeira vez naquele espaço.



**Figura 32. Alunos fotografando no interior da igreja. Autora em pesquisa, 2015.**



**Figura 33. Alunos percebendo alguns detalhes do interior da igreja. Fonte: Autora em pesquisa, 2015.**

O interesse dos educandos pela arquitetura se mostrou muito favorável para aprendizagem dos mesmos no que concernia aos conteúdos estudados no momento e ainda veio a colaborar para afinar a sensibilidade de cada um para as experiências estéticas que virão a ter, independente de disciplina acadêmica, mas que os acompanharão na vida diária. A fotografia vem então como um meio, e não como um fim em si mesma apenas para se construir um produto, mas também na construção identitária de cada discente, tendo em vista o grande consumo de imagens na contemporaneidade, conforme discorreremos no restante deste capítulo.

No ato de fotografar, conforme já mencionado, não deixamos de ser surpreendidos por aquilo ou aqueles a quem nos propomos a ver mais de perto. Mesmo durante anos de pesquisa, ainda hoje esta autora se depara com elementos novos na história e é claro no espaço físico da igreja. A exemplo disso está um detalhe encontrado em uma das últimas excursões fotográficas na Igreja do Carmo. Trata-se de um entalhe na madeira que abriga os santos de roca na entrada da igreja, na nave lateral direita.



**Figura 34. Ampulheta no expositor Santos de Roca. Autora em pesquisa, 2016.**

O detalhe, uma ampulheta com asas de anjo, não havia sido percebido em anos de pesquisa, e tão pouco nos momentos de contemplação coletiva, onde claramente, os indivíduos percebem elementos diferentes em cada situação e lugar. Estes detalhes “escondidos” e invisíveis aos olhos nos motivaram a ter como fruto do trabalho e da pesquisa outro produto além do material paradidático, uma exposição fotográfica que também ficará disponível na igreja em um período definido, e ainda uma prévia da mesma, em menor proporção, na defesa desta dissertação.



Figura 35. Uma das fotografias que comporá a exposição. Detalhe de vitral em compartimento interno. Autora em pesquisa, 2016.

Devemos a isto a ligação desta autora com a prática fotográfica como uma atividade artística pessoal já de alguns anos e pelo fato desta prática ter sido um viés significativo durante o processo de ensino-aprendizagem na presente proposta promovendo (re) conhecimento deste bem – Igreja - a que nos propomos conhecer, estudar e produzir a partir dele.

Durante a contextualização da prática fotográfica, os discentes tiveram a oportunidade acrescer ao seu imaginário e conhecimentos um pouco acerca da história da fotografia, narrada a partir de uma linha do tempo ilustrada onde puderam compreender como a tecnologia fotográfica foi sendo transformada, testada e aprimorada até chegarmos naquilo que entendemos enquanto fotografia atualmente; como a produzimos e a consumimos. Nessa linha do tempo os alunos puderem conhecer diferentes técnicas fotográficas que precederam o filme fotográfico – que mesmo

assim muitos não conheciam este último – e assim, conheceram um pouco de como a sociedade estava organizada, quais técnicas, materiais que eram utilizados e quais descobertas foram feitas.

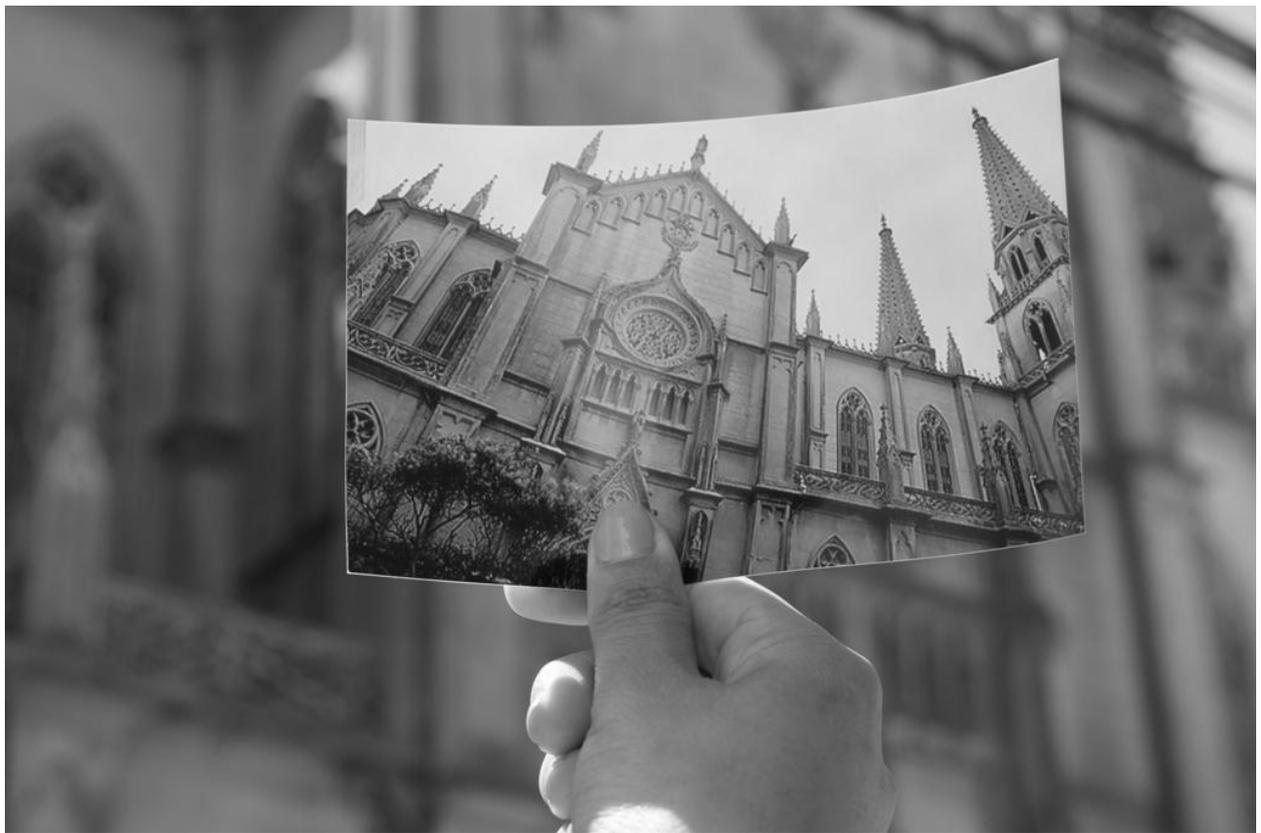
Do ponto de vista da pesquisa, foi extremamente relevante partir do conhecimento da prática fotográfica e de sua história, a fim de entendê-la como parte significativa do processo de conhecer a Igreja do Carmo, sua história e arquitetura. Foi preciso compreender e ver a fotografia enquanto mediadora da nossa sensibilidade ao olhar a igreja e não como um ato mecânico de apertar um botão.



**Figura 36. Aluno estudando a composição fotográfica. Autora em pesquisa, 2015.**

Aqui, ao apresentar a história da fotografia não nos detemos em ensinar técnicas fotográficas, embora o conhecimento técnico é importante para as composições, estas não foram imprescindíveis ao livre processo de aproximação e de olhar a igreja. Melhorias técnicas foram pontuadas no momento de produzir as fotografias, como posição do corpo e da câmera em relação à posição do sol, ângulo e etc. A qualidade técnica, embora alcançada na maioria dos casos, não foi requisito para a leitura do patrimônio em questão e do afinar a sensibilidade de cada discente.

Sem explicação técnica, cada educando foi experimentando e se movimentando para que registrasse através da câmera aquilo que primeiro foi idealizado no campo do sensível. Em alguns momentos um direcionamento mais técnico se fez necessário, pois muitas vezes o pensando não conseguia ser visto no reflexo da prática, ou seja, da fotografia final, a mecânica. A exemplo disso, temos as imagens abaixo, para que de forma rápida, possamos ilustrar essa questão.



**Figura 37. primeira composição fotográfica. Autora em pesquisa, 2015.**

Nesta primeira fotografia, a aluna que estava fotografando queria perceber e fixar através da fotografia as pequenas alterações na fachada da igreja ao longo do tempo. A proposta, como veremos mais a frente, tinha o objetivo de através de um recorte fotográfico incluir o antes da igreja no espaço-tempo atual.

Tendo isso em mente, esta imagem não pôde cumprir no primeiro momento aquilo que o aluna pensou e se propôs a fazer. Percebemos ao contemplar a fotografia que a aluna se encontrava em frente à Igreja do Carmo no momento da foto e que segurava uma foto realizada possivelmente na mesma posição em que se encontrava aquele que a fotografou primeiro, no entanto não conseguimos ver seu objetivo proposto concretizado, uma vez que ganhou destaque apenas a fotografia que a aluna tinha em mãos.

Durantes nossos projetos, vamos aprimorando-os e através dos experimentos e das tentativas alcançamos, por vezes, nossos objetivos. Há momentos em que um primeiro registro fotográfico pode sair exatamente conforme pensado, não há uma regra, mas para os alunos que não dominavam técnicas e o próprio aparelho fotográfico utilizado na saída de campo, foi necessário se deter a uma leitura maior do espaço e dos sujeitos, dedicar mais tempo para compreender como se posicionar frente ao objeto ou sujeito a ser fotografado e assim alcançar o projetado.



**Figura 38. Segunda composição fotográfica. Autora em pesquisa, 2015.**

Já na fotografia acima, a mesma aluna conseguiu traduzir na imagem a composição pensada a partir da proposta, foi possível encaixar o tempo presente com o tempo passado, enquadrando e completando a estrutura da igreja, facilitando a compreensão de qualquer pessoa, leiga ou não, que dedicasse um tempo, mesmo que pequeno, para a leitura da imagem produzida. Este é um exercício de percepção que tem muito a colaborar com o desenvolvimento de cada aluno.

Durante o processo da prática fotográfica, é improvável termos uma turma desatenta e insatisfeita com a produção, pois o contato com a tecnologia e esta ligada à (re) significação que o estudo prévio da história da própria fotografia e do objeto/sujeito a ser fotografado, se mostrou favorável para a prática docente e discente, onde os objetivos foram alcançados e a aprendizagem foi significativa, partindo da junção entre teoria e prática.

### 3.1.2. Uso da fotografia no ensino

Lana Mara Siman, afirma que a aprendizagem não se dá de forma inicial entre a relação sujeito e objeto de estudo, entre eles, para que haja a apreensão de conhecimentos há mediação dialógica de um professor, linguagens e signos, diversos olhares e interpretações. Para que o ensino alcance seus objetivos se faz necessário que o professor

...inclua como parte constitutiva do processo ensino/aprendizagem, a presença de outros mediadores culturais, como os objetos da cultura material, visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico possibilitarão a construção do conhecimento pelos alunos, tornado possível “imaginar”, reconstruir o não-vivido, diretamente, por meio de variadas fontes documentais. (SIMAN in ZARTH, 2004: 88)

Através da ponderação de que a linguagem está no âmago do conhecimento e está presente em todas as formas que interpretamos e absorvemos o mundo ao redor, a linguagem fotográfica pode e deve estar presente nos espaços formais e informais de ensino, pois por ser uma linguagem imagética alcança com facilidade os mais distintos campos sociais, e possibilita um olhar mais detalhado acerca das visões de mundo. O grupo alunos que participaram da proposta que trabalhamos na Igreja do Carmo refletia uma diversidade de composições e crenças familiares onde corrobora o uso da linguagem fotográfica, pois a imagem é dinâmica, universal e democrática, embora cada indivíduo faça a sua leitura perante as imagens e dessa leitura temos diversas e distintas interpretações, não é excludente, ela une.

Em consequência de sua maior circulação a nível global a partir do século XX, a linguagem fotográfica vem fazendo parte massiva em materiais didáticos e em atividades em sala de aula. Com isso, saber interpretar imagens torna-se para a contemporaneidade requisito básico quando se trata de viver em um mundo onde as imagens são consumidas em uma velocidade extraordinária e de forma simultânea, em alguns casos, em diferentes lugares do globo. Para John Berger o ser humano se alimenta e se comunica primeiro por aquilo que vê. A palavra está em campo secundário e a visão a precede.

Durante a prática artística que apresenta-se a seguir, a mediação através de imagens se fez sempre presente desde a construção através do imaginário dos educandos expresso em desenhos até a apresentação do patrimônio local e mundial representado em fotografias.

Cabe ao educador se apoiar em práticas cotidianas dos educandos a fim de (re) significar seu ensino com linguagens próprias dos alunos. Ao mesmo tempo, torna-se um desafio trabalhar em sala de aula com imagens, uma vez que estas são consumidas em uma velocidade muito grande e

são com mesma velocidade esquecidas por aqueles que as visitaram, conforme afirma Calvino,

Vivemos sob uma chuva ininterrupta de imagens; os media todo-poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelhos-imagens que em grande parte são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, como forma e como significado, como força de impor-se à atenção, como riqueza de significados possíveis. Grande parte dessa nuvem de imagens se dissolve imediatamente como os sonhos que não deixam traços na memória; o que não se dissolve é uma sensação de estranheza e mal-estar. (1990, p. 73. Apud Buoro, p. 48)

Para muitos vale aquele velho ditado, “uma imagem vale mais que mil palavras”, mas frente a isso fica também o desafio de, perante a realidade de produção em massa de imagens, ler e interpretar estas imagens. Reconhecer a fotografia como fonte de informação, conhecimento e memórias é de grande relevância em um ensino permeado por uma realidade de banalização de reprodução e veiculação de imagens.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 1989, p. 101)

A fotografia nos espaços de ensino se constitui como fonte significativa para o conhecimento histórico. Esta pode ser uma ferramenta instigante, reveladora e rica fonte para análise histórica, conforme afirma Kossoy:

As fotos não são meras ilustrações ao texto. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência da realidade que os originou (Idem, p. 20).

Sendo assim, principalmente quando se trata do ensino pautado nas memórias de indivíduos ou de patrimônios físicos a fotografia é um dos sujeitos do processo a fornecer parte significativa do material de pesquisa, além de ser motivador e desencadear curiosidades e sentimentos que acabam por ascender o interesse dos indivíduos frente aos sujeitos de pesquisa, pois “a fotografia é um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (Idem, p. 16).

Para a presente proposta entende-se a fotografia como um espaço democrático e extremamente instigativo da curiosidade dos educandos em identificar comunidades e lugares, espaços e épocas, bem como suas representações. Não basta, no entanto, o simples ato de olhar a fotografia e buscar somente através da imagem representada em material sensibilizado ou digital

compreender, desvendar a história, será preciso também prolongar a busca com informações providas de outras fontes, signos escritos, sistematizar datas e acontecimentos, ou seja, buscar o pano de fundo do que está sendo representado na fotografia e em seus detalhes, mas que na verdade é um fragmento de um rizoma que constitui a história e neste caso, a Igreja do Carmo em Rio Grande é parte das ramificações desse corpo maior que é a história local.

Neste trabalho de garimpar, de pesquisar informações a fim de sistematizá-las produzindo conhecimento, se faz necessário uma visão inter e multidisciplinar, bebendo-se de várias fontes. A este respeito LEITE afirma que: “a imagem é muda – não revela o nome ou quem é retratado, não indica por si mesma a data e o local do conteúdo. Embora forneça indícios através dos quais podemos deduzi-los, só saberemos com certeza desses dados através de uma identificação verbal.” (1983, p. 46).

Desta forma, além da compreensão de que a fotografia não é, na pesquisa, um fim em si mesma, é preciso utilizá-la tendo como preceito de que a mesma não está no Ensino de História e no ensino de uma forma geral, para apenas ilustrar. É preciso ter em mente que as fotografias estarão presentes como ferramentas de aprendizagem e como visões de mundo sobre determinados aspectos de uma cultura.

Segundo Turazzi (2005) a prática cotidiana da leitura, interpretação, a análise e utilização de imagens fotográficas no ensino/aprendizagem da História, devem ser entendidas como parte fundamental e inseparável do processo global de desenvolvimento da capacidade física e intelectual do estudante com vistas à melhoria de seu rendimento escolar e à sua plena integração social.

Frente a isso, a fotografia no Ensino de História colabora para alguns dos objetivos propostos na disciplina, quais sejam o proporcionar visão de mundo e posicionamento crítico dos alunos frente aos acontecimentos e construções históricas. Circe Bittencourt destaca que desde o século XIX os livros de História do Brasil já continham em suas páginas imagens, sobretudo relacionadas à política, para apresentar aos jovens estudantes personagens como Pedro Álvares Cabral, o “descobridor”, e Tomé de Souza, o primeiro “chefe político”. (BITTENCOURT, 2013, p. 77) Hoje, vivenciamos uma realidade diferente onde, apesar do fato de grande parte dos indivíduos crerem em informações veiculadas na internet através de imagens, as fotografias já não são utilizadas como um meio de glorificar personagens e feitos históricos, mas sim como um instrumento de análise.

Temos aqui o consenso de que a fotografia é um “documento/monumento”, como afirma Jacques Le Goff, pois, é “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da

época, da sociedade que o produziram.” Desta feita, “é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF, 2003, pp. 537-538).

A fotografia, como ainda veremos na prática da presente proposta, proporciona aos educandos estabelecerem relações entre passado e presente de forma contextualizada. Nesse sentido, para que os educandos compreendam a realidade em que vivem e atuem em uma perspectiva histórica, os Parâmetros Curriculares Nacionais da área de História nos ciclos III e IV do ensino fundamental, sugerem “o desenvolvimento de atividades nas quais possam questionar o presente, identificar questões internas às organizações sociais e suas relações em diferentes esferas da vida em sociedade”; “identificar relações entre o presente e o passado, discernindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações no tempo.” (BRASIL, 1998, pp. 53-54).

Neste trabalho de garimpeiro de informações é necessária uma visão inter e multidisciplinar, não se pretende a uma única abordagem ou vertente histórica, é necessário confrontar a imagem com todas as informações que pudermos coletar, o que se define como Iconografia que seria o simples ato de descrever a fotografia e a Iconologia que busca a interpretação da imagem, confirmado por Kossoy (1989, p. 69) “uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-se do contínuo da vida”.

Ao educador lançar mão em suas propostas de ferramentas como a fotografia, embora enfrente desafios e desconfortos em sua prática, exerce papel preponderante neste processo de apropriação do conhecimento da história, pois é a partir da fotografia que se observa o instigar da curiosidade dos alunos e colabora para que estes desenvolvam, como já defendido acima, a capacidade de interpretar informações que chegam até eles de forma massiva e diária, pois conforme defende Turazzi (2005, p. 3) “aprender a observar e a interpretar uma imagem fotográfica é, também, aprender a ler nas entrelinhas”.

Ademais, procurou-se defender a importância de se utilizar ferramentas como a fotografia a fim de (re) significar o Ensino de História como prática transformadora de visões de mundo. Amorim reforça essa importância e como ela é benéfica e eficaz no que tange aos objetivos da disciplina de História, principalmente no âmbito dos processos patrimoniais, onde se busca uma compreensão das problemáticas atuais frente ao passado, comparando as mudanças ocorridas no tempo:

a utilização de uma metodologia do ensino de história pelo uso didático de imagens, a partir

de leituras e das interpretações dos sinais, aparentes e subjacentes, que um determinado quadro imagético apresenta. Este tipo de ação possibilitará ao aluno a construção do processo de síntese histórica, ao lhe permitir uma reflexão sobre o acontecimento histórico, ou seja – seu tempo, seu lugar, seus atores sociais, as ideologias presentes, seus aspectos materiais e seus modos de vida, as tramas sociais, reflexão esta motivada a partir do contato com a imagem analisada, e que lhe desperta interesses de outras naturezas, além da histórica. Reflexão que o leva para uma apreensão e entendimento desse conhecimento histórico como um processo histórico mais amplo, bem como possibilitará relacioná-la às problemáticas atuais, a partir das comparações pelas mudanças ocorridas entre o passado e o presente das imagens, sempre considerando o patamar de compreensão do aluno, dos seus graus de escolaridade. (AMORIM, 2011, p. 10)

O introduzir da prática fotográfica e a história da fotografia se fez relevante para esta pesquisa uma vez que para execução das oficinas julgou-se pertinente que antes de partir para a prática fotográfica os alunos compreendessem seus processos e também a história da mesma, para que a sua prática tivesse mais significado. Sendo assim o conteúdo foi ministrado de forma didática nas oficinas para os educandos aguçando ainda mais a curiosidade destes e aumentando a expectativa pela prática da saída de campo, sobre a qual discorreremos no próximo subtítulo.

### 3.2. O ANTES E O DEPOIS – PRÁTICA ARTÍSTICA

Durante o período em que esta autora executava as ações da pesquisa com a turma da Escola Adventista de Rio Grande, atuava de igual modo como coordenadora pedagógica nesta instituição. Ao apresentar a proposta aos educandos houve grande receptividade, podendo aqui pontuar alguns dos motivos para tal entusiasmo, quais sejam atividades diferenciadas, interdisciplinaridade efetiva; coordenadora na sala de aula conduzindo a mesma. Com isso, não foram grandes os empecilhos encontrados, exceto o já mencionado: desligar-se dos afazeres da coordenação pedagógica algumas manhãs para atuar à frente de uma turma.

A disciplina de História para o ensino fundamental II, de 6º ao 9º ano tem uma carga horária, segundo grade curricular definida pelo MEC, de 2h semanais, juntamente com outras disciplinas como geografia e inglês. Com isso, cada encontro para se discutir e aprender História acontecia uma vez por semana em dois períodos de 50 minutos cada.

Os alunos que participaram tinham entre 10 e 11 anos de idade, sendo 8 meninas e 19 meninos. A diversidade é grande na escola e o perfil da turma também apresenta grande pluralidade em vários aspectos, como no que concerne à religião, cor da pele, classe social – alguns alunos com bolsa de estudo integral -, também alunos provenientes de outros estados.

Para que a proposta se concretizasse foram previamente elaborados, nos primeiros momentos da pesquisa, planos de aula, totalizando em um espaço temporal de realização de dois a três meses, considerando calendário escolar com seus recessos e atividades extracurriculares, bem como a disponibilidade de assumir a turma e conseqüentemente o deixar de lado as incumbências de uma coordenadora pedagógica – função que esta autora desempenha atualmente na escola.

O primeiro encontro com os discentes do sexto ano teve início com uma conversa sobre o programa de aulas que seriam executadas e em seguida foi escrita no quadro branco a palavra *PATRIMÔNIO*, os discentes foram questionados sobre a compreensão que possuíam desta palavra, quais eram suas impressões e conhecimentos prévios. Esse momento inicial da aula proporcionou obter um diagnóstico do que os alunos conhecem e compreendem do assunto que seria abordado. Grande parte da turma afirmou que patrimônio é algo que pertence aos indivíduos, como casas, carros e etc. Há ainda alguns que disseram não saber nada referente ao termo patrimônio. Apenas alguns alunos chegaram ao ponto que interessava para as atividades docentes/discentes com relação à palavra patrimônio.

Os conceitos a seguir foram elaborados pelos alunos, a turma se divide entre aqueles que

não faziam ideia a que realmente se refere a palavra patrimônio e aqueles que definiram exatamente o que encontra-se nos dicionários e outros ainda ampliaram o conceito diretamente ao que tange bens culturais, em sua maioria bens materiais.

“Patrimônio é quando dois casais se juntam”

“Honrar a bandeira do nosso país.”

“Sociedade patriarcal”

“Ajudar ter respeito ao próximo”

“Eu acho que patrimônio é uma coisa parecida com política ou várias terras”

“Patrimônio é quando duas pessoas se unem, ou seja, se casam”

“Patrimônio é algo pertencente a alguém ou da pessoa. Um patrimônio histórico é algo ou alguma coisa que pertence a história de um país, uma cidade, ou um estado. Da cidade do Rio Grande um exemplo de patrimônio é a estatua de Bento Gonçalves.”

“ Patrimônio por mim é o que mais pertence a história. Os lugares onde possuem lugares antigos como as pirâmides do Egito, o Cristo Redentor e etc. O riacho Ipiranga onde D. Pedro gritou ‘independência ou morte!’”

“Algo com significado histórico”

“Uma coisa sua por direito”

“A estátua de Bento Gonçalves”

“Uma herança paterna e bens de família ou bens do entorno”

Os conceitos elaborados pelos alunos foram lidos juntamente com eles, sem mencionar quais poderiam ser julgados corretos ou não. Alguns educandos se distanciaram consideravelmente do conceito, confundindo-se com outras palavras como *matrimônio*. Outros ainda “acertaram em cheio” ou fizeram ligação com monumentos encontrados no centro histórico da cidade ou ligaram a conteúdos do 5º ano que foram apreendidos no ano anterior na escola.

Após a reverberação do questionamento, professora e alunos foram para a sala de vídeo da escola e lá teve início a contextualização do termo patrimônio e suas aplicações, ligando-o a outros termos como; patrimônio cultural, bens culturais, tombamento, patrimônio edificado, patrimônio material e imaterial...

Foi interessante perceber entusiasmo da parte dos alunos com relação ao assunto apresentado, principalmente por se tratar de temas como arquitetura ligados às edificações da própria cidade e outras conhecidas através da mídia (filmes, desenhos) como a Catedral de NotreDame, em Paris/França. Logo após a exposição dialogada dos termos citados anteriormente, foram abordadas algumas edificações arquitetônicas que ilustravam a que estilo arquitetônico as atenções na disciplina de História seriam direcionadas e que suas histórias carregam fatos interessantes sobre a memória da própria cidade em que se vive. Uma das últimas imagens a que os educandos entraram em contato ao fim desse primeiro encontro foi a seguinte:



Figura 39. Alfândega do Rio Grande, vista da lagoa. Site Belas Imagens Rio-Grandinas, 2014.

A imagem acima serviu como catalizadora da curiosidade dos educandos quanto à próxima atividade, de igual modo serviu para observar se os educandos conhecem bem as edificações da cidade em que vivem. Foi mencionado à turma que no próximo encontro seria discutida e apreendida informações sobre a história e a arquitetura da edificação que se podia observar ao fundo da imagem da Alfândega.

Mesmo localizando espacialmente onde fica o prédio da Alfândega, os discentes não conseguiram identificar a que prédio pertenciam as duas torres destacadas. Embora não seja algo positivo, do ponto de vista do conhecimento do patrimônio cultural da cidade, foi interessante a medida que causou na turma entusiasmo e interesse pelas atividades que se seguiriam. Percebeu-se que os alunos tiveram seu instinto investigativo instigado e ao se depararem com esta autora, dias depois, nos corredores da escola faziam questionamentos acerca da edificação, ainda não haviam tido um *insight* e descoberto de que bem cultural se tratava.

No encontro que se seguiu primeiramente foi dito à turma que o importante objeto de nossos estudos, do qual observamos o detalhe na fotografia do encontro anterior era a Igreja Nossa Senhora do Carmo, em seguida foi solicitado aos educandos que escrevessem o que era a igreja e que produzissem um desenho da mesma, somente com as informações e memórias da estrutura da igreja que tivessem previamente, sem quaisquer informações dadas pela professora.

Alguns educandos protestaram, pois afirmavam não saber ao menos onde ficava essa igreja, outros conversavam entre si dizendo ser “aquela no final do calçadão”. Este momento da atividade foi interessantíssimo, uma vez que é do ser humano não ficar confortável ao falar sobre assuntos que não domina, quanto mais desenhar algo que nunca viu. Desse modo, a partir do desconforto dos

alunos, pôde-se observar os estereótipos representativos de igrejas, o que vai além de inabilidade ao desenhar, mas uma desatenção para com o patrimônio local e sua arquitetura. Junto ao desenho foi solicitado que escrevessem também informações que tinham sobre a igreja, na escrita a informação predominante era a de que se tratava de uma igreja católica, localizada no calçadão da cidade.

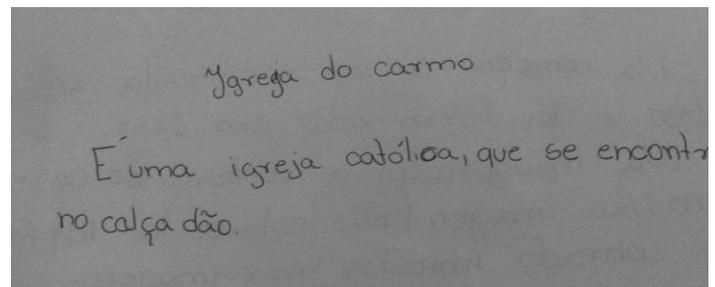
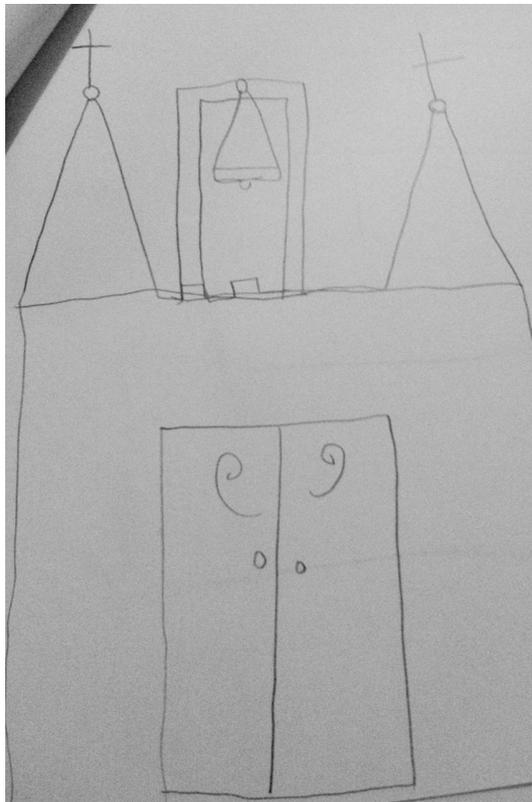


Figura 40. Desenho e escrita dos alunos antes do conhecimento histórico através da pesquisa.

Após o despertar para o tema da aula através da execução dos desenhos e da escrita, foi introduzida à turma a história da Igreja do Carmo, com base na pesquisa histórica desta autora. Foram apresentados todos os caminhos narrados que culminaram na construção da igreja e foi pontuado seu estilo arquitetônico, bem como muitos detalhes de sua estrutura através de fotografias.

Foi notória a empolgação e o interesse dos educandos por estarem iniciando o estudo de um bem arquitetônico da cidade, conhecerem curiosidades que fazem parte da história da igreja e detalhes arquitetônicos que passam inúmeras vezes despercebidos, mas que fazem parte de estudos, teorias, conceitos e que, além disso, “possuem nomes” e funções que vão além das práticas, acabando também por avançar no campo do simbólico.

No que se seguiram as reverberações ocasionadas pela apresentação dos dados históricos e arquitetônicos da igreja, foi solicitado que os alunos agora com base nas informações e novos conhecimentos adquiridos desenhassem e escrevessem mais uma vez um relato acerca da Igreja do Carmo.

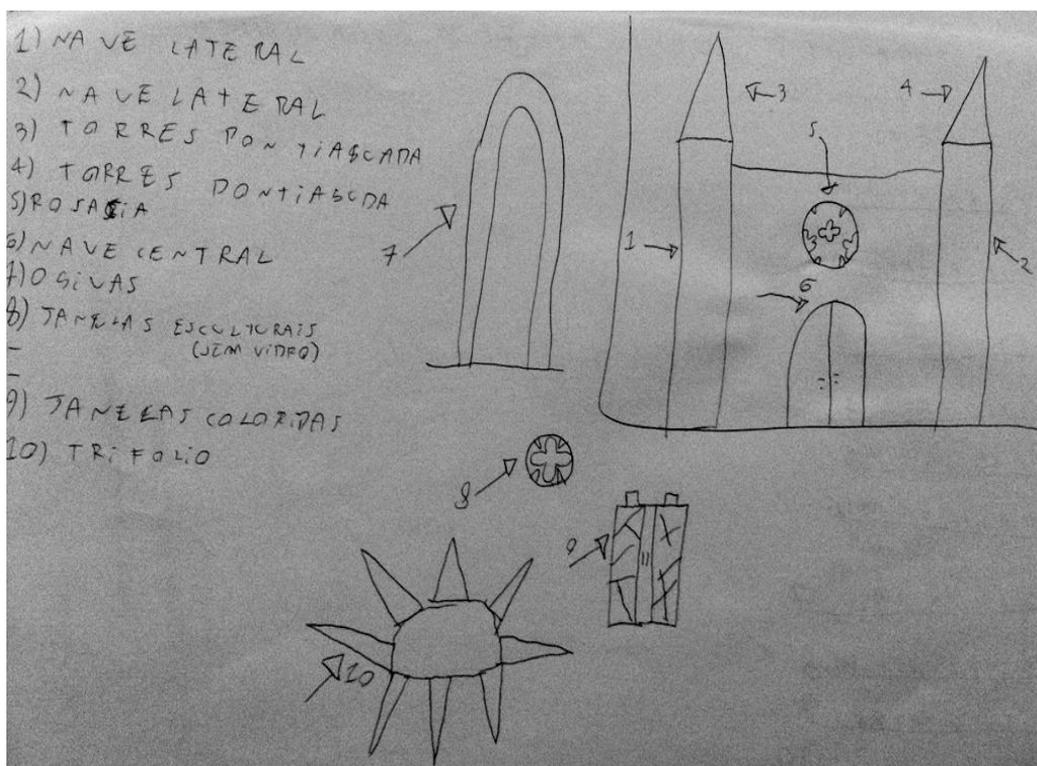


Figura 41. Desenho de um dos alunos, 2015.

Começou a ser construída em 1830 e só terminou em 1838,  
 o padre que estava construindo teve que viajar em  
 1832 para o Uruguai para construir outra igreja  
 da Nossa Senhora do Carmo, uma igreja  
 Católica, voltando em 1834 a obra só terminou  
 em 1838  
 - // -  
 Na inauguração da igreja foi inaugurado sem  
 a imagem do Santo porque ficou presa na  
 alfândega, na sua construção ocorreu um erro  
 que a igreja foi inaugurado sem as agulhas  
 - // -  
 As imagens vem de varias lugares, Holanda,  
 Alemanha, Porto Alegre,

Figura 42. Relato de uma aluna sobre a igreja do Carmo, 2015.

Transcrição: Começou a ser construída em (1930) e só terminou em (1938), o padre que estava construindo teve que viajar em (1932) para o Uruguai para construir outra igreja da Nossa Senhora do Carmo, uma igreja Católica, voltando em (1934), a obra só terminou em (1938). Na inauguração da igreja, foi inaugurado sem a imagem da santa por que ficou presa na alfândega, na sua construção ocorreu um erro que a igreja foi inaugurada sem as agulhas.

As imagens vem de vários lugares, Holanda, Alemanha, Porto Alegre.

É interessante pontuar que os aspectos que marcam os educandos e atuam como catalizadores para o favorecimento deles com relação à igreja, são aqueles de cunho curioso e que de alguma forma fazem parte do imaginário deles, como quando durante a aula foi traçado um paralelo entre a Igreja do Carmo e algumas catedrais da França, e a alguns elementos arquitetônicos encontrados nas mesmas, cita-se as gárgulas encontradas em outras catedrais góticas, como a de NotreDame, e que faz parte da cultura material de muitos discentes que assistiram ao filme *O corcunda de NotreDame*.<sup>28</sup>



Figura 43. Gárgula. Autora em pesquisa, 2016.

---

<sup>28</sup>“O Corcunda de NotreDame”, obra literária do francês Victor Hugo publicada em 1831, veio ao público originalmente com o título de “*Notre-Dame de Paris*”, foi organizada em produção cinematográfica/animação e lançada no Brasil em junho de 1996 pela Walt Disney Studios. Direção de Gary Trousdale e Kirk Wise.



Figura 44. Gárgula. Autora em pesquisa, 2016.

Aquilo que causa estranhamento também é lembrado, como o fato de pleitearem a os tributos sobre a principal imagem da igreja e a mesma devido a um erro de registro não estar presente na benção de inauguração da nova igreja. Ao findarem-se os encontros em sala de aula a turma se preparava para a aula de campo, a visita guiada à Igreja do Carmo.

O encontro na igreja iniciou com uma exposição dialogada na escadaria da mesma. Em frente àquela estrutura que antes não era lembrada por grande parte dos discentes, e que passou a ser mais conhecida em diversos aspectos, os alunos agora eram os responsáveis por retomarem os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores. Enquanto todos olhavam para cima, apontando elementos da arquitetura da igreja e discorrendo sobre os mesmos, da parte dos passantes era perceptível latente curiosidade e muitos observavam os alunos com a indecisão de quem fica e observa ou de quem segue seu caminho a passos largos na velocidade que é comum ao nosso cotidiano.

É interessante pontuar que um dos objetivos finais de propostas baseadas na metodologia da educação patrimonial, é que os indivíduos envolvidos com a valorização do patrimônio sejam multiplicadores de ações que valorizem e protejam o mesmo.

Com a aula iniciando na escadaria externa da igreja, como grupo, já se desempenhava esse papel de multiplicadores, uma vez que somente pelo fato de voltarmos os olhos para a edificação – que está localizada em uma rua de grande fluxo de pedestres – aqueles que por ali passavam apressados dedicavam também alguns segundos para contemplá-la ou mesmo para ouvir as ponderações dos educandos com relação aos elementos da fachada da igreja. Sendo assim, com o singelo momento prévio da aula no exterior da igreja, foram proporcionados à igreja diversos olhares por parte muitos cidadãos que por ela passam de forma apressada diariamente.



**Figura 45. Professora e alunos em exposição dialogada em frente à Igreja do Carmo.**



**Figura 46. Professora e alunos em exposição dialogada no interior da Igreja do Carmo**

Nesse primeiro momento da aula, foram lembrados pela turma dados como os nomes dos responsáveis pela construção da igreja, datas, estilo arquitetônico e principais elementos de sua

fachada. A seguir, a aula teve continuidade na parte interna da igreja, os alunos foram questionados sobre o estilo da planta da igreja, o número de naves/alas e seus respectivos nomes. Por mais que os educandos se confundissem algumas vezes com os nomes técnicos dos elementos, haviam guardado grande parte das informações e estavam maravilhados com a estrutura da igreja, com a riqueza e a beleza dos detalhes internos.

Enquanto prosseguiam com a caminhada e com as (re) descobertas no espaço da igreja, fomos recepcionados frente ao altar por um diácono. Ter alguém que vive a história diariamente foi extremamente significativo aos educandos, que destinavam muitos questionamentos ao diácono, estes ficaram ainda mais empolgados quando o diácono os direcionou ao subsolo da igreja, onde encontram-se alguns moldes usados para a construção de parte das torres da igreja.



**Figura 47. Alunos dialogando com diácono nas dependências da Igreja.**

A experiência de contato próximo com a edificação estudada em sala de aula foi de extrema importância para que o despertar das questões patrimoniais nos educandos tivesse início. Com toda certeza esse reconhecimento do patrimônio – um dos passos da educação patrimonial enquanto metodologia – se faz como parte essencial da proposta. Além disso, ser recepcionado por alguém que vive diariamente, que respira a história da igreja e que faz parte ativa da mesma, corrobora ainda mais para a compreensão da ideia de patrimônio, de sentir pertencente a um determinado lugar, espaço ou cultura e de ter o desejo de compartilhá-la e valorizá-la, mesmo que somente pelo seu valor artístico.

Após todo o (re) conhecimento da história da igreja através da visita, de volta a escola os alunos estudaram acerca da história da fotografia, seus precursores, métodos, procedimentos e

como o advento dessa tecnologia teve grande importância nas transformações da história. Com todo o aporte teórico sobre a igreja e do Carmo e sobre a fotografia, retornamos em outro encontro, desta vez para realizar uma prática fotográfica aliada à história da igreja.

Fotos antigas da igreja foram reveladas, a turma foi dividida em trios e cada um deles recebeu uma das fotografias. Ao receberem-nas cada trio deveria fazer o reconhecimento do espaço da igreja representado nelas, a seguir deveriam se posicionar em um ângulo aproximado no qual a fotografia foi registrada, a fim de comparar as mudanças sofridas ao longo do tempo e fotografar os dois momentos, o antes e o depois.

*A fotografia da fotografia no espaço em que foi fotografado*, um tanto quanto confuso, entretanto trata-se de algo simples, e, no entanto de grande significado para quem produz. Entre aos anos de 2013 e 2015, este tipo de prática artística ganhou grande visibilidade entre artistas fotográficos contemporâneos e espalhou-se entre amadores e amantes da fotografia, que buscam reviver memórias da sua história ou de pessoas e lugares com os quais se identificam.

Como é o caso do projeto *Then/Now*<sup>29</sup>, que significa *antes e agora*, este projeto foi desenvolvido por dois irmãos que realizaram releituras de fotografias da sua infância a fim de presentear sua mãe. Ainda nesta linha e que mais se aproxima do que foi proposto aos discentes na presente pesquisa, a ação de Julien Knez, fotógrafo francês que criou um trabalho<sup>30</sup> com o objetivo de revelar ao público interessado nessa linguagem, como estão atualmente, algumas localidades e construções em Paris/França, que foram afetadas pela Segunda Guerra Mundial, durante o início da década de 40.

O trabalho consiste na sobreposição de fotografias antigas no cenário em que foram fotografadas, o que mostra o contraste não somente nas mudanças físicas, mas nas realidades e apropriações dos espaços nas localidades, projeto que também poderia ser intitulado *Then/Now*. A obra de Julien também tem por objetivo comemorar os 71 anos de libertação do país que ficou livre do jugo nazista em agosto de 1944. Juliane Knez, não foi o único artista a trabalhar com a linguagem fotográfica desta maneira, mas seus objetivos se aproximam mais com a proposta aqui apresentada para o ensino de história.

---

<sup>29</sup>Projeto dos irmãos Luxton, disponível em: <http://then-and-now-photos.tumblr.com/>. Acesso em fev/2014.

<sup>30</sup>Informações e imagens do projeto do fotógrafo disponível em: [http://www.dailymail.co.uk/travel/travel\\_news/article-3067154/Then-Incredible-composite-images-compare-iconic-Paris-attractions-Nazi-occupation-today-s-tourist-traps.html](http://www.dailymail.co.uk/travel/travel_news/article-3067154/Then-Incredible-composite-images-compare-iconic-Paris-attractions-Nazi-occupation-today-s-tourist-traps.html). Acesso em Maio/2015.



**Figura 48. Fotografia realizada por um aluno no interior da igreja.**

Com a inspiração e reflexão que o trabalho de Knez proporciona e que contribuiu para a própria criação dos discentes, as fotografias realizadas em aula foram analisadas e discutidas em sala, em outro encontro, observando os processos de mudanças pelos quais a igreja, sua estrutura e seu entorno passaram. Esse é um momento muito rico da proposta, onde passado e presente se cruzam, onde a fotografia analógica e a fotografia digital se encontram face a face proporcionando diversos sentimentos em uma mesma experiência.



**Figura 49. Fotografia realizada por um aluno. Vista da Rua Gal; Bacellar (Calçadão)**



Figura 50. Fotografia realizada por um aluno em frente ao atual banco Itau, onde localiva-se a “capela do Carmo”.

A imagem 31 trata-se da comparação que um dos alunos fez entre a Igreja do Carmo e uma edificação europeia. Os educandos puderam observar os diferentes empregos das características de uma arquitetura gótica. Compararam o número das naves, a utilização do espaço pensada para que número de indivíduos queria-se ali acolher, também retomaram o emprego de alguns elementos arquitetônicos, como o caso dos arcos ogivais que dividem as naves da igreja. Também foi interessante notar que na adaptação do estilo, como é a Igreja do Carmo, a estrutura a que chamamos de Tribuna ou galeria é fechada e não permite que os fiéis assistam às cerimônias da parte de cima como já citado anteriormente ao longo da pesquisa, e na igreja europeia comparada, notamos esse espaço aberto, que permitia que dali os fiéis assistim às missas.

A imagem 32 ilustra o recorte de um momento no entorno da Igreja do Carmo, reflet-se as diferenças no cotidiano da cidade, como as pessoas circulavam, suas vestimentas. Difere-se também na imagem a apropriação do espaço citadino, a rua em questão, Gal Bacellar, que já era centro comercial, tinha um fluxo menor de pessoas, a paisagem era ocupada por quase nada de poluição visual, contrária ao que se via no dia da fotografia e ainda se vê. Alguns dos casarões observados abrigam e comportam diferentes demandas e outros ainda estão desativados.

Já na imagem 33 temos o privilégio de observar a antiga “capela do Carmo” com vida, nela temos diversos cidadão momentos após a missa. Nela podemos vislumbrar a estrutura robusta característica das construções românicas. Para esta imagem, como já mencionado, os alunos se

posicionaram frente ao atual banco Itaú, localizado à rua Mal. Floriano, e mais uma vez discutiu-se sobre as significativas mudanças a que passou o entorno da igreja.

A imagem abaixo ilustra o momento em que os alunos entrecruzam dois diferentes momentos da atual Igreja do Carmo. O momento da fotografia analógica nos apresenta uma igreja com suas torres desnudas enquanto a vida urbana acontece ao seu redor. Junto isso, interpõe-se o momento presenciado pelo aluno e pelo obturador da câmera.



**Figura 51. Fotografia realizada por um aluno. Igreja do Carmo em construção nas torres e agulhas.**

Aqui se criava o momento onde os diferentes olhares frente ao patrimônio se entrelaçavam. O primeiro momento da reprodução da fotografia analógica onde, com outro olhar e outros objetivos e finalidades a edificação foi fotografada e o segundo onde aprendizes da noção de patrimônio encaram a primeira ao mesmo tempo em que constituem sua própria visão do que estão prestes a fotografar.

Calvino, em *As Cidades Invisíveis*, nos proporcionando conhecer acerca do passado da cidade de Maurília, evoca o papel dos velhos cartões-postais que traçam um paralelo entre o antes e

o depois desta cidade. Ele narra que o olhar curioso de quem visita Maurília, o viajante

é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos, (...) a metrópole tem este atrativo adicional – que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que se foi. Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre sí. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e sem seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado, mas uma outra cidade que por acaso também se chama Maurília. (CALVINO, 2003, págs. 32 e 33)

Para Calvino conforme o tempo passa a cidade vai tornando-se outra, na verdade seria outra cidade no mesmo solo, porém com outros agentes e por isso seria outra a medida que cada indivíduo e sua subjetividade colabora para a construção da coletividade.

A Igreja do Carmo na passagem do tempo, e o olhar dos sujeitos desta pesquisa sobre ela são importantes para a preservação das diversas identidades que compõem a história da edificação, a conformação da cidade e as apropriações do seu espaço, fazem dela quem ela é na linha do tempo. Sendo assim, a medida que os educandos escolhiam as imagens para compor sua prática, escolhiam diferentes momentos da edificação, (re)liam o passado e o presente da igreja em diferentes experiências estéticas, ou para Calvino, liam distintas igrejas que levam o mesmo nome no mesmo solo.

Quem dera todos os momentos de propostas patrimoniais se dessem aos pés das edificações, proporcionando o cotidiano das mesmas aos indivíduos, porém de forma diferenciada, dedicando-lhe tempo e atenção. Retornando então para a sala de aula deu-se um tempo para que os educandos se expressassem oralmente uns com os outros acerca da experiência vivida coletivamente, no entanto com impactos também individuais.

A seguir os educandos responderam algumas questões acerca da igreja, não com o objetivo de verificar se estes haviam memorizado as informações acerca da igreja, mas sim de perceber a nova relação dos discentes com a igreja, se houve mudança em vista do primeiro encontro até o momento após a prática fotográfica e as reflexões discutidas a partir dela.

Abaixo algumas das questões, seguidas pela amostragem de respostas dadas pela turma:

1. Para você, qual a importância da igreja do Carmo?
2. Você acredita que ela representa vários grupos sociais da cidade?
3. Você seria a favor da “eliminação” do prédio? Justifique sua resposta.
4. Foi importante conhecer sobre a arquitetura da igreja e sua história?
5. Conhecendo a história da igreja foi possível conhecer um pouco do Rio Grande?
6. Conhecer a história do Rio Grande significa conhecer a tua história também? Por quê?
7. Se você fosse deixar um recado/aviso para alguém que irá visitar a igreja daqui a muitos anos, qual seria?
8. O que mais você gostou de conhecer sobre a história da igreja?

Respostas:

1. “Pois é um monumento histórico que tem uma ótima História.”  
“Para mim não é importante, mas para a sociedade católica em geral é bastante importante”  
“É importante, pois é um patrimônio histórico”  
“Porque ela faz parte da história do Rio Grande”  
“Param mim ela não tem importância, mas para a sociedade em geral ela é uma das peças fundamentais para se contar a história do Rio Grande, e da religião de tal cidade.”
2. “ Sim, pois diversas pessoas fizeram, ou fazem parte dessa igreja”  
“Não.”  
“Sim”  
“Não, pois depende da escolha e da religião de cada um”
3. “Não, pois se para mim não é importante, para outros é.”  
“Não, pois se fosse destruída uma parte da história do Rio Grande também seria”  
“Não, pois é uma das belezas que constitui Rio Grande”  
“Não, pois mesmo eu não sendo católica, a igreja é também um dos patrimônios do Rio Grande.
4. “Sim, conheci parte da história do Rio Grande”
5. “Sim, pois faz parte do Rio Grande e da história de sua construção.”  
“Mais ou menos”
6. “Sim, porque eu faço parte do Rio Grande”.  
“Não, eu não moro em Rio Grande”

“Não, pois não nasci aqui e sim vivo.”

As respostas dos educandos refletem a forma como compreenderam e observaram a questão do patrimônio através do conhecimento acerca da Igreja Nossa Senhora do Carmo. De Certeau (1998, pág. 40) afirma que “a presença e a circulação de uma representação não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários”.

Para alguns autores a representação pode ser entendida como visão de mundo, interpretação deste a partir das vivências que constituem o indivíduo, sendo assim ao professor iniciar uma proposta, principalmente propostas ligadas ao patrimônio onde é latente a abordagem de questões como identidade, pertencimento e crítica, torna-se um desafio de não cair na imposição de algo a que o aluno não se identifique.

É certo que este é um trabalho, como qualquer um na área do ensino, que vai receber respostas positivas e negativas aos estímulos realizados. Na educação patrimonial não seria diferente. Entre os alunos destacavam-se aqueles que ao olhar para a estrutura da Igreja Nossa Senhora do Carmo ficavam maravilhados, em contrapartida nos relatos de alguns, mesmo após as extensas conversas sobre a estrutura arquitetônica da igreja, ela era ainda somente uma igreja. A vivência de cada aluno vai ser determinante na forma como estes vão se apropriar do patrimônio edificado, a forma como este foi apresentado com toda a sua valorização e legitimidade histórica e artística não é garantia de que todos os que apreenderam dele irão valorizá-lo.

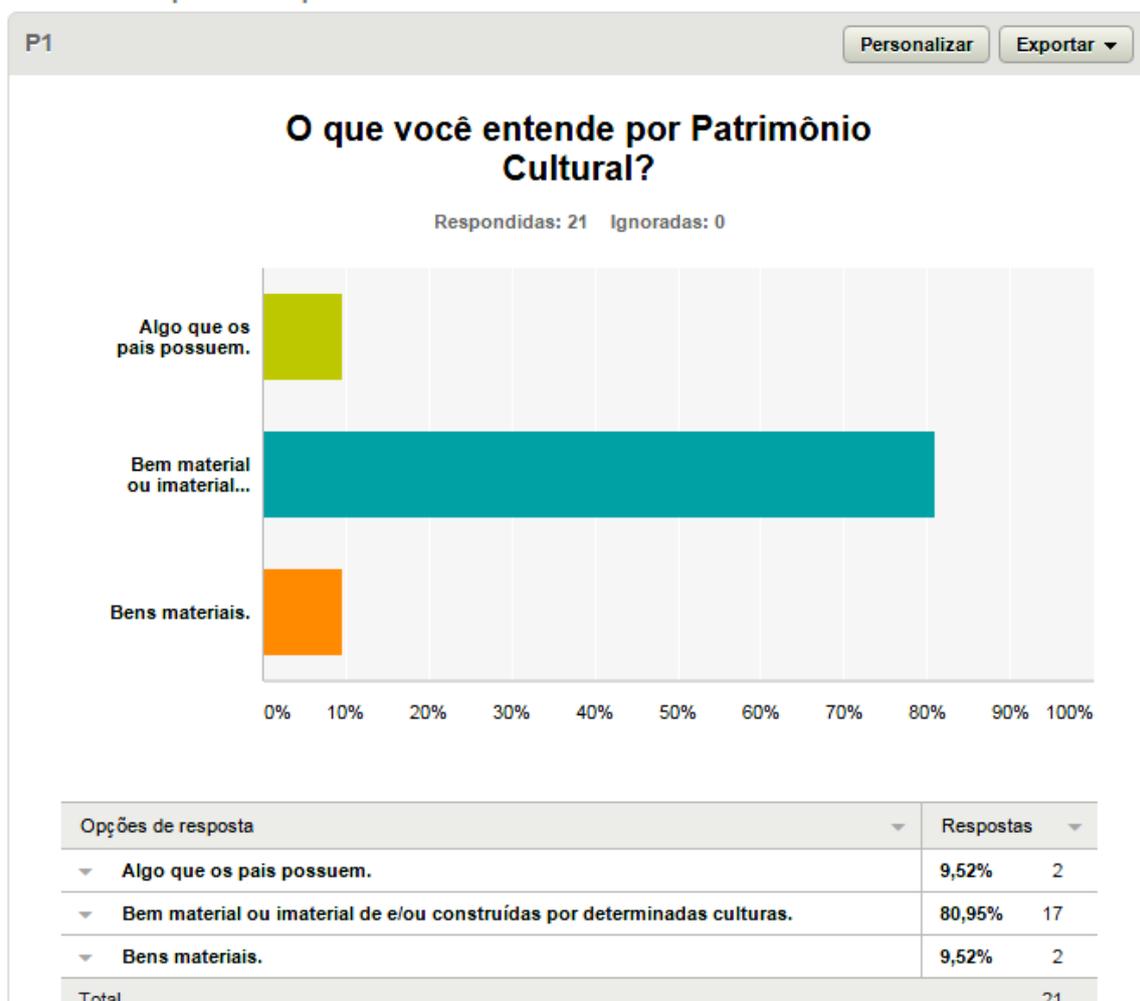
Durante a proposta participaram educandos que com a transferência dos pais, passaram a residir em Rio Grande no ano de 2014, o próprio conhecimento dos espaços que convive ainda se faz muito novo para estes alunos. Ainda há aqueles alunos que são naturais do Rio Grande e por sua vez não se permitiam um estreitamento de laços com a igreja, não “se davam conta” de seu valor artístico e cultural e tão pouco sentiam que a história da igreja também fosse a sua própria enquanto cidadãos do Rio Grande.

Para alguns educandos o processo de apropriação da igreja como patrimônio local é bem rápido, pois a beleza da igreja a todos encanta. No entanto, para outros, como se pode observar a partir das respostas às questões apresentadas nas páginas anteriores, esse processo estava ainda em continuidade uma vez que compreendiam que a igreja carrega e faz parte da história do Rio Grande. Para outros esse processo ainda não havia começado, uma vez que pensavam a igreja enquanto patrimônio somente para aqueles indivíduos que fazem parte da comunidade religiosa ou cidadina, uma vez que alguns alunos residem em São José do Norte.

Em um último encontro, os educandos responderam na sala de informática a uma pesquisa geral sobre o entendimento da ideia de patrimônio. E embora, a presente pesquisa não tenha um

cunho quantitativo, ao final do questionário foram gerados alguns dados em resposta à pesquisa, conforme próximas figuras. Vale ressaltar que os alunos se reuniram em grupos na sala de informática devido ao número de máquinas em pleno funcionamento. Sendo assim, as respostas de 32 alunos resumem-se em 21 questionários respondidos. Por vezes as respostas serão individuais – um aluno por computador – outras se devem ao consenso de agrupamentos de alunos – dois a três alunos por computador, o que gerou mais uma interessante discussão acerca do patrimônio entre os educandos. Sendo assim, as respostas refletem tanto a compreensão de cada educando até o momento a partir das discussões dos encontros anteriores, como também novos entendimentos e posições que podem ter surgido a partir das trocas com os colegas ao responderem em grupos ao questionário.

**PÁGINA 1: O que eu sei quando se trata de Bens e Patrimônio Cultural?**



**Figura 52. Amostragem nº 1 da pesquisa realizada com a turma.**

As questões como esta acima, foram respondidas com distanciamento considerável desde as primeiras discussões acerca da ideia de patrimônio. Os dados gerados, por mais que sejam um bônus dentro de uma pesquisa qualitativa, são uma amostragem de como os alunos encerraram as atividades da proposta em relação a sua posição frente ao patrimônio e a partir delas foi possibilitado travar um

último diálogo, como parte do projeto, sobre nossas concepções e representações de patrimônio, e a influência das reflexões experienciadas no período, que acabaram por transformar a visão de mundo perante o patrimônio edificado ou não, e seu papel na construção do conhecimento, conforme se vê a seguir.

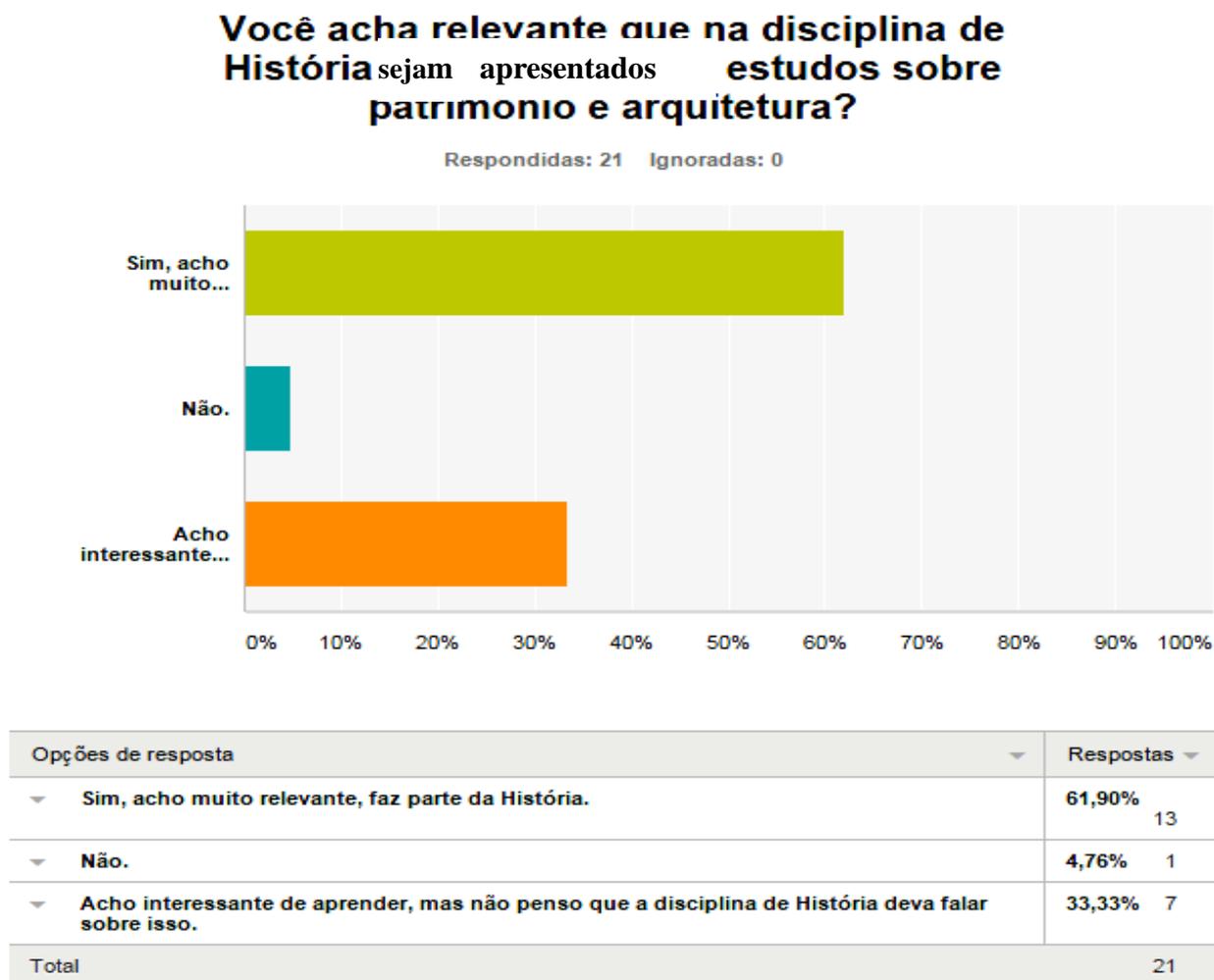


Figura 53. Amostragem nº 2 da pesquisa realizada com a turma.

Na questão “você acha relevante que na disciplina de História sejam apresentados estudos sobre patrimônio e arquitetura?”, mais uma vez os educandos exercitaram o livre exercício da crítica. É interessante pontuar que, apenas os momentos iniciais desta atividade foram mediados pela docente, que precisou se ausentar da sala de informática para atender questões relativas ao fazer de coordenadora pedagógica. Sendo assim, a turma expressou-se sem interferências daquela que apresentou os conceitos e mediou as reflexões nos demais momentos do projeto, permanecendo apenas com a presença do Técnico de Informática.

Relevante representatividade da turma pensa que é enriquecedor atrelar ao ensino de história as práticas patrimoniais, o estudo contextualizado da arquitetura das cidades. Do ponto de vista da pesquisa, os educandos compreendem a importância significativa de um Estudo de História

interdisciplinar, pois sentem prazer em uma prática educativa que assim procede, embora as práticas trabalhadas em parceria com os educandos, não tenham envolvido efetivamente nos processos educadores e outras disciplinas, abordou ao longo da mesma, temas diversos como arquitetura e fotografia; e práticas características de áreas afins.

Afinal, a interdisciplinaridade é um elo que objetiva entender as disciplinas nas suas variadas áreas, pois todo conhecimento mantém um diálogo com outro, o que as (re) significam, as enriquecem e proporcionam aos educandos apreensão de conhecimento de forma a (re) descobrir o já conhecido e descoberto pelas ciências. (PCNs, 1997, pág.20) Outra parcela da turma julgou interessante tudo que foi apreendido de forma dinâmica ao interagir com temas transversais, entretanto não julga que seja papel da disciplina de História abordar tais temas, talvez porque, uma vez que não são ao menos contemplados nos livros didáticos a que tiveram contato até o momento e por serem apresentados de forma atípica se comparada a sua rotina em sala de aula, ou seja, se distanciou do que a turma considera aprender história.

A partir da compreensão da noção de patrimônio cultural, os educandos foram arguidos sobre a importância destes bens para a compreensão de sua própria história e como ela pode ser contada a partir de vários aspectos culturais coletivos.

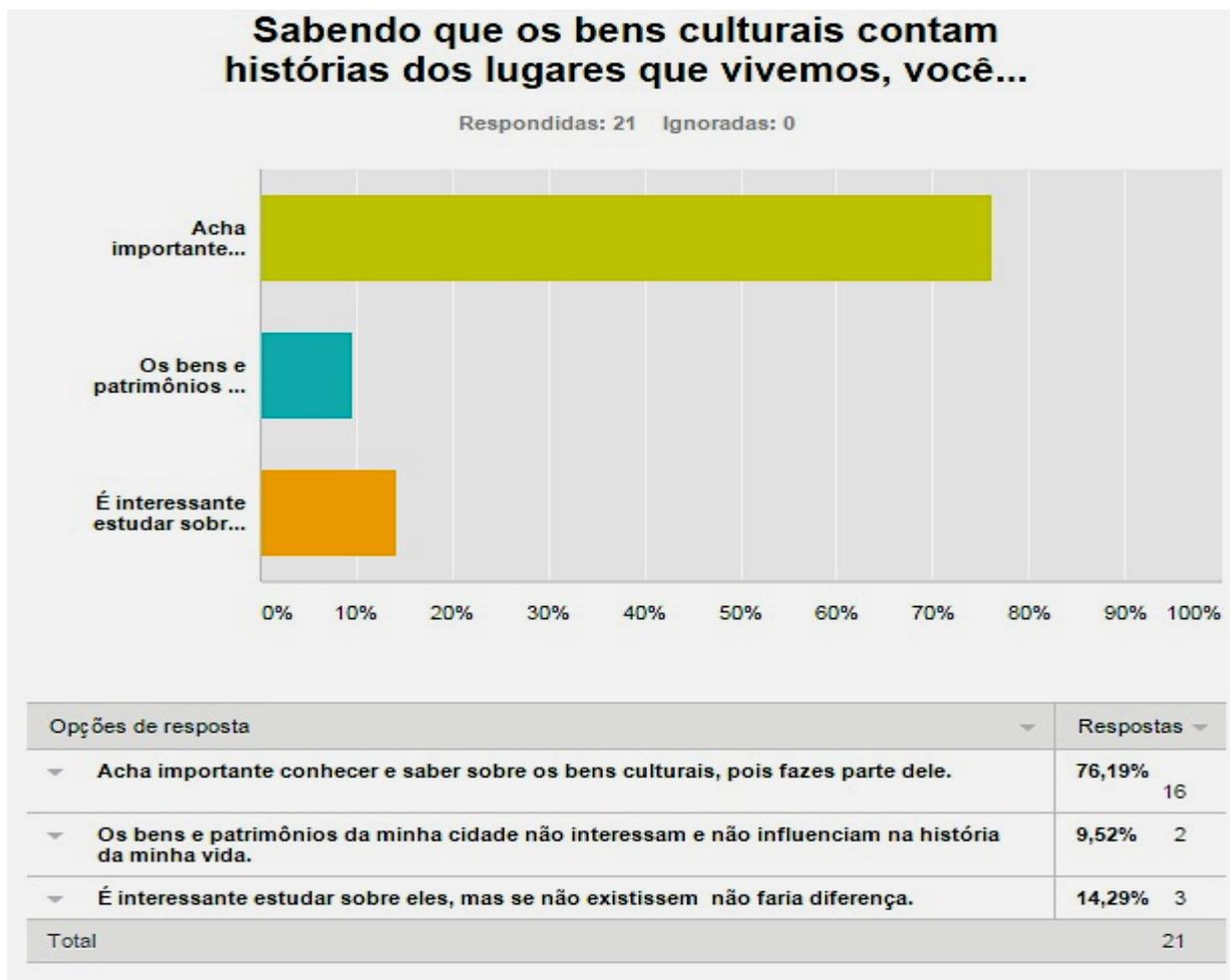


Figura 54. : Amostragem nº 3 da pesquisa realizada com a turma.

É interessante e satisfatório notar que mais de 75% da turma acredita que sua história como indivíduo participante de uma comunidade pode ser contada a partir de um bem cultural local. Aqui retifica-se o papel importante da educação patrimonial e como esta pode ser trabalhada de forma simples, mas que tem êxito em atender seus objetivos, considerando a subjetividade de cada participante das ações e que nem todos, a partir de suas vivências, atenderam ao chamado para a valorização do patrimônio. Estas ações quando vão ao encontro de educandos ainda na fase inicial de sua constituição, possuem grande potencial de compartilhar as noções de valorização dos bens culturais, pois

resgatar o patrimônio cultural dos nossos municípios através dos elementos que fazem cada lugar e definem a identidade cultural dos seus habitantes, não é somente uma responsabilidade com o passado histórico dessas comunidades, mas fundamentalmente com o seu futuro. (ITAQUI, 1998, p. 17).

Sendo assim, é possível levar educandos, principalmente os adolescentes por estarem ainda na fase de descobrimento e afirmação de sua identidade, a um processo ativo de conhecimento,

apropriação e valorização de sua herança cultural, à medida que com ela se encontram e se percebem nela. As ações patrimoniais vão além da preservação física de bens culturais, mas procuram proporcionar aos indivíduos os conhecimentos que os caracterizam como reflexos das memórias de determinada cultura, capacitando-os para melhor usufruir deles e formando assim um processo contínuo de preservação dos mesmos (HORTA et al., 1999, p.06).

Ainda refletindo sobre as respostas dos educandos, para dois alunos ou ainda para dois agrupamentos de alunos ao responderem ao questionário, afirma que o conhecimento do patrimônio local não surte qualquer efeito na vida deles. Ainda três alunos/agrupamentos acreditam ter relevância enquanto conhecimento ou informação, no entanto acreditam que se bens como a Igreja do Carmo não existissem, isso não teria efeito negativo ou positivo em sua vida, sua ausência não seria sentida, ou melhor, até mesmo a ausência seria algo nulo, pois simplesmente seria como se nada, nenhum resquício da memória dos bens culturais já tivesse feito parte dos seus dias, mesmo no âmbito coletivo.

Este é um dado, uma constatação que pode ser considerada um tanto quanto desanimadora em uma proposta que tem por um dos objetivos promover os bens culturais a partir da identificação dos indivíduos com os mesmos. No entanto, somente tipifica os desafios que se têm pela frente, mas que demonstram que ainda há tempo de propagar a valorização dos bens culturais nos espaços educacionais, uma vez que os educandos estão em pleno processo de formação e assim como os adultos, as convicções mudam, os modos de ver se transformam e por conseguinte a forma de refletir e agir no mundo também.

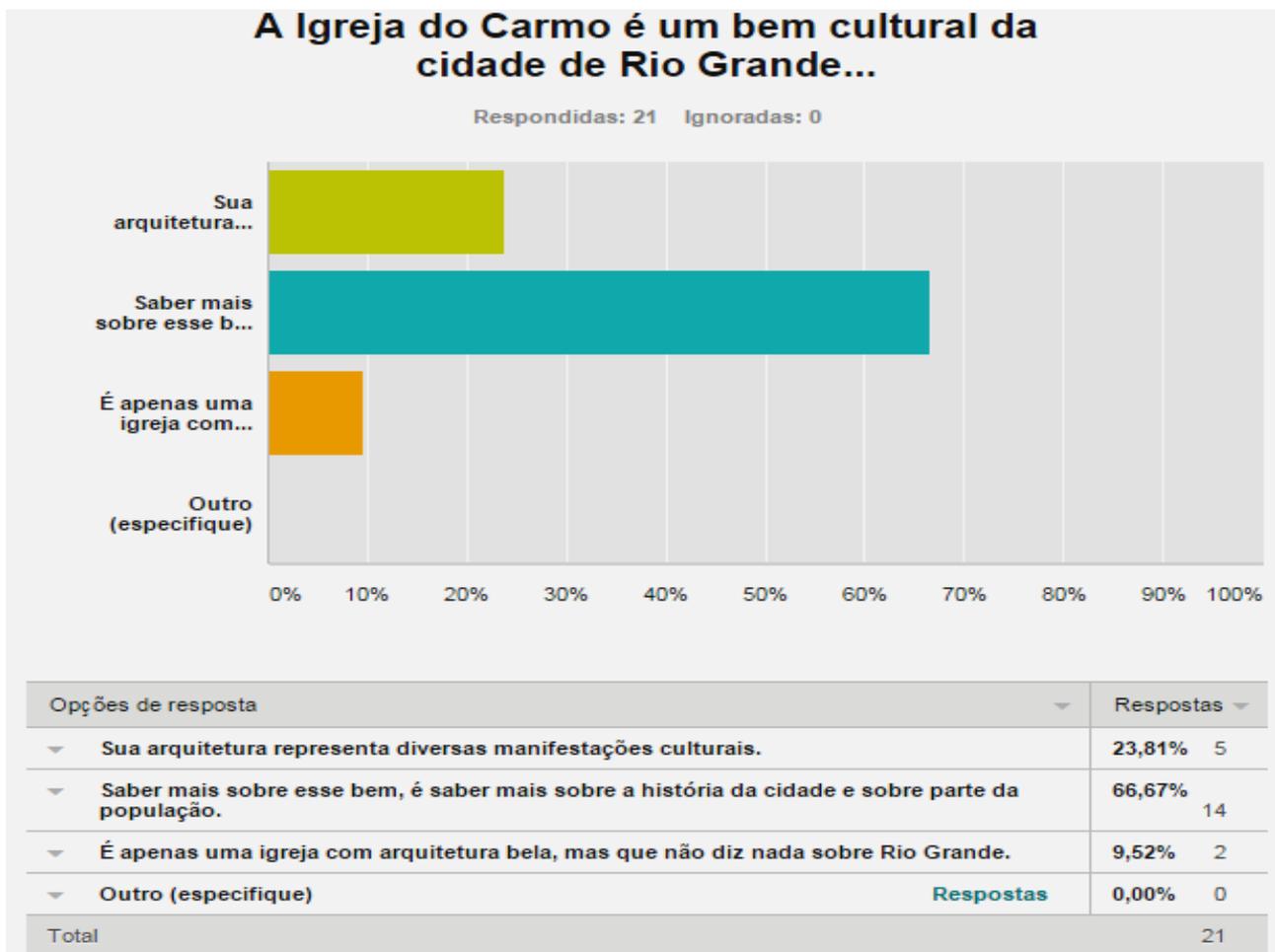


Figura 55. Amostragem nº 4 da pesquisa realizada com a turma.

O questionamento acima retoma a noção de patrimônio através do entendimento da Igreja do Carmo como tal. E como atividade final da proposta, a partir das reflexões dos alunos, comentários e fotografias, como produto didático desta pesquisa foi elaborado um folder informativo, contendo parte da história da Igreja do Carmo e fotografias dos alunos – com esse *olhar patrimonializado*, de quem olha com afeto por algo que para muitos é apenas pedra e cal.

Os alunos entregaram o folder na escola para docentes e colegas das outras turmas de ensino fundamental II; para o primeiro grupo como uma ferramenta de ensino que pode ser utilizada de tantas formas e disciplinas, como Português, Artes, Geografia e etc, e para o segundo grupo mais como um convite a conhecer e participar da mesma experiência que à sua turma foi proporcionada.

### 3.3. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA ARTÍSTICA DOCENTE E DISCENTE

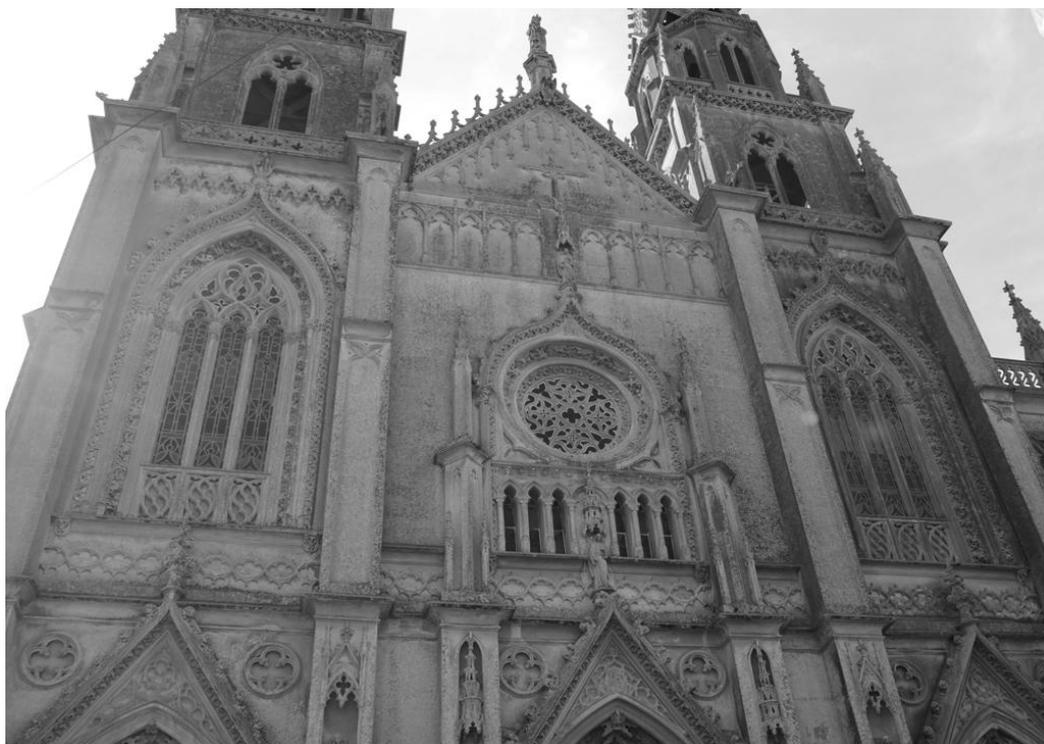


Figura 56. : Fachada Igreja do Carmo. Autora em pesquisa

A fotografia acima se trata de uma das primeiras produzidas por esta autora no início da pesquisa, antes do ingresso no programa de mestrado. Já se passaram alguns anos desde as primeiras sistematizações e à medida que etapa dos processos – os individuais no âmbito da pesquisa e os coletivos junto aos educandos que participaram das propostas e junto dos colegas que discutiam, apreciavam e colaboravam com o trabalho - algumas vezes feito em conjunto durante toda a caminhada docente até aqui.

Este pensamento faz-se relevante uma vez que colabora para a compreensão de que como o conhecimento vai se transformando à medida que o recorte vai criando corpo e se expandindo, ou seja, ao longo da presente pesquisa o sujeito igreja foi visto de diversas formas, mesmo que o tenha sido pelos mesmos olhos. De igual modo, também os indivíduos que entraram em contato direto com o sujeito igreja passaram por algumas mudanças. O primeiro recorte, a primeira fotografia exemplifica um primeiro momento da pesquisa. Exemplifica como esta era vista nos primeiros passos que se davam rumo aos objetivos propostos.

A isto – nossa forma de perceber diferentes coisas – podemos chamar de percepção seletiva. Diariamente ouvimos e vemos aquilo a que dedicamos nossa atenção, é comum também o fato de que ouvimos e vemos coisas que não temos interesse algum e por uma eventualidade, durante alguns segundos, nossos sentidos voltaram-se para essas informações, sensações ou eventos. No

entanto, para essas últimas a que não tivemos interesse, não há espaço permanente em nossa memória e por este motivo, por fim, não tivemos intenção de render-lhes atenção e assim o fizemos.

Sendo assim, para aquelas situações a que dedicamos nossa atenção percebemos nelas vários aspectos e cada indivíduo percebe de uma forma diferente os aspectos analisados ou em um mesmo objeto/acometimento percebe outro aspecto que não estava latente para outro indivíduo. Também raramente vemos ou percebemos todos os aspectos de algo. Resumindo, cada indivíduo tem uma forma de experienciar e perceber o mundo.

Enquanto se desloca pela cidade, cada indivíduo assimila diferentes aspectos da paisagem, através da ideia de cidade como texto, parece estar continuamente sintonizado como um gesto de decifrar a cidade, como um leitor que interpreta um texto decifrando seus códigos. É claro que para isto se faz necessário um olhar atento e específico, que sente a cidade enquanto a percorre e não apenas se move de um lugar a outro apenas focando no seu destino final. Pode-se trazer a tona as palavras de Rolan Barthes, quando este diz que:

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a. (BARTHES, 2001, p. 224)

Outro ponto importante ligado à percepção está a atitude, ter esta última, segundo os dicionários, é ter uma forma de organizar e dirigir a consciência no mundo, é ter ciência dos fatos, acontecimentos de forma geral e de quais sentidos eles afetam em nós, a partir deste despertar e conhecimento que se dá no âmbito também do cognitivo, desencadeam-se as atitudes em resposta aos sentidos despertados.

Jerome Stolnitz contribui para a filosofia nas discussões já antigas sobre estética, o conceito de *atitude estética*<sup>31</sup> que se trata da forma estética de se contemplar o mundo. As atitudes que tomamos determinam a forma como percebemos o mundo e como agimos nele, ponto significativo para as questões patrimoniais. Nossos julgamentos de gosto são subjetivos e eles não provêm de fatos existentes no mundo, como já discutido anteriormente, nossa identidade e a construção da mesma conduzem nosso modo de ver e de nos identificarmos com questões externas, como por exemplo, o patrimônio cultural.

Para superarmos o nível de simples apreciação, como quando, por exemplo, visita-se uma exposição de arte contemporânea sem apreciá-la, no entanto o faz devido aos juízos que a

---

<sup>31</sup> Ver Jerome Stolnitz 1960; Shaftesbury, Antony Ashley Cooper, 1999; Scruton, Roger, 1982.; Kant, Immanuel. 2000.

classificam como tal, é preciso ter um desejo pelo objeto apreciado.

A questão relevante para a presente pesquisa, a partir das questões de atitude estética, é que se faz necessário, para ultrapassar a simples apreciação do patrimônio, um desejo subjetivo que irá proporcionar a valorização do mesmo. Isto pode ser exemplificado a partir das respostas dadas por alguns dos educandos aos questionamentos ao longo da pesquisa, quando estes respondem que é interessante aprender sobre as edificações, mas somente seria esta a relevância, nas palavras dos alunos simplesmente porque “é legal!”.

Para Stolnitz, ter uma atitude estética vai além de se posicionar perante os objetos classificando-os como feios ou bonitos, ou até mesmo “legais de se olhar”. Tomar uma atitude estética envolve ainda algum tipo mais amplo de prazer, gozo ou satisfação que por fim acarreta uma identificação com o objeto, um desejo por ele e por sua permanência, no caso dos bens patrimoniais materiais ou imateriais.

Retomando a cidade como texto, perspectiva que vem sendo colocada em pauta por alguns estudiosos do urbanismo a partir do século XX, a cidade pode ser lida! A metáfora da escrita da cidade pode ser entendida através de diversas óticas. Ela pode ser escrita através de um desenho de ruas, habitações e monumentos, tal qual os alunos fizeram no início da proposta representando a igreja, ou seja, pode ser escrita através da escrita arquitetônica da cidade.

Essa escrita arquitetônica nos fala sobre seus espaços e sobre aqueles que neles habitam e interagem, nos permite também compreender a história da cidade que é lida. Nessa noção de cidade como texto, a percepção ocupa um lugar de destaque uma vez que os sentidos irão possibilitar a experiência estética através da leitura da cidade. Em muitos dos casos, as temporalidades vão se sobrepondo nas cidades, habitações antigas passam a coexistir lado a lado com as mais modernas e de tecnologias e saberes fazer distintos.

À medida que as temporalidades contrastam-se na conformação das cidades, aqueles que nelas habitam vão escrevendo novas realidades dos espaços em que convivem. Essas mudanças, por vezes, são imperceptíveis de um dia para outro, e acabam por “passar batido” aos olhos de quem foi responsável pelas transformações. As características físicas passam por metamorfoses por conta das escolhas das pessoas e também pela ação do tempo.

Habitações e espaços que outrora abrigaram riquezas e símbolos de poder e reconhecimento da sociedade, agora estão apropriados como símbolos de marginalização, descaso, pobreza. A esse exemplo, citamos os casarões do século XIX que eram casarões de pessoas abastadas, hoje, muitas vezes, abrigam dezenas de famílias mal-acomodadas, configurando espaços habitacionais como

cortiços, ou ainda tornam-se um daqueles espaços na cidade em que a noite procura-se passar de largo, temendo-se pela integridade física.

Faz-se referência aqui a uma das esdificações da cidade do Rio Grande que enfretam essa dura realidade, a Casa 194, Cassino ou Clube dos Mestres, localizado na Avenida Rheingantz.

“O cassino dos Mestres era um edifício que pretendia atender às funções de lazer e habitação para alguns mestres e principalmente os recém-chegados da Europa. Servia de ponto de encontro dos mestres da fábrica, com acomodações para convenções, sala de leitura, bilhar”, também fornecia refeições para os mestres solteiros. (PAULITSCH, p. 72. apud LOBATO, 2010)

Ainda hoje o Cassino dos mestres está disponível aos olhares dos passantes, no entanto a experiência que nasce desse contato não é uma experiência senão de saudosismo, pesar, indignação e medo frente a atual apropriação do espaço – que hoje serve de abrigo para indivíduos marginalizados e localidade de atos ilegais, como a experiência da própria autora ao realizar fotografias naquela localidade. Rubem Alves discorre sobre a experiência estética negativa que o descaso para com os espaços da cidade proporciona:

as caminhadas, domingos pela manhã, me deixam triste. Os jardins estão quase vazios. E, por todos os lugares, os sinais de desamor dos que andam por ali: garrafas sobre as águas do lago, copos de plásticos pela grama, maços vazios de cigarro, latas enferrujadas de refrigerantes. Isso não aconteceria se aquele fosse um espaço amado. Aquilo que fazemos ao jardim revela aquilo que faremos ao espaço maior que habitamos, a cidade, o país. (ALVES, 2010, p. 75)

Ao falar sobre educação Rubem Alves diz que muitos são os que aprendem sobre os diversos meios e ferramentas para se trabalhar com um jardim sem, no entanto, nunca ter se aproximado a um. Para que o educador ensine sobre a preservação das memórias que constituem a cidade, se faz necessário antes passar por sí mesmo pela experiência estética de conhecer a cidade e sua história.

Para que os indivíduos passem a preservar os espaços maiores e globais de convivência, é preciso, primeiramente, compreender e valorizar os jardins internos e externos. “Sem amor ao pequeno espaço utópico do jardim, não será possível esperar que o conhecimento venha, jamais, a ser usado para a construção do grande jardim.” (idem). Sendo, assim a valorização das memórias individuais, e a compreensão de que as memórias coletivas são constituídas das memórias de vários sujeitos, proporciona um entendimento maior das pluralidades coletivas e conseqüentemente a

valoração em um âmbito ampliado.

Desta forma, defende-se aqui a importância de atrelar aos conhecimentos históricos as práticas, ou seja, a experiência estética, significando assim os conhecimentos adquiridos para que tenham sentido na vida prática e nas experiências futuras de cada um. Como dizia Miguel de Unamuno<sup>32</sup>: “Saber por saber é desumano.” Ou ainda Ferenczi<sup>33</sup>, um dos pais da psicanálise: “tal conhecimento é um produto da morte, manifestação de insensibilidade e, portanto, manifestação de loucura”.

---

<sup>32</sup> Miguel de Unamuno y Jugo, 1864-1936. Escritor e filósofo espanhol.

<sup>33</sup> Sándor Ferenczi, 1873-1933, psicanalista húngaro. Colaborador de Freud.

## Considerações Finais

O papel ativo de cada aluno nos diferentes processos de ensino-aprendizagem é muito significativo para que aprendam enquanto respondem aos estímulos do professor. Sendo assim, defende-se que grande é a responsabilidade do educador ao criar um contexto que facilite ou ainda estimule de forma prazerosa e efetiva a aprendizagem. No entanto, e principalmente no que tange a educação patrimonial, se não houver engajamento por parte dos alunos, pouco surte efeito o envolvimento docente, uma vez que nós educadores existimos em favor de e para os educandos e o ensino de uma forma geral.

Dessa forma,

antigas analogias que jogavam a responsabilidade maior sobre o professor, em sua relação com o aluno, passam a ser questionadas. Em uma delas, dizia-se que o aluno era como um diamante bruto, que o artista (o professor) deveria lapidar para mostrar a beleza da joia. (MORETTO, 2014, p. 91)

Em analogias como esta, os educandos são indivíduos passivos no processo de aprendizagem, como se fossem meros copistas, receptores e decoradores de informações. Para a ação docente na educação patrimonial, é de suma importância compreender a necessidade de se traçar um processo dialético durante as proposições, para que imposições não se executem e os educandos possam refletir por si mesmos, venham a compreender a ideia de patrimônio e assim valorizar àqueles a que se identificam enquanto indivíduos e como partícipes de uma coletividade.

Ao discorrer no famoso *A sociedade do espetáculo*, Guy Debord afirma que os indivíduos acabam por alienar-se no mundo frente aos objetos que são produtos de suas mãos com destino a outros grupos aos quais não pertencem.

Quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. (DEBORD, 2003, p. 27)

Para Debord, o indivíduo não se sente em casa, pois tudo vira espetáculo, pois a história elevada não é a mesma da qual este sente que faz parte. Essa história não conta a sua própria e por esse motivo ele não se identifica com ela, não a valoriza. Sendo assim, durante todo o processo da presente investigação, buscou-se apresentar o patrimônio local como oportunidades de entendimento da ideia de patrimônio a partir da compreensão de parte da história local narrada a partir do bem cultural Igreja do Carmo.

É bem verdade que a proposta desta dissertação se faz com um recorte do patrimônio arquitetônico do Rio Grande e, portanto um pedaço na urbe da memória coletiva dos riograndinos.

Embora defenda-se a edificação Igreja do Carmo como importante sujeito na história da cidade e de igual modo no âmbito educacional, este trabalho educativo pautou-se no livre exercício da percepção dos sujeitos que dela participaram.

A construção do entendimento e do conhecimento dos caminhos que nos levam à edificação em questão, são catalisadores para que os indivíduos passem a (re) pensar seu cotidiano, suas práticas e suas representações a nível individual e coletivo.

Retomando a citação de Galeano, utilizada anteriormente; “recordar: do latim *recordis*, voltar a passar pelo coração” (2010, p. 11), ao concluir esta fase da caminhada docente e acadêmica desta autora acredita-se que um dos objetivos da investigação foi alcançado, qual seja a compreensão da ideia de patrimônio para então, a partir de suas vivências os sujeitos possam aprender do patrimônio e de sua história, valorizá-la a medida que com ela se identificam, contando-a, recontando-a, rememorando-a e fazendo com que a mesma percorra os caminhos que levam ao coração, atribuindo a ela valor construído a partir da sua subjetividade, além do juízo de valor que o patrimônio já possui devido ao seu caráter histórico e artístico.

Ademais, o educador tem em suas mãos habilidades e propriedades para colaborar com a formação crítico-reflexiva dos seus educandos. Colabora para o ampliar da visão de mundo dos mesmos, a medida que conforme o diálogo vai se construindo – entre educador, alunos e patrimônio - também transforma a si mesmo.

Para esta autora a continuidade desta proposta após a graduação foi de grande crescimento, e não uma etapa encerrada com a defesa de uma monografia. Ao investir tempo e novas reflexões para a pesquisa iniciada anos antes, novas concepções foram acrescentadas no âmbito do arcabouço teórico desta autora, nas reflexões e na própria posição frente ao patrimônio local, desta forma, embora os objetivos desta pesquisa foram pensados para os discentes, esta autora também passou por processos de transformação. É importante ter em mente que as mentalidades vão se transformando e de igual modo nossas posições frente ao mundo. Como artista a sensibilidade foi afinada, novos olhares foram dedicados à Igreja do Carmo ao longo do processo, novas descobertas foram feitas, detalhes antes invisíveis aos olhos foram percebidos, como já mencionado nos capítulos anteriores.

Este processo final da dissertação e a metamorfose que ele proporciona, abriu uma oportunidade para mais uma investigação através de processo de continuidade da pesquisa e - retomando o capítulo da fotografia - quando há um encontro entre sujeito e objeto há uma também uma busca pelas representações, pelas narrativas. No entrecruzamento de múltiplos tempos e lugares, encontramos posições frente ao patrimônio, suas apropriações e como foi narrado e é representado na sociedade. Sendo assim, em uma futura proposta de doutorado, nos dedicaremos à investigação de distintas formas de narrativas do patrimônio Igreja Nossa Senhora do Carmo em um

recorte dos diferentes tempos e lugares da América Latina, fruto desta curiosidade que tanto discentes quanto docente foram colocados em contato ao longo da pesquisa.

É intrínseca aos educadores, ao menos deveria ser, a condição de pesquisador que tem a compreensão da relevância de revisitar conteúdos, narrativas, fatos, memórias e sua própria constituição docente. Ao revisitar o patrimônio e suas memórias esta autora percebe também as mudanças a que passou juntamente com os alunos que estão constituindo sua própria visão acerca do patrimônio local, como já mencionado.

Voltando a passar Galeano pelo coração; o narrador, o professor “que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas” (idem, pág 18). Acorda-se aqui, que esta autora ao rever-se após toda a caminhada ao lado dos sujeitos partícipes dos diálogos aqui travados, encontra-se brotada de pessoinhas, brotada daqueles que fizeram parte da igreja do Carmo em seus primórdios; brotada das novas posições que tomou diante do processo, ao (re) significá-lo; brotada dos alunos e suas opiniões pré-estabelecidas e aquelas que foram desconstruídas; brotada das discussões que a presente investigação proporcionou em âmbito acadêmico e por fim brotada das contribuições daqueles que participaram do processo de avaliação da proposta – fase importante da mesma e que irá, ainda, desencadear novas reverberações.

Conclui-se que a educação patrimonial é constituída dessa particularidade, qual seja o proporcionar aos indivíduos o brotamento de memórias e subjetividades, a (trans) formação da identidade a partir da compreensão das outras que os cercam. Fica o desejo e o convite de constantemente, enquanto educadores, historiadores e narradores, proporcionar e participar de diálogos, de momentos de rememoração do patrimônio – seja ele edificado ou não - e das memórias individuais e coletivas que nos fazem mais humanos e compreensivos quanto às realidades e plularidades que nos cercam, mas para isso é preciso ter uma atitude, uma escolha e como disse Rubem Alves (2010, p. 74), “antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem jardins por dentro não planta jardins por fora. Nem passeia por eles...”

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Org. Raissa Castro, 10<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2010.
- AMORIM, Alexandre Romulo Alves de. **As imagens e o ensino de História: Uma proposta metodológica para o ensino de História**. IV Seminário Perspectivas do ensino de História. Recife, 2011.
- BARTHES, Roland. **Semiótica e urbanismo**. In: A aventura semiológica. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [original: L'Architecture d'aujourd'hui, n.53, dez./1970-jan./1971]
- BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BURKE, Peter, **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O globo; São Paulo:Folha de São Paulo, 2003.
- CARNIELI, Walter. **Pensamento Crítico: o poder lógico da argumentação**. 2 ed. São Paulo: Editora Rideel, 2010.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTAÑO, José Elmer; BERNAL, María Elena; CARDONA, David Augusto; RAMÍREZ, Isabel Cristina. **La Enseñanza de La Arquitectura. Una Mirada Crítica**. Revista Latinoamericana de Estudios Educativos (Colombia), vol. 1, núm. 1, julio-diciembre, 2005.
- COSTA, Lúcio. **Sobre arquitetura**. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários da Arquitetura, 1962.

- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora Unesp, 2001.
- DE CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 18.
- GIEDION, Sigfried. **Espacio, Tiempo y arquitetura: origen y desarrollo de una neuvatardición**. Barcelona: Reverté, D. L., 2009.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. Horiz. antropol. vol.11 no.23 Porto Alegre Jan./June 2005.
- GONZÁLES-VARAS, Ignacio. **Conservación de bienes culturales**. Teoría, historia, principios y normas. León: Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, D.I., 1993
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.
- ITAQUI, José. **Educação patrimonial: a experiência da 4ª Colônia**. Santa Maria: Palloti, 1998.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **“Documento/Monumento”**. In: **História e memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003
- LEITE, M. M. **Retratos de família**. São Paulo: Edusp, 1983.
- LOBATO, Francisco Ollero (Coord.). **Patrimonio cultural, identidad y ciudadanía**. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2010.
- LOWENTHAL, David. **El pasado es um país extraño**. Madrid: Ediciones Akal, 1998a. \_\_\_\_\_. The heritage crusade and the spoils of history. Cambridge: Cambridge University Press, 1998b.
- MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade**. Rio Grande: Editora da Furg, 2006.
- MONASTIRSKY, L. B. **Espaço Urbano: Memória Social e Patrimônio Cultural**. Revista Eletrônica Terra Plural: Publicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, v.3

nº2, p. 323-334, 2009. Disponível em <  
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1193> > Acesso em: 30.abr.2014

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, n. 10, p. 7-28, dez.1993.

POSSAMAI, Zita. **Patrimônio e Identidade: qual o lugar da história. Ensino de história no CONESUL. – Patrimônio cultural, território e fronteiras.** Orgs.: Alessandra Gasparatto, Hilda Jaqueline Evangraf, UNIPAMPA, Jaguarão, 2013.

PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROIZ, Diogo da Silva. **A nova História Cultural, questões e debates.** Disponível em: <http://pensamentoplural.ufpel.edu.br/edicoes/02/09.pdf>. Acesso em Agosto/2014

SOUZA, Carlos Weiner Mariano de. **Fotografias da Imaginação: Experiências de aprendizagem para além do olhar no Projeto Vila Educação e Arte.**

TURAZZI, M. I. **História e o ensino da fotografia.** São Paulo: Moderna, 2005. Projeto Araribá: informes e documentos.

WEIMER, G. **Arquitetura popular brasileira.** São Paulo, Martins Fontes, 2005.

ZARTH, Paulo A; et al. (orgs.) **Ensino de História e Educação.** Ijuí: ed. UNIJUÍ, 2004.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Fontes

Jornal Rio Grande, 20 de Abril de 1938. Biblioteca Rio-grandense, Cidade do Rio Grande. Jornal Cruzeiro do Sul, 23 de Abril de 1938, Cidade do Rio Grande.

Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Rio Grande: 1912 - 1938. Arquivos da Igreja do Carmo, Cidade do Rio Grande.

Flores do Carmelo. Revista Mensal Ilustrada dos Padres Carmelitas. Porto Alegre: 1938, nº 112. Arquivos da Igreja do Carmo. Rio Grande.

Flores do Carmelo. Revista Mensal Ilustrada dos Padres Carmelitas. Porto Alegre: 1938, nº 130. Arquivos da Igreja do Carmo. Rio Grande. Flores do Carmelo. Revista Mensal Ilustrada dos Padres Carmelitas. Porto Alegre: 1938, nº 122. Arquivos da Igreja do Carmo. Rio Grande.

Flores do Carmelo. Revista Mensal Ilustrada dos Padres Carmelitas. Coletânea. Porto Alegre: 1935-1936. Arquivos da Igreja do Carmo. Rio Grande.

<http://www.savarisphotostudio.com.br/sem-categoria/a-primeira-fotografia-do-mundo.html>

<https://photofoxes.wordpress.com/category/historia-da-fotografia/>

<http://photo.net/history/timeline>

# ANEXOS

## Anexo A: Folder “Nossa Senhora do Carmo – Evangelizando o Rio Grande há mais de 200 anos.”

### La presencia Carmelita en Rio Grande

Historicamente, los vestigios de la presencia carmelita en la ciudad de Rio Grande datan de entre los años 1800 y 1809, con la iglesia en estilo Romanesco de la Orden Tercera de Nuestra Señora de Monte Carmelo.

En 1928 el antiguo templo es demolido. Y es en ese periodo que llegan a Rio Grande los monjes de la Orden de las Carmelitas Descalzas (O.C.D.) de origen belga. Encargados de la Parroquia del Carmo se dedican, con apoyo de la comunidad, a la construcción del nuevo templo, y del convento en estilo Neogótico. La piedra fundamental de la Iglesia Nuestra Señora del Carmo fue lanzada el 16 de febrero de 1930.

La primera parte de la construcción se vio concluida por el convento y posteriormente el templo, obra de mayor complejidad estructural y demanda de recursos financieros.

El día 22 de abril de 1938 el templo fue inaugurado sin que la fundado exterior hubiese concluido su primera etapa. Más tarde, otras obras complementarias fueron realizadas, incluso las agallas de las torres que concluyeron en 1952.

En relación a las agallas de las torres, en 1983 se concluyó la presencia de infiltraciones de salitre y gases contaminantes en la estructura. Fue necesario demoliclas por el peligro de caída que representaban. Poco tiempo después, bajo la liderazgo del Pío Carmelita Descalzo Monsiun Alfredo Haas, se comenzó una gran campaña de reconstrucción de las agallas de las torres. Se contó con el apoyo de la comunidad, del convento y de las autoridades locales. La obra tuvo una duración de 1 año y 9 meses (11/12/1989 hasta 20/09/1991), devolviendo a la comunidad uno de los más atractivos puntos de la ciudad.

El templo religioso es uno de los edificios históricos más bellos de la región sur de Brasil. Su importancia no se limita al universo artístico-cultural, sino que materializa la identidad y cultura de un pueblo.

**Autor/Historiador:**  
Sergio Da Silva Perera

**Producción del texto para el Español:**  
Pereira Roberto Hefegues

### Ouro, Cruzelino Cupular, é único no mundo. O arquiteto/engenheiro que o projetou, jamais conseguiu fazer outro igual.

The ceiling, cupular, cross, is the only one in the world. The engineer who projected it never achieved to make equal.

El techo, Cruzelino Cupular es único en el mundo. El arquitecto/ingeniero que lo proyectó nunca consiguió hacer otro igual.

### The Carmelite presence in Rio Grande

Historically, the tracks of the Carmelite presence in the city of Rio Grande date back to 1800 and 1809, with the church in romantic style of the Order Tercera de Nossa Senhora do Carmo.

In 1928 the old temple was destroyed 85, in this period that the Friars of the Order of Carmelitas Descalzas arrived in Rio Grande, of Spanish origin, in charge of Carmo parish, started to dedicate with the community support to build the new temple and the convent in Neo-Gothic style. The Nossa Senhora do Carmo church fundamental stone was laid on February 16th, 1930.

The first finished part was the convent, later the temple, each took more structure complexity and financial demand.

In April 22, 1938 the temple was inaugurated, without any covering at the final facade.

At the same day the new priestess Hegerald Jansen Maria, celebrated the first mass. Later, other complementary and more made, including the towers stairs, which were concluded in 1952.

Due to water leaking of the tower stairs, it was taken the decision to destroy them as long as it represents the risk.

Little time later, goes up the leadership of the Carmelite Pío here-friar Haas, Alfredo Haas, started a great campaign of reconstruction of the vestiges of the towers, with support of the community, the convent and the local authorities. The workmanship had a time duration of 1 year and 9 months (11/12/1989 and 20/09/1991), returning community one of the most attractive postcard cards of the city.

The religious temple is one of the more beautiful historical buildings of the south region of Brazil. Its importance is not limited to the artistic-cultural universe, but in the materialization of the identity and culture of a people.

**Autor/ Historiador:** Sergio Da Silva Perera

**Translation:** Ricardo Ramos, Rodrigues

### Nossa Senhora do CARMO

Evangelizando o Rio Grande há mais de 200 anos.



Detalhe no altar: Cristo crucificado.  
 Altar detail: Crucified Christ.  
 Detalle en el altar: Cristo Crucificado.



## A presença Carmelita em Rio Grande

# Nossa Senhora do Carmo

Historicamente os vestígios da presença carmelita na cidade de Rio Grande, datam-se entre 1801 e 1809, com a Igreja no Estado Românico da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Sua localização ficou no atual centro do perímetro urbano, o famoso Largo do Carmo, local de encontro de muitos cidadãos Riograndenses. Mas de um século depois, diante das mudanças socio-urbanísticas, houve a necessidade da demolição do antigo templo para dar condições à melhoria do perfil municipal de abertura de uma via de acesso ao centro da cidade, a atual Rua Benjamin Constant.

Nesse mesmo período, o cemitério primitivo dos Padres da Ordem Terceira do Monte do Carmo teve o mesmo destino. Os restos mortais foram transferidos para o cemitério católico de Santa Casa de Misericórdia.

Com a demolição do então antigo templo em 1928, a Igreja Nossa Senhora do Carmo, passou as suas atividades predominantemente na Rua General Buzier, que hoje faz parte do bairro do Sport Club Rio Grande.

E nesse período que chegou a Rio Grande os Padres da Ordem dos Carmelitas Descalços (OCD), de origem Espanhola, que desde a sua chegada a Barra do Carmo, logo se empenharam em estabelecer um novo templo, com apoio da comunidade e apoio oficial do novo templo e o contrato em julho de 1930. A pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora do Carmo foi lançada em 16 de fevereiro de 1930.

Alguns dos projetos e empreitada pelo Frei Espinaldo, M. S. J. de São José que, aliado ao, não com os operários que ainda dependiam da Igreja de Espinaldo, mas de 1930, já com a construção de um novo templo religioso nos moldes de uma igreja barroca, com o objetivo de ser construído em um terreno pertencente ao templo, obra de alto nível arquitetônico e de demanda de recursos financeiros.

Em 22 de abril de 1938 o templo foi inaugurado, sem que a fachada externa desse quilibrio e equilíbrio. Nesse mesmo dia, o novo templo, carmelita desculto, Higienista foi construído, com a primeira missa. Mas tarde, outros obras complementares foram realizadas, sob a direção dos arquitetos de Torres, que tiveram sua conclusão em 1992.

Em 1941, a igreja Nossa Senhora do Carmo, em 1983, constituiu-se instituição de caráter religioso, sob a denominação de Igreja Nossa Senhora do Carmo, tendo em sua sede o templo construído em 1938, com o objetivo de ser construído em um terreno pertencente ao templo, obra de alto nível arquitetônico e de demanda de recursos financeiros.

Finalmente em 10 de junho de 2004, Igreja Nossa Senhora do Carmo, recebe as Cruzes do Carmo, que foram escritas pelo escritor Cláudio Alcides de Souza Galvão, num culto presidido pelo bispo diocesano Dom José Mano Simeoni e o Padre Frei carmelita desculto, Frei Francisco Ortízaro Cardoso.

O templo religioso é um dos pontos históricos mais ricos do registro sul do Brasil, sua importância não se limita ao universo religioso-cultural, mas na materialização da herança e cultura de um povo.

Autor/Ilustrador: Sérgio da Silva Pereira



Imagem de Nossa Senhora das Dores.  
 Nossa Senhora das Dores image.  
 Imagen de Nuestra Señora de los Dolores.



Senhor das Passões.  
 Senhor das Passões.  
 Señor de las Pasiones.



Imagem de Nossa Senhora do Carmo e o Menino Jesus.  
 Altar center: image of Nossa Senhora do Carmo and "Menino Jesus".  
 En el centro del altar: Imagen de Nuestra Señora del Carmo y el Niño Jesús.



Imagem de Nossa Senhora do Carmo e o Menino Jesus.  
 Altar center: image of Nossa Senhora do Carmo and "Menino Jesus".  
 En el centro del altar: Imagen de Nuestra Señora del Carmo y el Niño Jesús.

### Tour Guiado pela Igreja Nossa Senhora do Carmo

A Igreja Nossa Senhora do Carmo, localizada hoje na esquina da Rua General Bacelar com a Benjamin Constant, contribui para o embelezar e o enriquecimento da cidade histórica do Rio Grande ao manter sua grandiosa e belíssima estrutura. Sua complexidade se estende por onde passam os olhos. Desta maneira, nossa visita se inicia pela parte externa da paróquia, onde já podemos notar uma riqueza de detalhes esculpido ao entorno de todo o templo, característico da arquitetura neogótica.



Da base ao topo encontramos diversos símbolos e significados cravados em sua construção. Desde as mais chamativas, como as grandiosas vitrais e torres, até as menores, como as várias imagens ali presente. Dentre essas imagens podemos destacar primeiramente as anjos que situam-se entre as portas frontais e nos nichos em torno das mesmas, que juntos recebem aqueles que adentram a casa de Deus. Porém não são os únicos, notamos figuras angelicais nas laterais assim como acima do vitral central na faixa. Mais acima, entre as torres, está fixada a imagem de Maria segurando o menino Jesus em seus braços, e com um pouco de esforço é possível enxergar Ele apontando para os céus da mesma forma que as torres o fazem. Mas não é apenas de imagens divinas e celestiais que se compõe a faixa da Igreja, pois ainda nas torres podemos enxergar a presença das famosas gárgulas. Estas que são figuras de características demoníacas em sua maioria, e representam o mau rondando do lado de fora do templo. Em diversas outras Igrejas do mesmo tipo arquitetônico, as gárgulas são ícones recorrentes nas faixadas



porém jamais dentro delas, justamente para demonstrar simbolicamente que tais forças malignas não conseguem adentrar a casa de Deus. Para finalizar esta primeira parte, podemos destacar o formato ogival dos portões de entrada à Igreja, nos lembrando

propositalmente duas mãos se tocando em forma de oração. Essa rica combinação de significados e detalhes seguirá ao adentrar no templo.

Entrando na Igreja, seguindo pelo lado esquerdo, há a Pia Batismal, que como seu nome

do batismo

entrada d

Deus, e

Pia s

Atrás,

grande

por João

margens d

Do a

belas escult

ajoelhado

Passos,

morto. Essa

santeiro



sugere, é onde se concretiza o ritual

Este que significa em sua essência a

indivíduo ao mundo aos olhos de

justamente por este motivo que a

encontra na entrada da Igreja.

enquadrado na parede, vemos uma

imagem do batizado de Jesus Cristo,

Batista (daí o nome "batismo") nas

Rio Jordão.

lado, o direito, encontramos três

o de Jesus segurando a Cruz

frente à Nossa Senhora dos

embaixo a de Nosso Senhor

Jesus Cristo Morto, fora feita pelo

grandino Serafim José Ribeiro, e é

constituído por

membros

articulados, ou

seja, móveis. É

usada esta

escultura na

Cerimônia do

Descimento da

Cruz.

Ainda na

entrada

encontramos nas

paredes diversas

placas de

reconhecimento e

homenagem à Igreja e

suas inúmeras belezas

e importâncias. Talvez

a mais chamativa seja

a da Consagração,

perto da imagem de

batismo do Senhor. Nela é



informada a consagração da Igreja concedida por Dom José Mário Stroeher, no ano de 2004. Esta relevância é reconhecida pelo Vaticano, sendo a única em Rio Grande a obter tal honraria. As cruzes esculpidas pelo renomado artista Érico Gobbi e presentes nas paredes laterais simbolizam tal reconhecimento.

A arquitetura de seu interior não perde em nada para a complexidade e beleza de sua fachada. Um espaço imponente e único. Este está dividido em três naves, uma central e duas laterais. Ao passarmos pelas naves laterais, é possível apreciar as cenas esculpidas e pintadas da Via Sacra, contornado por uma representação das torres da Igreja, somado por outra central. Embaixo de cada uma destas cenas encontramos uma das cruzes da consagração esculpidas por Érico Gobbi também em mármore. Além disso, cada uma destas naves conta com um confessionário de madeira trabalhada, tendo desenhado o brasão da Ordem do Carmo no meio,



o brasão Papal nas laterais superiores, além das rosáceas nas laterais inferiores. Ambos os confessionários possuem os detalhes em madeira representando as torres da Igreja na parte de cima dos mesmos, assim como desenhos semelhantes ao do vitral principal.

Quase ao final da nave direita, na parede, podemos contemplar ainda duas imagens esculpidas, sendo a primeira uma cena de "Nossa Senhora do Rosário com o menino Jesus em seu colo acompanhado por Santo Domingos ajoelhado ao seus pés", e a segunda, um pouco mais à esquerda da primeira, a da de "Nossa Senhora



da Conceição".





Ainda ao fim das naves laterais, nas paredes, ao olharmos para cima encontraremos duas grandiosas imagens pintadas, sendo a da esquerda (se estivermos de frente para o altar) a representação de uma passagem bíblica protagonizada pelos profetas Elias e Eliseu admirando a chegada de Nossa Senhora numa nuvem. E a da direita a representação pintada das esculturas descritas anteriormente, de São Domingos ajoelhado aos pés de Nossa Senhora do Rosário com o menino Jesus no colo. Acima de ambas pinturas estão posicionadas dois vitrais idênticos ao vitral central da fachada.

A parte inferior das paredes laterais é decorada em mármore em tons terrosos, compostos por arcos que nos lembra características da arquitetura árabe. Considerando que durante séculos no período medieval povos árabes ocuparam a região da Península Ibérica (Portugal e Espanha), deixando por sua vez diversas heranças culturais na região que se perpetuam até os dias de hoje, somado ao fato de a Igreja ter sido projetada e supervisionada pelo Espanhol Frei Mariano de São José, tal influência histórica e cultural faz sentido.

A nave central é composta por duas fileiras de bancos de madeira que se estendem



bancos do mesmo tipo em cada um lados, com espaçamentos em frente aos confessionários.

da entrada até quase o altar principal, separada por um vão. Nas naves laterais há uma fileira de





Ainda na nave central encontramos perto do altar central um oratório também de madeira, com um pináculo imitando o estilo de torre da Igreja. Sua posição demonstra a perfeição da construção da paróquia, pois é possível se ouvir em qualquer lugar de uma das naves o som proveniente daquele ponto específico. Ou seja, a projeção da paróquia não fora apenas detalhista visualmente, mas também fora em sua funcionalidade.

O altar-mor é de fato uma beleza a parte. Composta por detalhes e ornamentos em mármore, também imitando o modelo de torre da Igreja, nela podemos identificar diversas imagens sagradas. No nicho central a imagem feita na Argentina e colocada na Igreja em 1930 pelo Frei Caio de Nossa Senhora do Monte Carmo, padroeira da paróquia, acompanhada ao seu lado de São João da Cruz e Santa Tereza de

cima  
há um  
dois metros de  
fora doado à Igreja.

No altar propriamente o construído em mármore, vemos Profeta Elias, Santa Ana, São Luiz Santa Cecília e Arcanjos. Já no direita encontramos as imagens Coração de Jesus, de Santa Rita, Tadeu, São



Avila. Em da padroeira crucifixo de altura que

dito, ou seja, São José, Gonzaga, altar do do Sagrado São Judas São Pedro, Paulo e no centro o Menino Jesus de Praga. E por fim, no da esquerda

vemos Santo Antônio, Santa Terezinha de Jesus e Nossa Senhora das Graças.



Podemos sempre com a sua arquitetura cima, pois em colocarmos achamos lindas detalhes juntos formam obra de arte. Perfeitamente intercalados por sua superfície exemplo disso. direção da da Igreja, na podemos ver o colorido. Além encontraremos esculpidas e vários lugares, vitrais, ao longo laterais mais confessionários, gigantesca quase que em principal.



nos surpreende magnificência de ao olharmos por qualquer parte que nossos olhos estruturas e minuciosas que uma verdadeira. Seus arcos alinhados vitrais que colorem são um bom. Ao olharmos na entrada principal parte superior, vitral central disso, sempre rosácea: desenhadas em como nos próprios das paredes: acima, no: além de uma rosácea no teto cima no alto.

Entre os vitrais laterais e as rosáceas esculpidas encontramos várias esculturas de anjos na parede. Estas não são meramente decorativas, atrás de cada uma delas há uma entrada de ar, fazendo delas as responsáveis pela ventilação do interior da Igreja, como se fossem verdadeiros sopros celestiais.



Anexo C. Plano geral das aulas oficinas.

## **OFICINA 1**

- Iniciação à Educação Patrimonial

### OBJETIVOS:

- Estabelecer relações com o conhecimento individual acerca do conceito de patrimônio e dos bens culturais do Rio Grande.
- Compreender e aplicar o entendimento sobre patrimônio cultural no seu cotidiano.

### CONTEÚDOS:

- Conceito base de patrimônio
- Patrimônio Cultural

Procedimentos didáticos: Introdução ao conceito

1. Escrever no quadro a palavra PATRIMÔNIO;

Brainstorm – alunos irão escrever o que sabem sobre o conceito

2. Em seguida, utilizando um ppt. introduzir o conceito de patrimônio (cultural, material, imaterial, tombamento e etc.)

3. Após a apresentação e discussão, os alunos irão reescrever na mesma folha o que a partir de agora entendem por patrimônio.

4. Depois vou mencionar a igreja nossa Senhora do Carmo e pedir que os alunos reproduzam em desenho, apenas com o lembram, a Igreja do Carmo.

(O 4º ponto foi deixado como um enigma, uma das fotos vistas por último pelos alunos mostravam as torres da igreja do Carmo, indaguei a turma sobre as mesmas, se sabiam a que edificação pertenciam? A resposta foi negativa, então disse a turma que nos próximos encontros aprenderíamos sobre aquela edificação. Despertou curiosidade da turma, que procurava me convencer a contar de que edificação se tratava. Não contei.)

## **- OFICINA 2 e 3**

Introdução à História da Igreja do Carmo.

### OBJETIVOS:

- Perceber a relação dos educandos com relação à edificação que será estudada.
- Estabelecer relações com o conhecimento individual acerca do conceito de patrimônio e dos bens culturais do Rio Grande.

### CONTEÚDOS:

- Patrimônio Cultural
- História e arquitetura da Igreja do Carmo

Procedimentos didáticos:

1. Solicitar aos alunos que escrevam em folha entregue quais as informações possuem sobre a Igreja Nossa Senhora do Carmo.

A professora não irá disponibilizar quaisquer informações, o objetivo é perceber o que os alunos sabem sobre a igreja, o que há em seu imaginário, memória eidética sobre a referida edificação cultural. Após o término recolher a escrita dos educandos.

2. Exposição dialogada acerca da história da igreja, apresentação do estilo e elementos arquitetônicos da igreja. Diálogo fazendo uso de fotografias digitais da igreja.

3. Após o diálogo e as descobertas sobre a edificação a professora devolverá a escrita dos educandos e no verso onde escreveram no primeiro momento, o farão novamente, mas agora tendo por base as informações dialogadas no momento anterior. (Re) significando assim seu entendimento sobre a igreja e também sua relação com a mesma.

(Esta oficina ocupou dois encontros semanais)

#### **OFICINA 4**

Saída de campo: Igreja Nossa Senhora do Carmo

**OBJETIVOS:**

- Estabelecer relações com o conhecimento individual acerca do conceito de patrimônio e dos bens culturais do Rio Grande.
- Reconhecer a arquitetura da igreja do Carmo, revisando os fatos estudados em sala de aula

Procedimentos didáticos:

Dar início à aula em frente a igreja retomando e relembrando nossos conhecimentos acerca da história da mesma. Os alunos terão a oportunidade de serem os explanadores das informações, demonstrando assim o que apreenderam acerca da história e arquitetura da igreja e conseqüentemente da cidade do Rio Grande.

Divididos em pequenos grupos; Fotografar a Igreja e seu entorno, utilizando imagens antigas da igreja (impressas previamente pela professora) e seus arredores, a fim de perceber as mudanças ocorridas na arquitetura da Igreja e entorno; perceber as transformações na cidade, e perceber como se deram e como continuam ocorrendo.

- Analisar em sala todas as imagens produzidas e discutir sobre os pontos acima mencionados
- Produção de um folder com as informações e as imagens produzidas pelos alunos.

Anexo D. 1º Material Paradidático, utilizado na escola durante a pesquisa – Parte externa

Este informativo é parte integrante de um trabalho desenvolvido com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Adventista de Rio Grande como proposta de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande, buscando através da sistematização da história da Igreja do Carmo e de sua arquitetura oportunizar, aos interessados, momentos para que percebam o caráter narrativo da edificação e possam assim compreender, a partir da história da mesma, a história de Rio Grande e por fim, a sua própria, valorizando-as.

**Samantha Ávila Pinto - Mestre em História**  
**Universidade Federal do Rio Grande**  
**Escola Adventista de Rio Grande**  
**Diagramação: Tiago Soares**

FURG      30 Anos EARG      PPGH

**Igreja Nossa Senhora do Carmo**  
**Arquitetura e História**

## Anexo E. Anexo D. 1º Material Paradidático, utilizado na escola durante a pesquisa - Parte interna

A igreja do Carmo é projeto arquitetônico do Frei Cyriaco da Virgem do Carmo de nacionalidade espanhola. O responsável pela construção foi o também espanhol Frey Mariano de São José. O majestoso templo tem as seguintes dimensões: 38 m comprimento, 17 m de largura, 16 m de largura interna e altura desde a base até a ponta das agulhas é de 56 m.

A construção da igreja teve início em 1930, ficando estagnada de 1932 a 1934 e foi concluída em 1938. Sua inauguração se deu em 22 de Abril de 1938.

Em sua totalidade são 40x18m em estilo historicista com imensa riqueza de detalhes que remetem às construções góticas europeias. Construída em formato de cruz, é constituída por três naves e um salão paroquial acrescentado a construção na década de 70.

O altar mor localizado na nave central da igreja foi confeccionado em Porto Alegre - Casa de J. Alloys Friedrich- feito com mármore multicolorido. Neste altar estão dispostas inúmeras imagens, tais como as imagens de Sta. Teresa e S. João da Cruz, Via Sacra entre outras todas confeccionadas em Porto Alegre por um escultor espanhol em Casa de Bartolomeu Lul.

Há ainda outras imagens, mas que foram trazidas do Rio de Janeiro. Já o artístico púlpito foi projetado pelo Imão Mariano, confeccionado em madeira de cedro e produzido em Montenegro pelas mãos de Jacob Krindens. A imagem principal padroeira do templo- Nossa Senhora do Carmo- foi fabricada em Buenos Aires- Casa de Luis Barra. A imagem tem 4 metros de altura e pesa 600 kg.

A igreja do Carmo é uma edificação representativa da cidade do Rio Grande e sua história conta tantas outras daqueles indivíduos que por ela passaram e ainda passam e que por fim contam a história da cidade de Rio Grande.



“Saída da missa na igreja do Carmo”

Estrutura da Igreja do Carmo em Rio Grande, que antecede a atual. Inaugurada em 06 de Novembro de 1809 a Capela do Carmo como era conhecida, foi construída em estilo românico. Sua estrutura era simples e de proporções pequenas, características da arquitetura românica e suas dimensões eram de 10 metros de largura, 40 metros de comprimento e 12 metros de altura, sendo a capela-mor ladeada por tribunas, consistórios e ainda possuir uma sala no andar superior, destinada a reuniões. Na época, a igreja se localizava na Rua Benjamim Constant com Marechal Floriano, atualmente conhecida por “esquina dos quatro bancos”. Foto: Produção dos alunos.



“Construção das agulhas.”

As agulhas foram erguidas sobre as torres da igreja somente entre os anos de 1950 e 52, sendo o encarregado pela construção o engenheiro Huch, bem como o construtor Ribeiro. Com o erguimento das agulhas, o templo passou a ter 16 metros de altura interna e 56 metros externamente, considerando a base até a ponta das agulhas. No início da década de 80, constatou-se infiltração de salitre e gases poluentes nas agulhas das torres, tendo como laudo a situação de uma corrosão contínua e irreversível. Com o laudo definitivo, deu-se início ao processo de demolição das agulhas, sendo concluído em maio de 1985. A firma DIMTEC foi a responsável pela reconstrução e restauro aos moldes originais, que ainda se encontram - alguns - guardados nas dependências da igreja. As agulhas estavam totalmente reconstruídas e restauradas em 1989. Foto: [projeto curiosidades de rio grande.blogspot.com](http://projeto curiosidades de rio grande.blogspot.com)

Nos fundos da antiga construção da igreja, a “capela do Carmo”, havia um cemitério. Neste cemitério eram enterrados os confrades, suas dimensões eram de 25 x 30 metros, possuía túmulos para adultos e entre eles havia dezenove para crianças. Os túmulos eram encravados nos muros, tal qual observamos atualmente nas paredes do cemitério municipal local. Do centro do cemitério sobressai-se uma torre quadrangular com quatro sinos confeccionados em bronze. Com a construção da nova igreja, este cemitério foi demolido e os restos mortais deste cemitério foram transferidos para o cemitério municipal em 1930. Foto: Produção dos alunos.



“Cemitério”

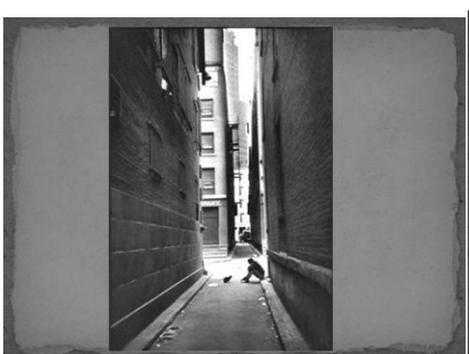
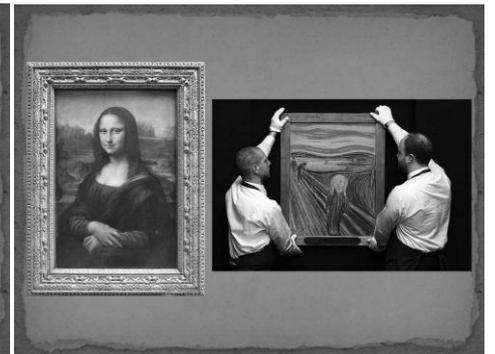
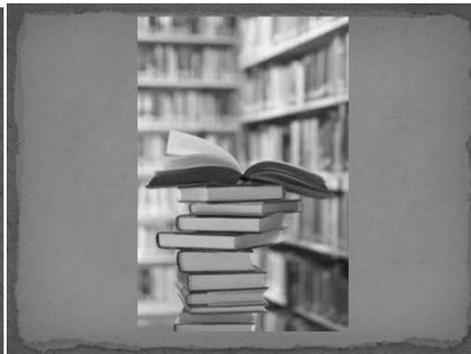


Vista da Rua Gal. Bacelar, em frente à esquina da Igreja do Carmo.

Foto: Produção dos alunos.

Anexo F. Slides utilizados para a exposição dialogada sobre o termo patrimônio e seus desmembramentos.

PATRIMÔNIO?



A palavra em sua origem, nas línguas românicas e alemãs era usada para definir respectivamente "a propriedade herdada dos pais ou antepassados, uma herança" e "cuidado dos monumentos, daquilo que nos faz pensar".

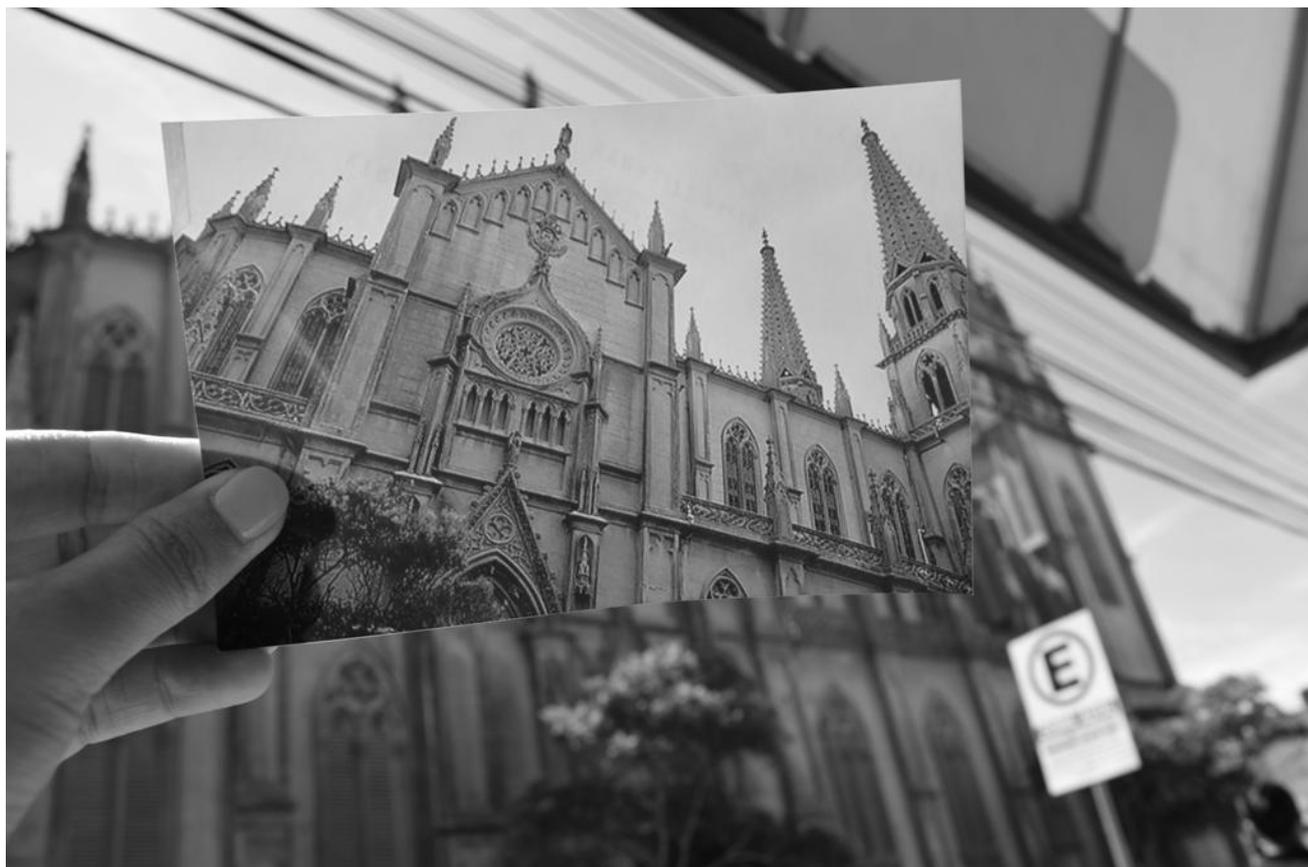
Patrimônio Cultural

# Patrimônio Imaterial

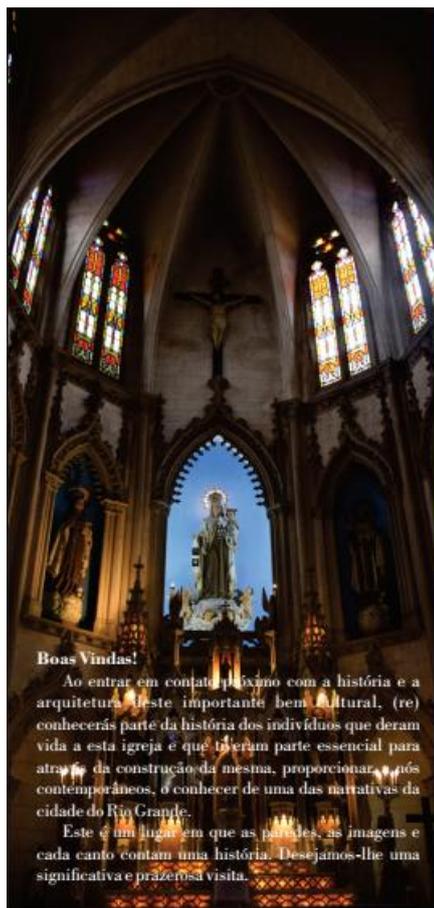
# Patrimônio Material



Anexo G. Fotografias produzidas pelos alunos.



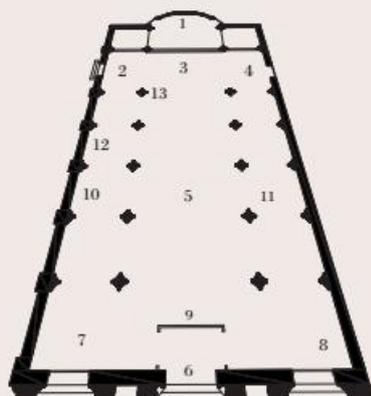




**Boas vindas!**

Ao entrar em contato próximo com a história e a arquitetura deste importante bem cultural, (re)conhecerás parte da história dos indivíduos que deram vida a esta igreja e que tiveram parte essencial para a construção da mesma, proporcionar a nós contemporâneos, o conhecer de uma das narrativas da cidade do Rio Grande.

Este é um lugar em que as paredes, as imagens e cada canto contam uma história. Desejamos-lhe uma significativa e prazerosa visita.



- |                 |                        |
|-----------------|------------------------|
| 1. Altar Mor    | 7. Pia Batismal        |
| 2. Transepto    | 8. Caminho ao Calvário |
| 3. Cruzeiro     | 9. Rol de Entrada      |
| 4. Porta Oeste  | 10-11. Naves Laterais  |
| 5. Nave Central | 12. Confessionário     |
| 6. Porta Sul    | 13. Púlpito            |

**Referências**

Jornal Rio Grande, 20 de Abril de 1938. Biblioteca Rio-grandense, Cidade do Rio Grande. Jornal Cruzeiro do Sul, 23 de Abril de 1938, Cidade do Rio Grande.  
 Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Rio Grande: 1912-1938. Arquivos da Igreja do Carmo, Cidade do Rio Grande.  
 PINTO, Samantha Ávila. Arquitetura e Patrimônio no ensino de Artes: Cidade um livro aberto. 2013. 97 f. Trabalho Conclusão de Curso. Faculdade Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.  
 PINTO, Samantha Ávila. Arquitetura e Patrimônio no ensino de História e a Igreja Nossa Senhora do Carmo. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.



Seguindo pela nave lateral percorremos, através de esculturas na parede, a Via Crucis ou Via Sacra, que significa caminho sagrado. São quatorze esculturas coloridas divididas e dispostas nas paredes das naves laterais, representando para os cristãos, com base na Bíblia, o sofrimento do caminho percorrido por Jesus, do Tribunal de Pôncio Pilatos ao monte do calvário.

O cruzeiro, espaço que demarca o encontro da nave central com o transepto, não é constituído por vitrais, possuindo oito pontas na estrela. No Cruzeiro vemos uma abóbada estrelada formando uma figura em forma de estrela.

Permeando o transepto encontram-se três altares, nas extremidades do mesmo há dois dos três altares, estes foram confeccionados em Porto Alegre – Atelier J. Aloys Friederich. No centro do transepto, encontra-se o altar-mor inteiramente de mármore multicolorido e nicho da imagem da Virgem do Carmo, nele estão alocadas também diversas imagens, entre elas a imagem de Santa Teresa e de S. João da Cruz. Em sua maioria, confeccionadas em Porto Alegre por um escultor espanhol no Atelier de Bartolomeu Lluí. As outras imagens foram trazidas do Rio de Janeiro. No interior do altar-mor temos arcada, trifório e clerestório e acima do clerestório abóbada de nervuras.

O púlpito foi projetado pelo Irmão Mariano, confeccionado em madeira de cedro e produzido em Montenegro por Jacob Krindens. A imagem da padroeira foi disposta em seu nicho em 7 de setembro de 1939, após a inauguração. A escultura da Nossa Senhora do Carmo com quatro metros de altura foi confeccionada em Buenos Aires, no Atelier de Luiz Barra.

Cada uma das duas torres possui em seu interior quatro sinos de metal com detalhes de folhagens no corpo externo, neles está registrado o nome do responsável pela fundição dos sinos, local e data, sendo assim, os sinos são atribuídos a Manoel Antonio da Silva Filhos, em Lisboa no ano de 1870.

A Igreja do Carmo é um marco focal na paisagem urbana de Rio Grande-RS materializado de forma isolada no final do calçamento com uma imponente verticalidade em se tratando de construções religiosas. Localizada na Rua General Bacellar n° 224, sua rica estrutura possui em sua totalidade, aproximadamente, 648m².

Os principais elementos arquitetônicos e decorativos que compõem a referida igreja remetem ao estilo Gótico. Tal estilo predominou primariamente em meados do século XII, desenvolvendo-se estilisticamente ao longo do século XIII. Na igreja do Carmo identificam-se elementos deste estilo, quais sejam: Arcos ogivais, Abóbodas sobre cruzeiros de ogivas, rosácea, gárgulas, vitrais, em uma construção de cruz latina.

Frei Sigmundo de São Luís Gonzaga, terceiro pároco da Capela do Carmo (no período de 1924 a 1933), decide realizar o projeto da nova Igreja após a demolição da antiga e no mesmo dia em que ocorreu a solenidade de inauguração da capela e convento, presenciou-se também o lançamento da pedra fundamental da nova igreja em 16 de fevereiro de 1930.

Cyriaco de São José foi o idealizador do projeto arquitetônico da igreja, bem como do novo convento. As obras estavam a cargo de outro carmelita espanhol, irmão Mariano e acompanhavam-nas também os párocos Sigmundo, Florentino e Caio. Entre os anos de 1932-34 a construção precisou ser interrompida. As obras da Igreja do Carmo foram retomadas pelo Frei Mariano sendo esta concluída em 1938 e inaugurada no dia 22 de abril do mesmo ano.

A sofisticação do edifício deu-se pelo projeto do frei Mariano de São José, que foi considerado o arquiteto da obra. Contudo, mesmo sendo inaugurado em 1938, o acabamento final se deu em 1939, principalmente pela ausência de um dos elementos esteticamente essenciais para o todo da construção: as agulhas.

As agulhas foram erguidas sobre as torres da igreja somente entre os anos de 1950 e 52. Ao analisarmos os elementos arquitetônicos da Igreja do Carmo, percebemos um revivalismo do estilo gótico espanhol e francês.

Na fachada da igreja, temos a portada principal, onde podemos já identificar diversas imagens em escultura e a presença das Gárgulas nas extremidades. Além das gárgulas, outro elemento fortemente característico do gótico e que encontramos na fachada da igreja, é a Rosácea conhecida como “o olho da igreja”, justamente por ser uma estrutura redonda e composta por vitrais. Temos ainda a presença de outra rosácea na lateral da igreja.

O interior da igreja, assim como o exterior é rico em detalhes. Internamente, a igreja, é composta por três naves, com planta em formato de cruz latina, na nave central e nas laterais vemos abóbada de cruzaria quadripartida com nervuras. Logo ao adentrar a igreja, deparamo-nos com os santos de roca, são duas imagens de Cristo, uma delas com Maria, em tamanho natural. A autoria é desconhecida, mas ambas as imagens possuem cabelos humanos doados por fiéis. No lado oposto, encontra-se a pia batismal, confeccionada em mármore com riqueza de detalhes entalhados.



Interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo, Rio Grande. Fonte: autor(a) em pesquisa, 2016.